

IHGP

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA

ANO V 1997 NÚMERO 5



INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
DIRETORIA
(11/03/96 a 28/02/98)

Presidente:
FREDERICO PIMENTEL
GOMES
Vice-Presidente:
OSWALDO CAMBIAGHI
1º Secretário:
MOACYR O. CAMPONEZ
DO BRASIL SOBRINHO
2º Secretário:
CECÍLIO ELIAS NETTO
1º Tesoureiro:
DÉCIO AZEVEDO
2º Tesoureiro:
WALTER CARMELO ZOCCOLI
Orador:
ELIAS SALUM
Bibliotecário:
JOSÉ LUIZ GUIDOTTI

IHGP
Revista do Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba
Ano V - 1997 - Número 5
Coordenadora da Revista:
CLÓRIS ALESSI

O IHGP é uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Os artigos nela publicados são colaborações de seus sócios. Entretanto, a revista abre espaço para outros autores que se dediquem ao estudo de temas históricos ou geográficos. Todos os artigos podem ser reproduzidos, desde que indicada a fonte. As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade dos autores.

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
CGC 508.538.78.0001-48
Rua do Rosário, 781
13400-180 Piracicaba-SP - Brasil
Telefone: (019) 434-8811

EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Degaspari
R. Barão de Piracicamirim, 1926
Fone/Fax: (019) 433-6748
13416-150 - Piracicaba - SP

IHGP

INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA

SUMÁRIO

Algumas Novidades sobre o IHGP <i>F. Pimentel - Gomes</i>	03
A Agricultura na Luiz de Queiroz: A Questão da Metodologia Científica <i>Marly Theresinha Germano Perecin</i>	05
Manoel Martho, Um Resumo Biográfico <i>Francisco de A.F. de Mello</i>	14
Dr. João do Amaral Mello <i>Marcelo Meira Amaral Bogaciovas</i>	19
O Rio Corumbataí <i>José Luiz Guidotti</i>	23
Plantas nas Ruas da Cidade <i>Guilherme Vitti</i>	26
Protocolo de Intenções - Curso de Medicina <i>Almir de Souza Maia</i>	28
A Dialética do Saber <i>M. Dulce B. Bergamin</i>	32
O Alfabeto Espanhol <i>F. Pimentel - Gomes</i>	35
Construções Rurais Coloniais no Quadrilátero do Açúcar, Estado de São Paulo <i>Celso Lago Paiva</i>	37
A Visão Administrativa de Mello Moraes <i>Aristeu Mendes Peixoto</i>	47
João Chiarini é "Prata da Casa" - Caipiracicabano Sim Senhor <i>Maria Inês Alves de Andrade</i>	50
Saudade de Leandro Guerrini nas Comemorações do Centenário de seu Nascimento <i>Cecílio Elias Neto</i>	52
O Metodismo em Piracicaba tem a sua História <i>Marcelo Cachioni</i>	58
A Fazenda Milhã e Antonio Ferraz de Arruda <i>Fernando Ferraz de Arruda</i>	68
Uma História de Silêncios <i>Cecílio Elias Neto</i>	70
Piracicaba Industrial <i>Pedro Caldari</i>	88

Fotografia da Capa: Vista aérea do Edifício Principal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ).

ALGUMAS NOVIDADES SOBRE O IHGP

F. Pimentel-Gomes
Presidente

No corrente ano de 1997, várias novidades interessantes favoreceram o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP).

Em primeiro lugar, foi contratada com o especialista em Informática Jorge França a instalação de um aplicativo no computador para elaboração de fichas de todos os livros de nossa biblioteca (cerca de 3.000), com possibilidade de consulta rápida sobre títulos, autores e assuntos, além do controle de empréstimos. Paralelamente estão sendo limpos e tratados para melhor conservação todos os volumes do IHGP.

Por outro lado, mediante acordo com o Poder Judiciário de Piracicaba, estão sendo estudados processos, desta cidade, de Rio das Pedras e de Santa Bárbara, desde o século passado até os nossos dias. Essa pesada tarefa conta com o apoio de dois estagiários, Rodrigo Correa Godoy e Vitor André de Souza, estudantes da UNIMEP, pagos pela Prefeitura Municipal. A tarefa obedece à orientação de Comissão integrada por: Moacyr O. Camponez do Brasil Sobrinho, Marly Therezinha Germano Perecin, Edmar José Kiehl, Maria Dulce Bandeira Bergamin e Francisco de Assis Ferraz de Mello.

3

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Além disso, foram doados ao IHGP, pela Secretaria de Ação Cultural, coleções da Gazeta de Piracicaba, do Jornal de Piracicaba e de alguns outros periódicos locais antigos, já microfilmados por aquela Secretaria. Para abrigar esse valioso material, foi cedida pelo Jornal de Piracicaba, ao IHGP, uma sala na antiga sede desse periódico, à Rua Morais Barros. A mesma Comissão mencionada está dirigindo estes trabalhos.

A pintura da sala da Biblioteca e de um quatinho de despejo, com colocação de persianas verticais e arrumação geral, são outras tarefas em andamento. Também foi reforçada a iluminação elétrica de nossa sede.

Para terminar, está prestes a sair a nossa revista (IHGP), número correspondente a 1997, com pouco mais de cem páginas, e também uma nova edição, revista e ampliada, do livro de Hugo Pedro Carradore **Retrato das Tradições Piracicabanas**.

Essa atividade intensa tem sido possível graças à boa vontade e dedicação de vários sócios, e também graças à verba de R\$ 17.000,00 recebida da Prefeitura Municipal de Piracicaba no corrente ano.



A AGRICULTURA NA LUIZ DE QUEIROZ: A QUESTÃO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA

Marly Theresinha Germano Percin

Um dos pioneiros no ensino de Genética no País, ciência que ensaiava os primeiros êxitos no começo do século XX, foi o Prof. Carlos Teixeira Mendes, durante a segunda década (1). Já nesta época, a Escola Agrícola Luiz de Queiroz aspirava transformar-se num Instituto Superior de Ciências Agrícolas, pois tinha a oferecer uma organização de ensino que a gabaritava entre as melhores agências de saber científico no Brasil. Possuía professores catedráticos e auxiliares em suas oito áreas de conhecimento e tinha a oferecer o curso de Melhoramento de Plantas Agrícolas (seleção, hibridação e mendelismo), dentro da ciência em ascensão, a Genética, ministrada pelo seu catedrático de Agricultura, o Prof. Dr. Carlos Teixeira Mendes. (2)

A metodologia de trabalho científico praticada pelo Dr. Mendes, em nível de docência e pesquisa, no interior de uma Escola, aparece em diversos trabalhos publicados pela revista *O Solo* durante a segunda e a terceira décadas do século. Preocupado em divulgar, o ocupadíssimo professor infundia a construção narrativa a seus apontamentos para aulas teóricas, bem como mostra o seu artigo "Notas para o Curso de Melhoramento de Plantas", provavelmente, a meio das suas culturas experimentais distribuídas nos campos de trabalho da Fazenda Modelo. (3) Era um pioneiro, promovendo seus iniciados em Agricultura Geral na problemática da moda, introduzida nos meios científicos latino-americanos de forma recente.

Na América Hispânica, as origens da pesquisa científica quanto ao melhoramento de plantas e métodos de cultivo acham-se ligadas às primeiras Estações Experimentais, criadas no começo do século XX, vazadas nos modelos europeus e norte-americanos, mais antigos. (4) Não obstante, o Brasil possuía desde fins do século XIX, a Estação Agronômica de Campinas (1887), que passou a Instituto Agronômico

(1) O professor Carlos Teixeira Mendes era aluno formado em 1908, quando a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz era um estabelecimento de ensino técnico secundário. Aperfeiçoou-se na França e Inglaterra, a mando do governo de São Paulo. Em 1914, "O Solo", em sua edição especial comemorativa, chama o jovem professor de "Orgulho da Escola". Desde 1918, ocupava a 4ª Cadeira, a de Agricultura, considerada na época como a mais importante do "currículum" da Luiz de Queiroz. Pela lei de 30/12/1925, a Escola veio a adquirir status superior, passando a diplomar engenheiros agrônomo. Em 1928, data do trabalho publicado, a que nos referimos em nosso texto, o professor Mendes era lente catedrático de Agricultura Geral e Especial na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz de Piracicaba.

(2) Souza Reis - O Ensino na Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba, p.144.

(3) Referimo-nos ao seu trabalho: "Seleção, Notas para o Curso de Melhoramento de Plantas". In *O Solo* XX (11/12), p.51-60.

5

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

(4) A Estação Agrícola Central de San Jacinto, no México (1908) parece ser a mais antiga. Seguiram-se-lhe o Instituto Fitotécnico Nacional de La Estanzuela, no Uruguai, a Estação Agrícola de Santiago de Las Vegas, em Havana-Cuba, e a Estação Agronómica do Ministério da Agricultura, no Chile. Dentre elas, La Estanzuela é considerada pioneira na linha de pesquisa sobre melhoramento de plantas. In *Las Ciencias Agrícolas em América Latina, Progreso y Futuro*, p. 125.

(5) História Geral da Civilização - A Época Contemporânea, VII (3). Maurice Crouzet, Cap. II, Os Enriquecimentos da Biologia e a Revolução da Medicina, p. 170-183.

(6) É o que revela o Diretor do Instituto de Investigações Agropecuárias do Chile, Manuel Elgueta Guerino, que, naquela época, ali realizava a sua pós-graduação. "No se usaba en los ensayos el sorteo de variables para obtener una distribución casual que permitiera el análisis de varianza tan generalizado hoy día. También, recién se estaba comprendiendo la posibilidad de producción de maiz híbrido y algunos otros métodos, hoy corrientes como el retrocruzamiento... Tampoco se comprendía el proceso de investigación como u. integración de diferentes factores. El mejoramiento constituía una línea definida y aislada." In *Las Ciencias Agrícolas en América Latina*, Cap. V, Evolución en la Investigación Agrícola... p. 129"

de Campinas (1892), havendo lançado importantes trabalhos (inclusive sobre o café).

Os progressos experimentados na área das Ciências Biológicas, no final do século XIX, promoveram o desenvolvimento da Genética e definiram estudos sobre o melhoramento das espécies animais e vegetais, mediante a intervenção do homem. Gradualmente, abandonou-se o empirismo, pelas problematizações teóricas, ensejando-se o desenvolvimento de uma metodologia científica com resultados práticos. Mas o pesquisador, ainda, permanecia em condições expectantes, sem desdenhar o inesperado, que frequentemente ocorria, ou sem desligar-se inteiramente do empirismo, seja na testabilidade dos seus resultados, seja nas pré-condições da própria pesquisa.

A obtenção de variedades de plantas melhoradas, a partir do trato científico das sementes, pelo conhecimento da hereditariedade e com transmissão dos caracteres específicos da espécie e da linhagem, era prática divulgada na primeira década do século XX. Constituíam o resultado dos estudos anteriores sobre os genes e a teoria cromossômica da hereditariedade de T.H. Morgan, a que se associavam o conhecimento sobre as mutações bruscas e transmissíveis e sua manipulação, de Fisher e Haldane (Inglaterra), e do biólogo Lyssenko (Rússia). Estes avanços estimularam as pesquisas em todos os centros científicos voltados para a prática da Agronomia. (5)

O período 1920-40 foi marcado pelo grande empenho dos pesquisadores no melhoramento das plantas, desenvolvendo-se vários processos que acabaram por constituir uma nova metodologia científica. Eram trabalhos pioneiros e inovadores. A própria Universidade de Cornell, tão reputada nas ciências agrícolas, em 1931/32, ainda não havia completado sua linha de pesquisa. (6)

Portanto, o professor Carlos Teixeira Mendes, desenvolvendo trabalho desta natureza em sua docência na Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba, era um moderno no contexto da época. No artigo a que nos referimos, ele define e conceitua o seu objetivo de análise (seleção genética), bem como os fins a que se destina: Seleção para Melhoramento (7). Ao revelar a sua estratégia de pesquisa, demonstra o quanto já se distanciara de outro agrônomo brasileiro, de formação europeia, o Dr. Francisco Dias Martins, ex-docente e ex-diretor da Escola, durante a primeira década, e autor de um "best-seller" da época, o ABC do Agricultor. (8) Observa-se que o Dr. Dias marca um momento de transição dos processos empíricos para a metodologia científica, em que prevalecia a "teoria do grão mais pesado" defendida como o principal critério de seleção. (9)

Em 1911, durante a IV Conferência Internacional de Genética, realizada em Paris, o agrônomo Boeuf, diretor da Estação Experimental Agrícola da Escola Colonial de Agricultura de Tunis, confirmava a nova metodologia, fruto das suas experiências com trigo: a seleção mediante grupos de plantas. Idênticas eram as posições do professor Alpe na "Stazione Sperimentale di Risicoltura e delle Coltivazioni, Irrigue di Vercelli", do agrônomo belga De Caluwe no "Jardin d'Essais de Gand". Mediante experimentações com aveia e cevada, de Jannesson na "Station of Glasterberry". Na Escócia, e de Th. Remy na Academia Agrícola de Bonn-Poppelsdorf na Alemanha. Era o que demonstrava Vilmorin, o autor sempre citado pelo professor Mendes, quando em-

6

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

preendera seus trabalhos de seleção científica de plantas, em busca da "planta pedigree". (10)

O agrônomo Conduru em seu artigo sobre A Seleção Empírica e a Teoria do Grão Mais Pesado, encerrava a discussão sobre o método generalizado na segunda década: "só depois de uma variedade ser fixada é que as influências de peso da semente, porcentagem de grão e rendimento de grão da planta-mãe poderiam manifestar-se livremente. O mais belo grão é a melhor semente terminando a seleção e não para a iniciar". (11)

Julgamos interessante a posição do Prof. Mendes, não só como pioneiro no País, mas pela estratégia desenvolvida na sua Agricultura Geral quanto a práticas seletivas para o melhoramento de plantas, na segunda década do século. Dai, considerarmos muito valioso o seu trabalho publicado na revista *O Solo*, em 1928.

O Prof. Mendes propunha a seleção racional para o melhoramento das plantas no rumo das "variações flutuantes e da obtenção das Linhas Puras", mas sem desconsiderar as estratégias empíricas. (12) Mesmo definindo o seu projeto de pesquisa, problematizando o seu objeto, testando as suas hipóteses, dentro de metodologia científica que adotou. O conhecimento passado e o cientificamente construído não se excluíam. A percepção empírica ainda se acha muito presente no processo de entendimento do objeto, a seleção.

Os autores citados em seu trabalho, também tiveram a sua dose de participação empírica assegurada na lógica inferencial da produção do conhecimento e da construção científica. Historicamente, empirismo e teoria expressaram momentos do processo de construção do conhecimento, em que o produto da prática se transforma em abstração e a abstração é devolvida à prática, sob deduções, definições conceituais, teorias. (13)

Não é sem outra intenção, que a de reforçar a busca por uma metodologia científica, que o Prof. Mendes evoca as estratégias de pesquisa desenvolvidas pelos autores que o antecederam. Conhecia, na prática, o quanto era significativo para as Ciências Agrônômicas o aparato teórico-conceitual e a linha metodológica daqueles. Ao citar as estratégias de Shirref, Le Couteur, Hopkins, Vilmorin e Rimpau, Neegard e Nilsson, investigadores que desenvolveram os melhores métodos para obter o isolamento de linhagens "puras" em trigo, aveia, beterraba, revela o quanto tiveram de intuitivos e racionais, sem desfazer-se do empirismo, frequentemente manifesto ao lado da teoria.

O Método das Linhas Puras

Neegard e Nilsson, em Svaloff, Suécia, desenvolveram o método da "rígida separação ou das linhas puras", que passou a ser considerado o caminho mais seguro para a verdadeira seleção entre as formas diversas, muito comuns nas variedades de plantas. Com base neste método, o Prof. Mendes revela no artigo da Revista a sua própria estratégia de pesquisa.

O objeto está devidamente problematizado: a seleção das sementes de arroz, a partir de grupos de plantas. A relação estabelecida entre o objeto e as formulações teóricas da época lhe permite desenvolver um método para atingir o conhecimento que pretende construir

(7) Segundo o Prof. Mendes, a palavra "seleção" é utilizada para o processo racional de escolha de indivíduos que se diferenciam dos outros por um caráter qualquer que as gerações posteriores vão revelar e que constituirão exemplares de outra variedade ou clone. A palavra "melhoramento" é utilizada no sentido atribuído por Philippe de Vilmorin na Bélgica (?), quanto a melhoramento de raças e por Hallet, na Inglaterra, como sentido de cultura de "pedigree", significando escolha contínua e cuidadosa das melhores plantas para a propagação da variedade. Tal é o procedimento capaz de conduzir a resultados de melhoramento, muitas vezes elevado, como no caso da concentração do açúcar na beterraba. In *O Solo*, XX (11/12), jul-ag. 1928, p.51.

(8) Num dos seus artigos para a revista *O Solo*, o Dr. Martins pondera sobre as sementes mais pesadas e maiores, as quais teriam vantagens sobre as demais, por nascerem melhores e mais rapidamente, produzirem plantas melhores e colheitas mais fartas, aumentando entre 20 e 28%, proporcionando maiores lucros. Como outros da sua formação, associava empirismo a cálculos de porcentagem para demonstrar a estratégia descjada. In *O Solo*, XIX (3), 1927, p.52.

7

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

(9) A teoria do grão mais pesado como critério de seleção fora derrubada na primeira década pelo avanço do conhecimento sobre as condições gerais da hereditariedade. O agrônomo suíço, J.M. Hesketh Conduro da Station Fédérale d'Essais et du Contrôle de Semences Mont-Calmé-Lausanne, desenvolvia uma metodologia científica sobre grupos de plantas com caracteres da planta desejada, escolhendo-se as melhores, até chegar-se a uma mãe de elite, ou planta "pedigree", capaz de gerar descendência nova. In *Revista de Agricultura* 2(1), jul-ago / 1927. p.01-08.

(10) *Revista de Agricultura* 2(1), jul-ago / 1927 p.1-8.

(11) *Ibidem*

(12) O conhecimento empírico é sempre citado pelo Prof. Mendes como aquele herdado, sem base teórica. *Revista O Solo*, XX (11-12) jul-ago / 1928, p.51-60.

(13) Wilson do Nascimento Barbosa. *Teoria e Empíria*, p.24

(14) Prof. Carlos Teixeira Mendes - Seleção. *Notas para o Curso de Melhoramento de Plantas*. In *O Solo*, XX (11-12), jul-ago / 1928, p.54

(15) *Iidem*, p. 55-56.

e o resultado que almeja obter. Resumindo: à medida que descreve as fases do seu trabalho, vemo-lo aplicando normas e procedimentos, referindo-se a fontes de dados (observação, experimentação, análise de laboratório), a coletas de dados para a construção de amostragens e produção de informações codificadas em tabelas, gráficos, estatísticas para serem verificadas no momento da testabilidade das suas hipóteses, e, finalmente, apresentadas como resultados que devem realimentar a teoria. Enfim, uma metodologia científica, no contexto do avanço genético da primeira e segunda décadas do século XX.

Sigamos-lhe os passos, a partir da conceituação de "linha pura" que adotou e da aplicação dos seus pressupostos a uma hipotética cultura. Assim, as sementes plantadas devem produzir uma população que será estudada, individualmente, planta por planta, em seus caracteres principais. Estas podem ser distribuídas, por grupos, reunindo certos caracteres comuns. Do isolamento destes grupos, tomando-se o termo mais notável ou médio, conforme o fim que se tem em vista, torna-se a reproduzir, e, por meio de gerações sucessivas, chega-se a obter uma linha pura (14).

Na aplicação prática do método à seleção das sementes de arroz, o Prof. Mendes prevê diversas etapas que, resumidamente, apresentamos: 1) Um litro de sementes escolhidas dentre as melhores possíveis de uma cultura conhecida, de uma variedade bem definida. 2) Faz-se a seleção das sementes em laboratório, de forma a obter uma igualdade aparentemente perfeita quanto à cor, forma, tamanho e densidade em todos os caracteres possíveis de determinação à vista. 3) Procede-se à sementeira das sementes triadas em um parcela de terreno, com critérios de uniformidade. A uma mesma profundidade, a cada espaço estabelecido, colocam-se duas sementes, para, dias após, quando completada a germinação, eliminarem-se as desnecessárias, até, obter um pé para cada cova. 4) Obtidas 570 plantas, serão submetidas aos mesmos tratamentos culturais, evitando-se, na época propícia, o perigo de cruzamento. 5) Aproximando-se a maturação, suprimem-se as duas linhas extremas laterais e as duas extremidades da parcela. Obtêm-se 8 linhas de 55 plantas cada, correspondendo a um total de 440 plantas (cada uma procedente de um único indivíduo). 6) Feita a contagem, considera-se separadamente cada linha (A, B ou C, etc.) e nela cada planta, devidamente numerada (por ex.: planta 1, planta 2, etc.), a fim de facilitar a sua análise em laboratório; por ex.: pl-37-D.

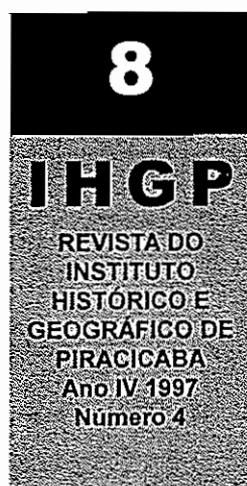
O pesquisador selecionará os caracteres que deseja determinar. Por ex.: 1) O nº total de colmos produzidos por uma planta. 2) O nº total de cachos de cada planta, ou seja, a sua perfilhação útil. 3) O peso líquido de arroz de cada indivíduo.

Na hipótese de trabalhar com estes ou mais caracteres, o pesquisador poderá levantar números, construir tabelas, traçar curvas de frequência, tantas quantos sejam os caracteres estudados. As "linhas puras" serão isoladas por meio das curvas de frequência ou polígonos de frequência.

Conclusões do autor. (15)

1) "As variedades puras apresentam uma curva unimodal que pode ser simétrica ou assimétrica".

2) Tomando-se produtos que representem a maior Constante ou Dominante, a sua descendência deverá reproduzir curvas bem se-



melhantes ou iguais, prevalecendo as mesmas condições de trabalho e igual número de plantas.

3) "Essa maior Constante ou Dominante constituirá uma Linha Pura se for isolada". Chega-se a várias linhas puras.

4) Completando-se a separação, resta proceder à seleção para o Melhoramento.

No estudo comparativo das curvas, valia-se dos seguintes dados:

- A Média Aritmética (fórmula)
- A Dominante (gráfico)
- O Desvio Médio (fórmula)
- O Desvio Tipo ou Standard (fórmula)
- O Coeficiente de Variação (fórmula)

O Prof. Mendes justificava estes dados como imprescindíveis para avaliar a marcha da seleção. Por eles, permite-se conhecer se a variedade em estudo tende para o melhoramento, se é estável ou se é propensa a retroceder. (16)

Da bibliografia consultada pelo Prof. Carlos Teixeira Mendes neste artigo encontrado na revista *O Solo*, levantamos junto à Biblioteca Central da ESALQ os dois autores citados, Herbert Eugene Walter e Armand Julin. Vejamos:

I. Walter (H.E.) - *Genetics. An Introduction to the Study of Heredity*. New York. The Mcmillan Company, 1923.

Lembramos que H.E. Walter era professor da Brown University, EUA, e que a 1ª edição da sua obra data de 1913.

II. Julin, Armand-*Précis du cours de statistique générale et appliquée*. 5ª ed. Paris, Marcel Rivière éditeur, 1923.

Lembramos que esta obra era utilizada em seu curso na Universidade de Gand, Bélgica. Ignora-se a data da 1ª edição.

Os recursos de que se valeu o Prof. Mendes em sua estratégia para a obtenção de variedades de arroz em direcionamento a linhagens puras para seleção, fazem parte de um contexto de época, em que os processos desenvolvidos por Nilsson com trigo, na Suécia, eram também aplicados em cereais, com variações, na Bélgica, Inglaterra, EUA. Na segunda década do século, quando as ciências agrônomicas estavam se firmando no Brasil, constituía-se numa prática inovadora a aplicação de recursos matemáticos e estatísticos associados às informações teóricas da área das ciências biológicas. Embora o Instituto Agrônomico houvesse se antecipado às pesquisas genéticas em sementes, o Prof. Mendes aplicava em nível de docência, em sua cátedra de Agricultura na Escola Luiz de Queiroz, uma metodologia científica compatível com a produção internacional.

O seu trabalho *Seleção*, publicado tardiamente, na revista *O Solo*, abre frestas para avaliação da proposta pedagógica de uma escola de Agronomia que aspirava qualificação de ensino superior, já na segunda década do século. O trabalho do Prof. Mendes refletia os avanços da metodologia científica da época. (17) Uma ciência não só é socialmente construída, como é muito melhor definida em função do método aplicado do que em relação ao assunto estudado.

(16) *Idem*, p.60.

(17) Karl Pearson, em 1900, definiu o perfil do cientista: "O Homem que classifica fatos, seja lá de que natureza for, que vê sua relação mútua e descreve suas sequências, está aplicando o método científico e é um Homem de ciência". *The Grammar of Science*, p.12-13

9

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

(18) Peter H. Mann - Métodos de Investigação Sociológica, p.21

(19) José Vizioli - Melhoramento da Cana-de-Açúcar. In Revista de Agricultura 2(1), jul-ago / 1927, p.45.

(20) O Dr. Salvador de Toledo Piza Jr. era aluno formado em 1920, com curso de aperfeiçoamento na Alemanha. Tomou-se catedrático de Zoologia na Luiz de Queiroz e uma das autoridades nos meios científicos do país, muito respeitado por seus trabalhos internacionais. O artigo em questão foi publicado na Revista de Agricultura, editada pelos professores da Escola e consta entre as páginas 9-23.

Nas segunda e terceira décadas do século, vemo-lo praticando os princípios fundamentais do trabalho científico:

A observação sistemática, seletiva e finalista sobre os sujeitos da sua investigação.

A classificação das variáveis segundo os parâmetros estabelecidos.

A interpretação dos resultados durante a marcha das avaliações, no rumo da obtenção das linhagens puras.

Finalmente, a testabilidade da sua hipótese de trabalho (levantada a partir de bases teóricas), no campo da realidade objetiva: as curvas de frequência apresentadas como principal critério de verificação da pureza das linhagens, são acompanhadas de dados estatísticos que possibilitam avaliar a marcha da seleção intencionada, podendo oferecer respostas ou sugerir mudanças.

Nestas condições, a testabilidade da hipótese só pode reforçar a posição do pesquisador e realimentar a teoria nos melhores termos do possível, isto é, revelando-se compatível com o conhecimento científico no plano da realidade objetiva. O Prof. Mendes atingia os limites do possível, dentro dos recursos da sua época.

"A ciência é, antes, uma questão de dosagem do que um absoluto é ou não é". (18)

Os Avanços da Metodologia Científica na Genética

Em 1927, causara impacto nos meios agrônômicos a conferência do Dr. José Vizioli, ex-aluno da Luiz de Queiroz, pós-graduado em Cornell e Diretor da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar em Piracicaba. A aplicabilidade dos princípios da Genética à agricultura possibilitava a obtenção de produtos distintos com características desejáveis (resistência às pragas e epifitas, ou maior rendimento industrial) mantidas em processo de multiplicação; este era o teor principal da comunicação.

Eram tamanhas e tão espetaculares as possibilidades de melhoramento das plantas por meio da seleção genética que, no dizer do conferencista, aquela ciência fazia "o papel do artista que se incumbem do acabamento e retoque da obra perfeita". (19)

Tomava-se conhecimento de quão avançadas se achavam as pesquisas desenvolvidas, desde o século XIX por Kobus na Estação Experimental de Java, ou por Howell na Estação Experimental de Barbados, ou em Cuba, na Índia e na Argentina. Variedades que revolucionavam a agro-indústria açucareira poderiam ser colocadas à opção do produtor, deslocando-se a questão do plano da ciência pura para a ordem prática do agricultor ou do mercado.

Os êxitos assegurados pela nova ciência a colocavam em posição de destaque na comunidade científica.

Se os "passos" do Prof. Mendes no rumo do desenvolvimento da metodologia científica aplicada à Agricultura demonstravam o avanço no rumo da Genética das plantas nos padrões da primeira e segunda décadas do século, outro pesquisador, mais jovem, o Dr. Salvador de Toledo Piza Jr., desenvolvia na mesma Escola, durante a terceira década, procedimentos mais avançados no campo da Entomologia. (20)

O seu trabalho Noções de Biometria. Variações do Número de Dentes da Tíbia do *Stephanoderes* (a popular "broca do café").

10

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

publicado na *Revista de Agricultura*, em 1927, foi considerado de "excelente nível para a época e de caráter pioneiro" (21).

Trata-se de um estudo de 15 páginas a respeito de 283 amostas, obtidas sobre as tibias do lado direito e do lado esquerdo do primeiro par de patas daqueles insetos coleópteros. Aplicou-se uma estratégia constante de duas fases:

Na primeira, procedeu-se aos cálculos biométricos, a partir daqueles primeiros resultados.

A Biometria opera com símbolos e definições conceituais (variante: V, frequência: p, frequência de variante: l e operacionais (fórmulas) que introduzem aos procedimentos de quantificação em mensuração, propriamente ditos. São indispensáveis instrumentos para o estudo de uma população onde um caráter varia. Quando se opera com um grande número de indivíduos, os cálculos tornam-se mais extensos, os conceitos mais numerosos. Trabalha com cálculos sobre a "Média das variantes", o "Desvio standard", o "Coeficiente de variação", o "Erro médio do coeficiente de variação", o "Erro médio da diferença das médias". (22)

O Prof. Piza Jr. não cita a bibliografia consultada mas, refere-se com grande respeito aos "biomatemáticos", a Pearson e Daenport na Matemática, a Johansen e Lang na Biologia, autores da sua contemporaneidade. Mas neste sofisticado exercício de Biometria aplicada à Entomologia, revela, na terceira década do século, os recursos de que dispunha para a construção da sua estratégia, alinhada aos parâmetros da moderna metodologia científica. Uma ciência é sempre melhor definida em relação ao método aplicado do que em razão do assunto estudado.

Da observação de como o Prof. Piza Jr. problematizou o seu objeto, classificou as suas variáveis, aplicou-lhes o tratamento biomatemático, sujeitou a definições conceituais e operacionais diversas, até chegar a conclusões sobre a média dos valores de todas as variantes, dentro de diversos critérios de probabilidades de acerto e de erro, aflora o método científico. Compreendemos que buscava, não meramente um exercício de Biometria Aplicada, mas os fundamentos de uma metodologia científica a seus estudos de Genética na área de Zoologia.

Trabalhos como os do Prof. Carlos Teixeira Mendes e do Prof. Salvador de Toledo Piza Jr. não podem ser comparados em termos absolutos. Eles tipificam fases do processo de cientificação de uma Escola, a Luiz de Queiroz, que buscava alinhar-se às congêres do ensino superior da Europa ou dos EUA, abertamente citadas por modelos. (23)

Trabalhos desta natureza informam a respeito do ritmo evolutivo das ciências nas primeiras décadas do século XX e da interação dos conhecimentos no processo social de construção das ciências agrônomicas. Na identificação dos progressos operados nos campos da pesquisa, quando conduzidos pelas iniciativas da docência, divulgados na forma de publicações, apontam para a Agência de Saber Científico, a Escola Luiz de Queiroz, ela própria, constituída em força inovadora e fator de modernização do País.

(21) O julgamento é do Prof. Dr. Frederico Pimentel Gomes, catedrático aposentado de Matemática da "Luiz de Queiroz", e vem expresso na *Revista de Agricultura* 70(1) p.6.

(22) Salvador de Toledo Piza Jr. - Noções de Biometria. In *Revista de Agricultura*, 2 (2/3), set/out - nov/dez 1926, 9-23.

(23) Ao adentrar em sua quarta década, a Escola foi promovida à categoria de instituto superior, mediante o dec. 5.206 de 24/09/1931. Consagrava-se, definitivamente, em meados do século como Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, ESALQ, de Piracicaba.

11

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Fontes

- Barbosa, Wilson do Nascimento-Teoria e Empíria. Depto, História/ USP. 1992, 24 p.
- Conduru, J.M. Hesketh-A Seleção Empírica e a Teoria do Grão Mais Pesado. *Revista de Agricultura*. Piracicaba 2(1):01-08. Jul/ag. 1927.
- Crouzet, Maurice — O Surto das Ciências e das Técnicas. *História Geral da Civilização. A Época Contemporânea*. Direção de Maurice Crouzet. VII (3), Cap. 2 e 3, p.170-192. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1963.
- Guerin, Manoel Elgueta-Evolución en la Investigación Agrícola en America Latina. In *Las Ciencias Agrícolas en América Latina. Progreso y Futuro*. Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas de la O.E.a. (IICA) y Asociación Latinoamericana de Fitotecnia (ALAF). San José da Costa Rica, Imprenta. Trejos Hnos, 1967. Cap. V, p.125-141.
- Mann, Peter H. - *Métodos de Investigación Sociológica*. R. Janeiro, Zahar, 1975.
- Martins, F. Dias - Vantagens das Sementes mais Pesadas e Graúdas. *O Solo*. Piracicaba, XIX (3) :52 ag/set 1927.
- Pearson, Karl - *The Grammar of Science*. In: Mann Peter H. *Métodos de Investigación Sociológica*.
- Pimentel-Gomes, Frederico - O volume Setenta da Revista de Agricultura. Salvador de Toledo Piza Jr. - *Noções de Biometria*. *Revista de Agricultura*.
- Souza Reis, F.T. - *O Ensino da Escola Agrícola Luiz de Queiroz de Piracicaba*.
- Teixeira Mendes, Carlos - Seleção (Notas para o Curso de Melhoria de Plantas). *O Solo*.
- Vizioli, José - O Melhoramento da Cana-de-açúcar. *Revista de Agricultura*.

Adendo

Para efeito de avaliar o quão se achavam adiantadas as pesquisas do Dr. Carlos Teixeira Mendes na segunda década do século, apresentamos, resumidamente, um artigo do agrônomo Raymundo Pimentel-Gomes em 1922 na revista *O Solo*. (1)

Melhoramento das Espécies

“Entre nós na Escola Agrícola de Piracicaba, há, porém, um trabalhador infatigável, o agrônomo Carlos Mendes, que, há longos anos, vem trabalhando no melhoramento de plantas e obtendo resultados em geral, alguns ótimos, se bem que desconhecidos do público.”

“Entre esses trabalhos, destacam-se os seguintes: a aclimação do Hickory-King, a criação da variedade de aveia Castelo, ótima para o clima paulista e semelhantes, e como trabalho em andamento, e que muito prometem: seleção de variedades de milho, de mandioca, de arroz, de trigo e seleção-aclimação do golden-dent, milho norte-americano.”



O autor advertia que a aveia não se dava no clima paulista, as variedades se extinguíam ante a invasão da "ferrugem". Nos campos experimentais da "Luiz de Queiroz" onde plantaram algumas variedades de aveia, o Dr. Mendes descobriu em meio de mais de um milhão de plantas, inteiramente atacadas pelo terrível fungo, uma única planta isenta da moléstia. Desta mesma, após três anos de trabalho, o pesquisador conseguiu a variedade Castelo, completamente isenta da ferrugem e perfeitamente adaptável ao nosso clima.

A aclimação do Hickory-King, por sua vez demandara sete anos de trabalho contínuo e perseverante, travando-se a luta contra a degenerescência dessa ótima variedade de milho. Essa aclimação veio a criar uma nova variedade, mais resistente ao caruncho, mais desenvolvida que o próprio Hickory-King importado. As suas espigas produziam 70% de grãos, enquanto que os nossos melhores milhos mal alcançavam 60%.

Pimentel-Gomes (o pai), reconhecia que, não obstante, o que se fazia era muito pouco se comparado a outros países, principalmente os EUA. Todavia, vinha a reconhecer que exemplos de agricultura científica, como esse, faziam-se indispensáveis para o futuro da agricultura brasileira e do progresso do País.

13

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV, 1997
Número 4

MANOEL MARTHO, UM RESUMO BIOGRÁFICO

Francisco de A.F. de Mello

Palavras-chave: Artista-plástico, Pintor, Escultor.

RESUMO

Manoel Martho é artista plástico nascido em Piracicaba, em 1925.

De origem humilde, precisou trabalhar desde criança e, à custa de muito esforço e perseverança, tornou-se um dos pintores mais importantes de sua época no Brasil.

Formado professor, lecionou no ensino secundário em Nova Granada e em São José do Rio Preto. Aposentado, retornou à terra natal.

Em pintura, foi aluno de Frei Paulo e de Archimedes Dutra. Em escultura é autodidata.

Conquistou todos os prêmios honoríficos dos salões de belas artes, inclusive a galeria de honra, só atribuída aos artistas excepcionais.

Embora não costume vender suas obras, os tem em praças, edifícios públicos, coleções oficiais e particulares, no Brasil e no Exterior.

14

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

INTRODUÇÃO

Manoel Martho pertence à decantada escola piracicabana de pintores realistas.

Os artistas do realismo piracicabano foram notáveis e conduziram com altivez, o nome desta cidade até países distantes e cultos.

Manoel Martho nasceu na zona rural de Piracicaba em 20 de julho de 1925. Era o tempo das lamparinas, porque a eletricidade ainda não havia chegado por lá. E foi à luz trêmula, vermelha e fuliginosa proveniente da combustão do querosene que José Maria Martho e sua esposa, Maria José Gimenes, viram, pela primeira vez, aquele corpinho e aquele rostinho frágeis do primogênito.

José Maria era imigrante espanhol e Maria José era filha de imigrantes espanhóis. Um casal humilde e pobre, formado por dois analfabetos.

Foi desse casal e nesse ambiente precário que nasceu aquele que, à custa de muito suor e trabalho, viria a se tornar um dos artistas plásticos brasileiros mais importantes do seu tempo.

A INFÂNCIA

Até os seis anos de idade, aproximadamente, o menino morou no sítio onde nasceu. Ai foi feliz, brincou bastante, caçou passarinhos.

Recorda-se, ainda, que se impressionava com as figuras impressas em revistas. E perguntava ao pai sobre quem os fazia, seria com as mãos? E o pai respondia seco: "Ora, quem sabe fazer e é claro que é com as mãos. Com os pés é que não pode ser". E o garoto ainda não tinha cinco anos.

Em 1931 o senhor José Maria Martho transferiu-se para a cidade em busca de melhores condições de vida para a família, que aumentava. Empregou-se numa olaria e, nas poucas horas vagas, se entretinha fazendo pequenos animais e bonecos de barro aos quais dava os nomes de figuras eminentes da época.

O pequeno Martho sonhava: "— Será que um dia poderei fazer figuras como as das revistas? E bonecos de barro de verdade?" Os anos haveriam de dizer que sim.

Foi na fase infantil, quando as crianças, no geral apenas brincam, que o trabalho se apresentou ao menino. A princípio apenas ajudando a mãe nos serviços domésticos e, depois, labutando fora para reforçar o orçamento familiar. Sempre serviços humildes como vendedor ambulante de frutas e de pamonhas, entregador de marmita, operário de granja, engraxate, auxiliar de marceneiro e de fotógrafo, pintor de talhas e moringas, de brinquedos de madeira e outros. Fainas executadas sempre com alegria e bom humor.

Foi por essa época que ocorreu um episódio curioso e caricato. Um policial "consciente" até demais de seus deveres deteve o pequeno Martho por desacato à "otoridade". O delegado, evidentemente, o libertou, em seguida.

Com algum atraso foi matriculado no Grupo Escolar Dr. Alfredo Cardoso, quando já estava com nove anos de idade. É que a mãe temia que o filho fosse maltratado por outros alunos, já que era portador de um subdesenvolvimento físico e de uma verminose que lhe causavam fortes dores de cabeça, náuseas e falta de apetite.

Em 1939 foi, por grande sorte, aluno da professora dona Jaçanã Altair Pereira Guerrini que, notando a sua inclinação e talento para desenho, sugeriu-lhe que fosse estudar com o bondoso Frei Paulo Maria de Sorocaba que, no Seminário Seráfico São Fidelis, lecionava gratuitamente a todos que o procuravam.

A ADOLESCÊNCIA

Durante a adolescência continuaram os serviços humildes e, não obstante a vocação decidida para as artes plásticas, só iniciou os estudos com Frei Paulo aos quinze anos, devido à oposição da mãe.

15

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

16

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Dona Maria, uma boa senhora, mas extremamente inculta, temia que o filho ficasse "fraco da idéia", além do que, dizia, lugar de menino pobre é o serviço. E para que serve a pintura? ela pensava.

Uma das primeiras coisas que Frei Paulo fez, ao ver o menino, foi medir-lhe a altura: um metro e trinta e dois centímetros. Hoje, Manoel Martho tem um metro e meio de altura e pesa einquenta quilos.

O segundo grande pintor piracicabano que o jovem conheceu foi Archimedes Dutra. Simpatia mútua, tornaram-se bons amigos, uma grande amizade só interrompida pela morte de Archimedes, que foi o seu segundo orientador. E, se Frei Paulo o iniciou no caminho da arte, Archimedes revelou-lhe a verdadeira dimensão desta.

No atelier do Dutra, Martho conheceu o jovem Alberto Thomazi, o Bertico, talento artístico de qualidades inegáveis, que o apresentou ao pai, Mário Thomazi, também pintor. Assim, aos poucos, o moço foi se introduzindo nos meios artísticos de sua terra.

Por volta de 1942 expôs seus primeiros trabalhos a óleo: um retrato do Presidente da República, Getúlio Vargas, na Papelaria do "Jornal", e um retrato do pintor piracicabano Antonio de Pádua Dutra, na Livraria Bom Jesus. Ambos provocaram críticas favoráveis.

Foi num dia de 1944 que dona Jaçanã lhe disse: "Maneco, você está se tornando um artista e, como tal, terá que frequentar ambientes cuja cultura o deixará inferiorizado. Você poderia, pelo menos, estudar um pouco de Português. Se você quizer eu e o Leandro nos incumbiremos de lhe dar algumas aulas".

Entretanto, Alberto Thomazi o apresentou a um amigo professor que, dispondo de mais tempo que os Guerrini, ministrou-lhe umas aulas de História e de Português. E assim, se é verdade que Frei Paulo o iniciou no caminho das Artes, também é verdade que dona Jaçanã o empurrou na estrada da cultura.

No ano seguinte, 1945, ainda por inspiração da bondosa professora e com o suporte financeiro de Leandro Guerrini e de Archimedes Dutra, frequenta um curso de Madureza e com esse recurso conclui o ginásial, em 1948.

Foi a resposta aos que não acreditaram nele. Ao patrão, na Cerâmica Bom Jesus, que um dia lhe disse: "... temos certeza de que não serás aprovado... irás perder tempo... não és criança... precisas garantir o teu emprego e não andar por aí bancando o estudante... estudar é coisa para quem pode... já estás com 20 anos"; e àquele senhor que lhe sugeriu a compra de um diploma a que o jovem rejeitou com violência. E que Manoel, a despeito de ser muito pobre, foi sempre um forte de espírito e extremamente honesto.

A VIDA ADULTA

Manoel Martho sempre levou vida austera porque as dificuldades nunca o abandonaram.

De 1949 a 1951 realiza os cursos Pré-Normal e Normal, na Escola Normal e Colégio Estadual Sud Mennucci sem deixar o trabalho para ajudar os pais nem as lições de Frei Paulo e Archimedes. Progredia na pintura.

Antes mesmo de ser diplomado recebe o honroso convite para lecionar Desenho Pedagógico e Trabalhos Manuais na Escola Estadual

de Primeiro e Segundo Grau Francisco Marques Pinto, de Nova Granada. E para lá se vai.

Casa-se em Nova Granada com a senhorita Lourdes Vicente Santana, com quem tem duas filhas.

Por breve período leciona em Santa Bárbara d'Oeste, retorna a Nova Granada e de lá passa a lecionar e residir em São José do Rio Preto. Fez boa amizade por onde andou.

Deixou de receber o título de Cidadão Riopretense por sua lealdade sem fronteiras e pelo imenso amor à terra natal. Disse aos amigos: olhem. logo, quando eu me aposentar, retornarei a Piracicaba, que é a minha terra.

E veio mesmo. A família ficou em Rio Preto por não se adaptar aqui. O seu ordenado de professor secundário, deixou para a esposa.

EVOLUÇÃO ARTÍSTICA

Em 1951 participa, pela primeira vez, de salões oficiais. Duas telas são aceitas no VIII Salão de Belas Artes de Campinas.

Em 1952 expõe individualmente em Nova Granada e obtém o 3º Prêmio em São José do Rio Preto, em salão comemorativo a "Os Sertões", de Euclides da Cunha, e o 2º Prêmio no IX Salão de Belas Artes de Campinas.

Entretanto, o ambiente artístico em São José do Rio Preto era muito inferior ao de Piracicaba, onde vicejava uma arte fina, vigorosa, equivalente à dos grandes centros artísticos de qualquer lugar. Por isso, a partir de 1952, Manoel Martho, já entrado na pintura, mas com muito ainda a aprender, torna-se um autodidata de valor. Trabalha muito, estuda, pinta. Cria o seu estilo próprio, inconfundível.

Em 1961 começa a esculpir sem nunca ter visto alguém fazê-lo e, em 1965, seu trabalho já é aceito no severo Salão Paulista de Belas Artes. Em 1969 e em 1971, é aí premiado com as Medalhas de Bronze e Pequena Medalha de Prata, respectivamente. Pouco depois recebe a Grande Medalha de Prata. Progressão semelhante vai acontecendo com a pintura.

Expondo muito em mostras individuais e coletivas, e em salões oficiais ou não, Martho já obteve todos os prêmios honoríficos dos salões oficiais, inclusive a galeria de honra, uma distinção especial concedida aos artistas excepcionais.

Embora não goste de vender seus trabalhos, telas do autor se encontram em muitas coleções particulares e oficiais, no Brasil e no Exterior. Esculturas suas podem ser vistas em residências, praças e edifícios públicos de várias cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manoel Martho é sócio fundador da Academia Paulista de Artes Plásticas, da Associação Piracicahana dos Artistas Plásticos e da Associação Riopretense de Belas Artes.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, da Academia Piracicabana de Letras, autor do livro "Auto-Retrato", uma auto-biografia, e benemérito do Lar dos Velhinhos desta cidade.

17

IHG P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Administra aulas de desenho, pintura e escultura. Seus dados biográficos estão no "Dicionário das Artes Plásticas no Brasil", no "Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos" e no livro "Pintores Contemporâneos de São Paulo".

Criou, em Piracicaba, um verdadeiro salão de belas artes, em termos de qualidade, a Bienal de Arte Acadêmico-Impressionista Frei Paulo Maria de Sorocaba.

Manoel Martho é um pintor realista, ou acadêmico impressionista, termo que ele criou para definir o realismo piracicabano. Seus trabalhos têm marca própria. Entre uma vintena de quadros, ou mais, identifica-se qual é o dele.

Seguro no desenho, no tratamento das tintas, na luz, nas sombras, no volume, em tudo. Não admite brincadeiras com a Arte, pintura ou escultura.

Homem simples, de hábitos conservadores, adornado por qualidades morais elevadas e invulneráveis, leva uma vida monástica severa, fitando a arte apenas.

Não possui bens materiais da vida moderna, como telefone, rádio, televisão, carro. Dinheiro? nem falar. Não assina jomais nem revistas. É um ermitão.

Tem na casa duas ou três mesinhas velhas que são suportes para naturezas mortas, algumas cadeiras excessivamente usadas, muitos cavaletes, desenhos, quadros a óleo, esculturas e um fogão de "duas bocas", onde aquece a água para o café e esquenta o leite. De mordomia, apenas uma geladeira antiga, mais usada para conservar modelos perecíveis utilizados em pintura e um relógio de parede, daqueles que nossos avós possuíam, modelo oito, que há muito não funciona. Mas o ambiente é agradável, com atmosfera calma, serena, de um convento franciscano.

Ai vai vivendo o artista, tão pobre como sempre foi, em valores materiais. Mas que fortuna em termos morais e culturais.

A sua história é empolgante, um hino ao trabalho, ao sonho, à perseverança. Não conheceu o cansaço nem o desânimo. Foi um forte! Transformou as condições sociais, que o direcionavam à marginalidade, na alavanca que o retirou da rua e o lançou à glória.

Hoje, sozinho, à noite em sua casa, quantas recordações hão de assaltá-lo? As misérias passadas; Archimedes, dona Jaçanã e o professor Leandro. Frei Paulo, que lhe deu o primeiro pedaço de madeira compensada para pintar; Eugênio Nardin, que lhe fez a primeira caixa de pintor; dos pais e da avó, que lhe guardava todo o papel de embrulho; da costureira vizinha, que lhe dava tocos de lápis; do sacristão da Igreja Bom Jesus, que lhe fornecia restos de velas com os quais podia estudar à noite; da comida que os frades lhe davam; do taxista, que lhe forneceu os primeiros tubos de tinta e pincéis; do Juca (José Ferraz), que lhe cedeu o próprio quarto para estudar; da preta dona Olimpia, que lhe dava café com leite, bolo, sanduiche. A quantos agradecer, meu Deus!

18

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEÓGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

DR. JOÃO DO AMARAL MELLO

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas
(seu neto)

O Dr. João do Amaral Mello nasceu a 20 de maio de 1879 na cidade de Piracicaba, mais exatamente na fazenda de seus avós maternos, João Leite de Cerqueira César e Antonia Isabel de Negreiros, em terras pertencentes à então freguesia (hoje cidade) de São Pedro. Foi batizado a 29 de junho de 1879 na igreja matriz da freguesia de São Pedro com o nome de João Batista, sendo padrinhos seus avós maternos. Nos bancos escolares, em fazenda de seu pai, teve como professor o tatuiense Urbano de Oliveira Leite Setúbal, tio do escritor Paulo Setúbal. Na época assinava João Leite de Mello, mas, ao se tornar adulto, seguiu a decisão paterna e passou a assinar João do Amaral Mello, como os demais irmãos. Na Genealogia Paulistana, de Luiz Gonzaga da Silva Leme, volume IX, página 139, vem relacionado como João de Mello Castanho.

Pertencia a tradicionais famílias de Piracicaba, pelos quatro avós. Era filho do Capitão Vicente do Amaral Mello, nascido a 25 de janeiro de 1849 em Piracicaba, onde veio a falecer a 27 de novembro de 1932, vereador à Câmara de Piracicaba, chefe político e um dos fundadores de Rio das Pedras, proprietário da sempre lembrada fazenda São João e de sua mulher (casados a 28 de maio de 1878 em Piracicaba) D. Ifigênia Leite de Mello, nascida a 21 de setembro de 1859 em Piracicaba — onde faleceu a 17 de outubro de 1919.

Era neto paterno do Major Melchior de Mello Castanho, vereador da Câmara piracicabana e presidente dela quando estourou a Revolução de 1842 e ele se pôs em marcha à frente dos revoltosos chimangos. Melchior era fazendeiro em Piracicaba, onde faleceu a 3 de novembro de 1871, deixando viúva D. Eufrozina Ferraz de Camargo, falecida em julho de 1877 em Piracicaba.

João do Amaral Mello era neto materno de João Leite de Cerqueira César, batizado a 1º de janeiro de 1823 em Piracicaba, onde

19

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

faleceu a 16 de agosto de 1890 e de sua mulher (casados a 27 de abril de 1843 em Rio Claro) D. Antonia Isabel de Negreiros, nascida a 8 de março de 1826 em Piracicaba onde faleceu em novembro de 1890, esta filha do último Capitão mor de Piracicaba, Estevão Cardoso de Negreiros. Por João Leite de Cerqueira César, é que vinha o mais autêntico sangue piracicabano de João do Amaral Mello, já que o mencionado João Leite, além de ser sobrinho do Barão de Piracicamirim, era filho e neto de agricultores em Piracicaba e ainda bisneto de Pedro Ferraz Pacheco, contemporâneo do Capitão Fundador Antonio Corrêa Barbosa.

Casou-se a 1º de março de 1919 em Rio Claro (SP), na Capela do Colégio Coração de Maria, com sua prima irmã D. Guiomar Corrêa de Meira, que depois de casada passou a assinar Guiomar Meira do Amaral Mello, nascida a 18 de abril de 1893 em Analândia, falecida a 9 de maio de 1992, na cidade de São Paulo. Do dr. João do Amaral Mello e de D. Guiomar Corrêa de Meira nasceram:

- 1) Antonieta Ephigênia do Amaral Mello (Geninha), que nasceu a 31 de dezembro de 1919 em Rio Claro, funcionária do Departamento de Trânsito (Detran). Faleceu solteira.
- 2) João Werther do Amaral Mello, que nasceu a 23 de janeiro de 1921, em Piracicaba, funcionário aposentado do Tribunal Regional do Trabalho. É solteiro.
- 3) Antonio Carlos do Amaral Mello, nasceu a 27 de fevereiro de 1924 em Piracicaba, funcionário aposentado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), solteiro.
- 4) Guiomar Amaral Mello, que nasceu a 13 de maio de 1925 em Piracicaba. Está casada com Petras Bogaciovas. São pais de Pedro Valério Meira Amaral Bogaciovas, de Paulo de Tarso Meira Amaral Bogaciovas e de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas. Tem netos.
- 5) Maria Geralda do Amaral Mello, jornalista e escritora premiada com o "Jabuti", pelo livro de contos "As três Quedas do Pássaro", Editora Civilização Brasileira. Faz parte da Academia Piracicabana de Letras.

João do Amaral Mello formou-se na primeira turma de Agronomia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz — a ESALQ, em Piracicaba, a 20 de novembro de 1903, destacando-se dentre os colegas nos conhecimentos práticos, que aprendera com seu pai na fazenda São João em Rio das Pedras. Logo após sua formatura realizou um trabalho para a Secretaria de Agricultura de São Paulo: "Estatística e Isotécnica do Município de Rio das Pedras". Poucos conheciam Rio das Pedras como ele, onde fora morador de 1886 a 1926, nela tendo exercido (naquele tempo os "homens bons" serviam gratuitamente...) os cargos de 3º juiz de paz, subdelegado, e o de inspetor escolar.

Por mais de quinze anos, João do Amaral administrou a fazenda São João de seu pai, nela empregando todos os seus conhecimentos teóricos e práticos, adquiridos na Luiz de Queiroz, o que a tornava um mimo na região piracicabana. A "São João" ficava no caminho de Piracicaba a Porto Feliz, em terras do hoje município de Rio das Pedras, transformada na Usina Santa Helena. Com as melhorias que introduziu na fazenda de seu pai, tornou-se um dos pioneiros na eletrificação e na telefonia rural. Casado, e com o desejo de ter sua própria fazenda, adquiriu em 1923 do dr. Mário Tavares (depois secretário da Fazenda) por 160 contos de réis, a Boa Esperança, em Rio das Pedras,

20

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

com plantação de café. Mais tarde, vendeu esta fazenda e adquiriu outra, em 1927, a Água Branca, em Pirassununga, a quatro quilômetros do centro em direção a Analândia, também com cultura de café, o que acabou levando-o à falência com a crise que se abateu sobre o Brasil com o craque da Bolsa de Nova Iorque, tendo que vender as terras para saldar seus compromissos e pagar seus colonos.

Para sustento de sua família tentou a sorte com a exploração de um moinho de cereais em Itacemópolis (SP), sem contudo lograr sucesso. Foi ser administrador de uma fazenda em Xavantes, onde permaneceu menos de um ano. Resolvendo ingressar no funcionalismo público estadual, empregou-se, em 1934, como engenheiro agrônomo, à época do então secretário da Agricultura Juvenal Mendes de Godoy, tendo sido efetivado a 11 de setembro de 1941 como inspetor agrícola de máquinas de algodão pelo Dr. Fernando de Souza Costa, Interventor Federal do Estado de São Paulo. Como Chefe de Seção, teve sede em Pirassununga, Araraquara, Piracicaba e São Paulo, viajando constantemente para várias cidades do Interior paulista, como Ribeirão Bonito, Dourados, Itariri, etc. No final do ano de 1945 passou com sua família em definitivo para São Paulo, adquirindo um sítio em Suzano (SP), no bairro da Goiabcira, o "Pinheirinho" vendido em 1966. Na capital paulista viveram de 1950 a 1959 no bairro de Vila Clementino, na rua Pedro de Toledo, e desde 11 de janeiro de 1959 no bairro Bosque da Saúde, na rua Guararema nº 494.

Por ocasião dos festejos do Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo, a 12 de outubro de 1973, foi homenageado em sessão realizada no salão nobre da ESALQ em Piracicaba por ser o mais velho membro dessa laboriosa classe do País. Descoberto pela imprensa, acabou virando manchete em noticiários de jornais e até de televisão, especialmente quando completou a avançada idade de cem anos com a saúde invejável que Deus lhe deu. Destacaram-se as seguintes reportagens: Diário de São Paulo (30 de maio de 1979, página 38), Jornal de Piracicaba (27 de maio de 1979, página 8) e Notícias Populares (8 de junho de 1979, página 3). Nas entrevistas que concedera, lembrou os difíceis primeiros tempos da ESALQ, quando trinta alunos iniciaram o curso e apenas sete o concluíram, correndo-se o risco de, pura e simplesmente, extinguirem o curso, se não houvesse formandos. Foi aí que João do Amaral se agigantou, entusiasmando e ensinando os colegas para juntos atingirem ao objetivo maior. Realizava-se assim o sonho dourado do paulista Luiz de Queiroz, o grande incentivador dessa distinta escola que tantos serviços tem prestado a este país. Lembrou ainda que ia, diariamente, a pé, do Largo do Mercado, onde residia com seus pais, para assistir às aulas, caminhada de três quilômetros, ganhando, mais tarde, de seu pai, um cavalo para facilitar o trajeto.

João faleceu na madrugada de 29 de agosto de 1984 em São Paulo, enquanto dormia, aos cento e cinco anos de idade, com inteira lucidez até quase o final de sua vida. Sepultado no mesmo dia no cemitério da Quarta Parada em São Paulo, tendo seu corpo baixado sepultura às 16:45 horas, sendo antes recomendado pelo padre Tadeu, da Paróquia de São Paulo Apóstolo. Era homem alegre, pai exemplar, marido fiel e companheiro, avô extremado, sempre disposto a uma boa conversa entremeando um bom gole de café (de Piracicaba, naturalmente), de grande coração e católico fervoroso. Dele, sempre se ouviram refe-

21

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

rências elogiosas, como as de que era um cavalheiro irrepreensível, bom irmão, fino no trato e no trajar. Perdeu a visão pelos anos de 1950, por problemas de glaucoma, de forma irreversível, mas sem nunca perder a fé em Deus de que um dia voltaria a enxergar novamente, acreditando nos progressos da Medicina.

República Federativa do Brasil
 21.º CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS
 PESSOAS NATURAIS
 (SAÚDE)
 da Comarca da Capital do Estado de São Paulo

João Pedro de Mattos Oficial
 Pedro Bento Alves Filho Oficial Maior

Certidão de Óbito

L-0-C -11-... Tmo. 29.800... Fla. 77vP...

Certifico que, no livro supra citado, de assentamentos de óbitos, foi registrado hoje falecimento de JOSÉ DO AMARAL MELLO...
 de sexo masculino... de cor branca... natural de São Pedro, antiga Matão...
 com 100 anos... de idade aparente, foi casado aos 18 de março de 1919, na cidade do Rio Claro, neste Estado, com Clotilde Maria do Amaral Mello. Não fezou bens. Deixou quatro filhos: João Berthier, nasc. aos 23/01/1921, Antonio Carlos, nasc. aos 27/02/1924, Guilomar, nasc. aos 13/05/1925 e Maria Geralda, nasc. aos 12/01/1932...
 filho de Vicente do Amaral Mello e de dona Ephigenia Leite do Mello...
 ocorreu no dia 20 de agosto de 1954 às 24:00 horas, o 2 à Rua Guararães, nº 494 - neste Subdistrito...
 visitado por Miguel Ângelo de Oliveira, Demônio, Caruzia...
 conforme atestado do Dr. Henry Jacob José Santos... que ficou arquivado neste cartório. O sepultamento foi feito no cemitério de Brás, nesta Capital...
 O falecido residia na mesma local onde faleceu...

Foi declarante: Peirras Bernheiova...
 Osr. CERTIFICO que na coluna das averbações consta o seguinte: - Em vinte e nove de outubro de mil novecentos e oitenta e quatro, nos termos do Mandado expedido pelo Dr. Luiz Corrêa Lima, JUIZ de Direito da Vara Distrital da Saúde, Comarca desta Capital, datada de 02 de julho de 1954, fôz esta averbação para ficar constituído como falecido "na realidade" o Sr. José do Amaral Mello, nascido em Matão - Estado de São Paulo, em 02 de março de 1919, na cidade de Rio Claro, neste Estado, sendo que a idade de seus filhos é a seguinte: João Berthier, nascido aos 23/01/1921, Antonio Carlos, nasc. aos 27/02/1924, Guilomar, nascido aos 13/05/1925 e Maria Geralda, nascida aos 12/01/1932. (segua no verso)

AVA CARANUAU, 773 - CAPITAL
 EXPEDIENTE DO 21.º CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS (SAÚDE)

22

IHGP

REVISTA DO
 INSTITUTO
 HISTÓRICO E
 GEOGRÁFICO DE
 PIRACICABA
 Ano IV 1997
 Número 4

O RIO CORUMBATAÍ

José Luiz Guidotti *

O Rio Corumbataí nasce na Serra dos Padres, no Município de Analândia, próximo da cidade de Itirapina, a 800 metros de altitude acima do nível do mar.

Depois de percorrer 130 quilômetros, chega-se a sua foz, que se localiza nas proximidades do Distrito de Santa Terezinha, no município de Piracicaba, onde suas águas se encontram com as do Rio Piracicaba, a 470 metros de altitude acima do nível do mar, tendo um desnível da nascente à foz de 330 metros, que dá a expressiva média de 3 metros por quilômetro. Este impressionante desnível deve-se ao fato de sua nascente localizar-se no alto da serra, seguindo em direção às planícies. Poucos quilômetros depois de sua nascente, ele já desceu mais de 200 metros pelas encostas das montanhas. Assim, quando passa por Analândia, localizada a apenas 10 quilômetros da nascente, sua altitude é de 684 metros acima do nível do mar. Dentro da cidade de Analândia existe o Salto Major Levy com mais de 15 metros de altura. Depois de mais 12 quilômetros, rumo ao Leste, o rio passa pela cidade de Corumbataí, onde sua altitude é de 572. Sua foz está na cota 470.

Nos 130 quilômetros de extensão, suas águas banham quatro municípios: Analândia, Corumbataí, Rio Claro e Piracicaba.

Seus afluentes são pequenos córregos, ribeirões e riachos. Apenas dois merecem destaque: o Rio Passa Cinco, que tem maior volume d'água que o próprio Corumbataí, e o Ribeirão Claro.

O Corumbataí recebe as águas do Ribeirão Claro pela sua margem esquerda, que traz em seu leito muita poluição das cidades de Rio Claro e Santa Gertrudes. O Rio Passa Cinco tem águas muito limpas, sendo afluente da margem direita. Curiosamente a foz de ambos é próxima uma da outra.

As águas da nascente do Corumbataí são limpas, cristalinas e muito frias. Após descerem a Serra dos Padres ou de Itirapina, chegam

* Navegador Fluvial, com mais de 10 mil quilômetros percorridos pelos rios da Bacia do Prata. Escritor com três livros publicados: "Aventura na Bacia do Prata", "Navegando pelo Piracicaba" e "O Tietê Sem Segredos".

23

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV: 1997
Número 4



a Analândia com a mesma pureza da nascente. Naquela cidade, o Corumbataí recebe esgoto doméstico. Mas a natureza é pródiga. O pequeno rio, após receber uma pequena carga de poluição, segue rumo ao Leste, caindo em cachoeiras, passando por corredeiras, serpenteando por mata cerrada. Assim em poucos quilômetros ele se auto despolui, pois as quedas, corredeiras provocam a oxigenação de suas águas, e quando o rio se aproxima da cidade que leva seu nome, está novamente limpo e despoluído. Mas o homem, que é o pior dos predadores, novamente lança mais esgoto doméstico em seu leito. O Corumbataí, demonstrando uma teimosia ímpar, continua seu curso por densa mata, caindo por cachoeiras e passando por corredeiras, o que depura novamente suas águas. Quando se aproxima de Rio Claro, está novamente limpo, com suas águas cristalinas. Mas na periferia daquela cidade, suas águas começam a ser minadas por águas densamente poluídas trazidas por pequenos córregos, que são despejadas no leito cândido do Corumbataí. Por mais que ele lute, não consegue mais manter-se limpo, pois a cada quilômetro um novo despejo de poluição acontece. Pior ainda é que, ao entrar na zona urbana de Rio Claro, também recebe esgoto industrial, lixo doméstico, detritos e dejetos de vários matadouros clandestinos. Uma lástima!

Na barragem da Usina de Corumbataí, localizada na saída de Rio Claro, encontra-se a famigerada espuma branca, que é detergente puro!

O teimoso Corumbataí, carregado de poluição segue em frente, tentando ganhar vida novamente, mas, poucos quilômetros abaixo da barragem, recebe mais poluição, aliás a maior carga de poluição de todo seu curso! O Ribeirão Claro lança uma carga poluidora mortal no Corumbataí, que não tem mais forças para nova recuperação.

Poucos quilômetros a jusante da foz do Ribeirão Claro, a Providência Divina determina que um rio, com águas limpas e com maior volume de água do que o próprio Corumbataí, deposite suas águas naquele rio que caminha moribundo. Com o aumento do volume de suas águas, a poluição é diluída, e o judiado Corumbataí, com a mesma teimosia anterior, segue rumo ao Piracicaba, ganhando vida a cada quilômetro.

A montante da Usina Costa Pinto suas águas estão relativamente limpas, justamente onde encontra-se o sistema de captação de água para abastecimento da cidade de Piracicaba. Mas em Santa Terezinha, acontece tudo de novo. O esgoto doméstico dos bairros de Santa Terezinha e Vila Industrial, é atirado em seu leito ao natural sem nenhum tipo de tratamento. Só que o Rio Corumbataí não tem mais tempo de se recuperar, já que sua foz está apenas a alguns poucos quilômetros. Infelizmente, chega ao Piracicaba poluído!

Para a cidade de Piracicaba, o Corumbataí é de suma importância. Todos sabemos, que a poluição do Rio Piracicaba está cada dia maior. Hoje, 60% da água que serve a cidade de Piracicaba é originária do Corumbataí. Existe um projeto do SEMAE - Serviço Municipal de Água e Esgoto, que, num futuro muito próximo, 100% da água a ser servida para a população de Piracicaba serão do Corumbataí.

A despoluição do Corumbataí não está tão difícil quanto a do Piracicaba. São quatro cidades que o poluem: Analândia, Corumbataí, Rio Claro e Santa Gertrudes. Tratar esgoto de cidades pequenas é fácil

e relativamente barato. Apenas Rio Claro vejo como o maior problema. Mas é preciso uma ação imediata. Não podemos deixar o rio morrer para depois tentar ressuscitá-lo. Vamos tratá-lo enquanto está começando a doença que é mais fácil e barato. A hora é agora...

25

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

PLANTAS NAS RUAS DA CIDADE

Prof. Guilherme Vitti

Sempre interessa a leitores, amigos da história de sua cidade, conhecer as origens de certos costumes e fatos ligados a ela.

Vejamos o que dizem os livros de atas da Câmara Municipal a respeito do plantio de árvores nas ruas da cidade.

A primeira alusão a esse assunto está assim lavrada no livro de atas nº 10, da Câmara Municipal, na sessão ordinária de 11-10-1862:

“O sr. Oliveira Leme indicou mais que esta Câmara mande plantar árvores, como sinamomo e outras quaisquer, pela beira do Rio Grande, no que diz rua, encarregando ao arruador a fiscalização desta colocação, a fim de ficarem bem alinhadas e com distância igual uma da outra, e marcando o lugar onde deverão ser colocadas, assim também plantar-se ao redor do pátio desta matriz árvores de casuarinas, ou outras quaisquer.: passou esta indicação, ficando o mesmo sr. Oliveira Leme encarregado de todas estas obras: sendo necessário fazer algumas despesas consultar a respeito com o sr. Presidente. Quanto, porém, à plantação ao redor do pátio da matriz, ficou para dela ser encarregado, Miguel Arcaño Benício Dutra, consultando-se igualmente ao sr. Presidente.”

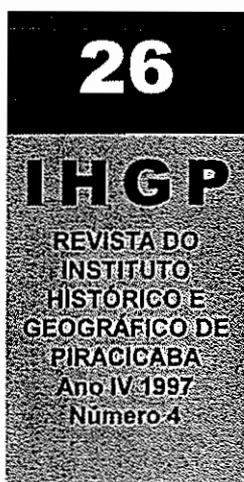
Rio Grande é o Rio Piracicaba, assim é chamado muitas vezes nas atas e papéis da Câmara para distingui-lo do Rio Corumbataí e Itapeva.

Arruador era a designação do encarregado da demarcação de lotes e propriedades públicas.

Imagine-se, na situação atual, se os vereadores, ávidos em levantar problemas e engendrar obras e reformas no município, se eles estariam aptos, dispostos e capacitados em executá-los!

Pensariam duas vezes antes de exigi-las das autoridades municipais.

O Miguel Arcaño Benício da Assunção Dutra é o nosso e o mais conhecido pintor de fama e autor de trabalhos pictóricos e projetos de obras realizados nesta cidade em tempos idos.



O trabalho aludido foi executado pelo sr. Oliveira, tanto assim que, na ata de 11 de abril, lemos que a obra custou Rs. 193\$600, denominando a beira do rio de — Rua do Porto —, informando-se também que as plantas não pegadas seriam replantadas pelo mesmo sr. Oliveira Leme.

Quanto a plantio de árvores feito por cidadão particular este só aparece em 1871, no livro de atas de 1871. O autor é Antônio Gomes de Souza pedindo autorização para plantar algumas árvores em frente a sua casa.

No mesmo livro a fl. 141 v. vê-se que já existia no município o importado eucalipto, planta com fama de poderes desinfetantes e forte aroma, cujas flores são receptáculos das abelhas. Assim está escrito na ata:

“O vereador Augusto Leitão indica: A Câmara em cumprimento de suas atribuições sobre higiene pública, mande plantar o eucalipto, já pedido pelo vereador Dr. Prudente de Moraes, na Rua do Itapeva, e bem assim que mande plantar em toda a Rua do Porto, margeando o rio.

Albano Augusto Leitão apresentou a seguinte emenda: Arborizar o pátio com árvores à escolha da Câmara, e quanto à arborização do pátio, o Presidente nomeou uma comissão para tratar desse serviço conforme for conveniente, não só para embelezamento do pátio, como para a salubridade pública, e quanto à plantação de eucaliptos na Rua do Porto, resolveu a Câmara encarregar o vereador Augusto Leitão para tratar e concluir o serviço sob sua inspeção, podendo o mesmo fazer as despesas necessárias. Tudo foi aprovado.”

Observe-se que o cuidado com a saúde pública já era matéria de nossos antepassados legisladores camarários, dando um quinau nos atuais ecologistas.

HYMNUS PIRACICABENSIS

Versão latina por Guilherme Vitti

In desiderio pungente mortis
- Ingratum fatum - procul a te,
In gemitu maesto, termine nullo,
Vivo in deserto, postquam migravi.

Piracicaba quam adoro tantum,
Floribus plena, deliciae plena,
Nemo concepit dolorem magnum
Filiis distantis suspirando te!

In alio loco, qualis sors valet?
Praefero mortem non longe a te,
Agrestes amo atque horizontes,
Caelumque montes quos hinc sunt.

Nisi externos video, amata e una,
Habens te prope quod perdidit...
Parum se favent cum tua laetitia,
Quam amo tantum a meo natali...

Obs.: É mantida a cadência musical dos versos portugueses.

27

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

**CONSELHO UNIVERSITÁRIO
SESSÃO ESPECIAL
PROTOCOLO DE INTENÇÕES -
CURSO DE MEDICINA
PREFEITURA MUNICIPAL
DE PIRACICABA E UNIMEP
28/03/96 - 14h30**

**PALAVRA DO REITOR, PROF. DR. ALMIR
DE SOUZA MAIA, PARA A CERIMÔNIA DE
ASSINATURA DO PROTOCOLO DE
INTENÇÕES - PREFEITURA MUNICIPAL E
UNIMEP SOBRE CURSO DE MEDICINA**

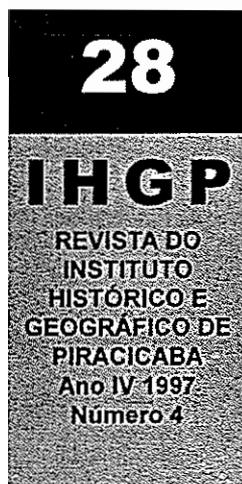
Quando, na década de 70, o ex-Reitor Richard Edward Senn assinou, como primeiro ato após sua posse, a nomeação de uma comissão especial para estudar os encaminhamentos relativos à criação de um Curso de Medicina na Universidade Metodista de Piracicaba, aprovado pelo Conselho Universitário e Conselho Diretor em 1978, tanto a Universidade como a cidade, certamente, não imaginariam que quase duas décadas teriam de ser vencidas para que o desafio viesse a ser enfrentado definitivamente.

Hoje o retomamos de maneira formal e efetiva. Não apenas como fruto de novos desafios acadêmicos, pois estes já povoaram o pioneirismo e o ímpeto dos primeiros anos da UNIMEP. Mas, novamente, como um desafio lançado pela própria cidade, que não poderia ser ignorado pela Universidade, mesmo que ela o desejasse. E o faz, desta feita, de comum acordo com a Prefeitura Municipal, que assume parte da responsabilidade no processo de criação do curso, devendo ser acompanhada, em seguida, pela Câmara Municipal e outras entidades representativas.

Em um país no qual o caos na área da saúde não se cinge mais às manchetes dos jornais, mas pode ser sentido pelos cidadãos comuns, que se defrontam no seu dia-a-dia com a escassa infra-estrutura hospitalar, com a precariedade do atendimento e, em alguns lugares, até mesmo com o conhecimento mínimo de procedimentos de higiene e prevenção de doenças, a possibilidade do surgimento de um novo Curso de Medicina deveria ser motivo de aplausos e comemorações.

Neste momento, em que a UNIMEP formaliza seu propósito de ajudar a criação de um novo Curso de Medicina, é necessário que se firmem algumas balizas para sua discussão e implementação.

Em primeiro lugar, a UNIMEP não pretende ter simplesmente mais um Curso de Medicina no país. Neste ponto, fazemos coro com as



entidades representativas da saúde, que vêm defendendo a restrição da criação de novas faculdades, que apenas multipliquem o número de vagas oferecidas, mas não garantam a qualidade exigida para a formação dos novos profissionais. Acreditamos na responsabilidade que deve revestir cada instituição de ensino que se proponha a formar novos médicos, profissionais que lidarão com pessoas, com o bem maior que é a vida. E, neste aspecto, podemos nos apoiar no crédito que acumulamos em nossos 20 anos como Universidade, numa história de avanços e qualificação acadêmicos, de apoio à pesquisa, de definição e atuação dada na área da extensão e, em especial, a experiência desenvolvida nos cursos da área da saúde ao longo dos anos; a qualidade de seu corpo docente, de seus programas, de suas instalações, o padrão de atendimento podem ser comprovados e referendados pelos inúmeros alunos e pacientes que já passaram pela Clínica de Fisioterapia, Farmácia-Ensino, Serviço de Psicologia e, desde a última semana, pelos que começam a ser atendidos na Clínica de Fonoaudiologia. Ainda mais: muitos de nossos ex-alunos são hoje profissionais na direção de clínicas, hospitais, consultórios, quadros de destaque em áreas acadêmicas em várias partes do País.

Neste contexto, e na perspectiva histórica com a qual trabalhamos, aprendemos tanto a relativizar quanto a potencializar definições estruturais desta envergadura. O que significava criar o Colégio Piracicabano no final do século passado, alguns anos antes da Proclamação da República? Como avaliar, no final do século, a decisão da Instituição, tomada em 1964, de iniciar processo de implantação da Universidade com a criação de seus primeiros cursos superiores? O que significará a implantação ou não de um curso de Medicina, em Piracicaba, no próximo milênio? Devemos estar presos, estritamente, às questões conjunturais de nossos dias para tomar tal decisão ou nos anteciparmos ao futuro e planejar novos tempos?

Portanto, pensar um Curso de Medicina para a UNIMEP só será possível dentro de rígidas exigências de nossa Política Acadêmica, onde ensino, pesquisa e extensão se integram no cotidiano e indicam o perfil de uma Instituição na qual qualificação e comprometimento se agregam num compromisso único. Estas exigências nos remetem a este Protocolo de Intenções, que ultrapassa até mesmo as pessoas hoje responsáveis pela direção da Prefeitura, da Universidade, das entidades representativas da cidade. Firmamos neste documento, um compromisso maior entre Universidade e o Executivo Municipal, pelo qual este assume a responsabilidade de viabilizar um hospital que possa se construir em espaço qualificado para o aprendizado médico e para programas de residência que credenciem o curso em Piracicaba como um dos melhores do país. Este esforço de se instalar o Hospital Universitário não será bem sucedido sem o financiamento do poder público e, também, sem o apoio profissional dos médicos, suas entidades de classe, hospitais, ambulatorios, pronto-socorros e outras unidades de serviço à saúde.

Em segundo lugar, é importante frisar que o surgimento de um Curso de Medicina na UNIMEP, com todo o seu caráter social, sobretudo neste quadro que o País atravessa, não se constituirá em solução para o equacionamento do problema da assistência médica e da saúde na cidade e região. Será, certamente, um suporte para dar sustentação a

29

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

projetos maiores, envolvendo outros órgãos a quem compete, por definição, a responsabilidade por tais atendimentos. Sua finalidade será, além de acadêmica, marcada pelo cunho social e voltada aos novos padrões do exercício da medicina, o que inclui, necessariamente, o atendimento e acompanhamento médico-hospitalar como direito de cidadania.

Creemos, em terceiro lugar, ser necessário, neste momento histórico, reafirmar o entendimento da Universidade de que tais processos de avanços só se fazem de maneira participativa e coletiva. Aliás, temos enfatizado que o desafio de criação e implantação de um Curso de Medicina em Piracicaba só será vitorioso se, nesta luta, houver a contribuição, da Prefeitura Municipal, da Câmara dos Vereadores, da classe médica e de outros órgãos representativos da saúde, assim como de outras instituições e lideranças, tanto políticas como científicas da cidade. Não se trata de plantar competição e concorrência. Certamente, o surgimento de um Curso de Medicina trará, também, benefícios à classe médica, que passará a ter, à sua disposição maior rapidez na atualização de suas especialidades, maior envolvimento em áreas de docência e de pesquisa e a ampliação das possibilidades e diversificação do mercado de trabalho. Muitas foram as cidades beneficiadas por esta experiência de convívio com um Curso de Medicina e, com o tempo, acabaram se tornando centros de referência em termos de avanço e pesquisa de novas técnicas, abrindo-se a novas áreas do conhecimento e de atendimento e recebendo, inclusive, financiamentos especiais para programas pioneiros.

É nesta perspectiva e dentro desses limites que, esperamos, seja entendido o Protocolo de Intenções entre Prefeitura Municipal e Universidade Metodista de Piracicaba. Trata-se de um documento histórico, mas que apenas inicia um longo processo, com a definição das alternativas básicas para que as duas entidades possam, cooperativamente, enfrentar o desafio que foi proposto pela própria comunidade local. Será uma luta árdua, repleta de exigências da burocracia educacional e da área da saúde, com etapas demoradas e que precisarão ser cumpridas para que novas gerações possam se beneficiar de seus resultados. Não é possível se imaginar que este protocolo viabilize, em curto espaço de tempo, o Curso de Medicina. Mas, seguramente, ele se constitui em um primeiro passo para um projeto de longo prazo que, se trabalhado de forma séria, persistente e constante, certamente poderá atender aos sonhos, desafios e necessidades da cidade e região na área da saúde. Finalmente, cabe-nos registrar neste documento, o agradecimento formal da Universidade Metodista de Piracicaba ao Sr. Prefeito Municipal, Antonio Carlos de Mendes Thame, e a toda a sua assessoria, que permitiu a concretização dos entendimentos entre UNIMEP e Executivo. De igual maneira, registramos os esforços políticos anteriores a estes anos, pelo qual outros representantes piracicabanos, a nível do Executivo e do Legislativo, participaram deste processo que ora se formaliza. Não poderíamos, ainda, deixar de agradecer aos atuais vereadores, a entidades representativas e de classe que vêm nos incentivando a avançar nesta luta e, também, a comunidade acadêmica da UNIMEP, que se dispôs a enfrentar mais este desafio que exigirá muito trabalho, dedicação e competência.

Sabemos, entretanto, que, mais do agradecer, cumpre-nos, neste momento, manifestar nossa esperança de que todo este apoio se for-

30

IHGP

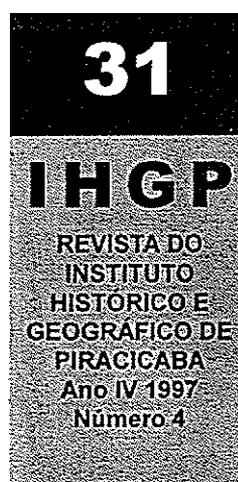
REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA

Ano IV 1997
Número 4

tafeça e continue, cada vez mais se consubstanciando num movimento de luta por Piracicaba e região. Porque este Curso de Medicina, mais do que da UNIMEP, será um curso de todos nós, da própria cidade e, por que não dizer, da região.

Piracicaba, 28 de março de 1996

Almir de Souza Maia
REITOR



A DIALÉTICA DO SABER

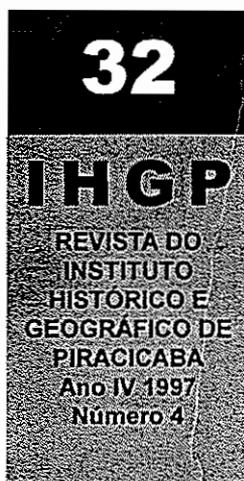
M. Dulce B. Bergamin

Desde que se constituiu como espécie distinta dos demais primatas, seus ascendentes, o *Homo sapiens sapiens* (o duplo distingue-o dos demais "sapiens", como o *neanderthalensis*, por exemplo), tem ido uma história evolutiva que se caracteriza pela busca e pelo desenvolvimento do conhecimento. Isso se explica pelo fato de ser ele, como já afirmara Aristóteles, um "animal racional", isto é, um primata dotado de razão, na verdade o único assim constituído entre os primatas.

Por ser racional o ser humano tem necessidade do conhecimento, que lhe serve de alimento tanto quanto os demais alimentos que sustentam o seu organismo. Necessita do conhecimento para alimentar o espírito, assim como o corpo precisa de proteínas e outras substâncias físico-químicas que lhe garantem a integridade física. É por essa razão que o homem moderno dedica-se à construção da ciência, que se desenvolve acompanhando de certo modo a evolução da espécie. A evolução do pensamento complementa a biológica.

Entretanto, tendo se organizado como parte integrante do sistema cultural que a humanidade preserva como patrimônio, a ciência adquiriu autonomia e passou a determinar seus próprios rumos. Em outras palavras, adquiriu poder perante os demais setores da cultura. Este foi um fato histórico relevante, que trouxe grandes esperanças para cientistas e não-cientistas, mas trouxe também ilusões e enganos, alguns ainda não corrigidos.

Entre esses enganos, pode-se citar aquele que levou à crença de que a ciência podia estabelecer verdades absolutas e eternas. A verdade científica era indiscutível, afirmavam muitos. Nos últimos séculos, julgaram outros que a pré-história da ciência tivesse terminado no século dezessete, e em 1900 os físicos chegaram a acreditar que a sua ciência estivesse quase completa.



Conquistas posteriores a essas datas mostraram os erros de tais crenças. Os próprios físicos, iniciando pesquisas em novas direções, trouxeram a ruína aos antigos dogmas em que tinham até então acreditado. E hoje, no final do século vinte, escreve Edgar Morin que a pré-história das ciências ainda não terminou.

Essas aparentes contradições demonstram que a história do saber humano é, como suas outras conquistas, uma construção progressiva. Evolui à medida que estabelece bases sólidas para consolidar os efeitos anteriores, mas precisa estar constantemente revendo seus princípios, reconsiderando-os a partir de avaliações sistemáticas.

Atualmente já se generalizou entre os cientistas a convicção de que é sua tarefa elaborar não um saber absoluto, mas apenas teorias que, embora respondam de modo satisfatório às questões formuladas, são refutáveis. Em outros termos, teorias cuja validade possa ser demonstrada através de dados apropriados, mas que serão rejeitadas quando os dados assim exigirem.

Sabe-se hoje que a teoria científica é sempre provisória, e nunca definitiva. Mais cedo ou mais tarde será substituída, dando lugar as teorias mais amplas, precisas ou mais completas. O saber científico indica possibilidades, por isso contém sempre certa dose de incerteza. Esta constitui, para o cientista, um componente do trabalho que realiza, cabendo-lhe a tarefa de lidar adequadamente com ela.

A correlação ciência/saber/ignorância é outra contradição ainda não inteiramente resolvida. Iludiram-se os cientistas com a crença de que o progresso da ciência teria como consequência a ampliação do saber e a erradicação da ignorância. Entretanto, verifica-se que paralelamente ao progresso dos conhecimentos ocorre o progresso da ignorância.

Uma vez que o conhecimento ampliado pelo avanço da ciência não se distribui de modo igualitário no meio social, mas permanece concentrado entre poucos, como as demais formas de riqueza, a sociedade vem assistindo ao crescimento da ignorância. É cada vez maior, na sociedade contemporânea, o contingente populacional que não tem acesso ao saber científico, vivendo à margem desse processo e dos benefícios que ele oferece à vida humana.

Entretanto, sob o ponto de vista estrito do proceder científico, reconhecer a própria ignorância e a incerteza constitui progresso, como nota o autor citado, Edgar Morin. Ressalta que o próprio conhecimento, longe de eliminar a ignorância, gera desconhecimento e incerteza, e toda solução gera nova questão. Esta é a dialética do saber, que se mescla com a dialética social para sugerir rumos novos à humanidade, em busca de um progresso compartilhado.

A realização de uma atividade científica crescentemente aprimorada constitui, para qualquer povo, oportunidade de desenvolvimento sob todos os pontos de vista. Porém requer, para efetivar-se, a democratização do saber. Esta por sua vez exige a democracia social, que só se concretiza através da educação, bem maior e condição necessária da evolução intelectual do ser humano.

Como a História demonstra, é através da educação que as populações evoluem e conseguem atingir estágios superiores de desenvolvimento, tanto sob o ponto de vista do desempenho coletivo como individual, no interior dos grupos nacionais ou de unidades menores, comunitárias por exemplo. O processo educacional, além de elevar o

33

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

nível de atuação de indivíduos e grupos no meio social, possibilita o acesso cada vez mais ampliado à atividade científica, constituindo ainda garantia de qualidade no seu desempenho.

Fonte: Morin, E. 1996. *Ciência com consciência*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.



O ALFABETO ESPAÑHOL

F. Pimentel Gomes

Todos nós, brasileiros, sabemos como são semelhantes o idioma Espanhol (também chamado Castelhana) e o Português. Mas, ao lado de tantas semelhanças, há também diferenças notáveis, que convêm conhecer. A primeira delas é o alfabeto, que tem, no Português, 23 letras, além do k, do w e do y, também usados, em contraste com 29 no Castelhana: a, b, c, ch, d, e, f, g, h, i, j, k, l, ll, m, n, ñ, o, p, q, r, rr, s, t, u, v, x, y, z. Por exemplo a palavra "charada", que se pronuncia "tcharada", não se encontra na letra C do dicionário, mas na letra CH (tchê), que vem logo depois. Analogamente, a palavra llave (chave), não se encontra na letra L do dicionário, mas logo a seguir, na letra LL.

Saliente-se também, que as letras do alfabeto são femininas no Castelhana: la a, la b, la m, etc., e não masculinas, como na nossa língua.

Na pronúncia, a diferença maior está nas vogais. Enquanto o Português do Brasil apresenta 17 vogais distintas, o Espanhol tem, oficialmente, apenas cinco: a, ê, i, ô, u. Não existem, pois, no linguajar argentino, uruguaio e paraguaio, os sons vocálicos ã, ê, ĩ, õ, ũ, é, ó, etc. Na prática, talvez por influência brasileira, a situação não é bem essa, nos países vizinhos, mas, na verdade, o ouvido castelhano não distingue ê de é, ô de ó, e não reconhece bem as vogais nasais. A pobreza vocálica do Castelhana é, na minha opinião, o que torna mais difícil, para eles, aprender o Português, do que, para nós, entender o Espanhol. Também lhes dificulta o aprendizado do Inglês e do Francês.

Quanto às consoantes, o j é sempre gutural, com o som do H no Inglês ou o do R inicial da nossa língua. Por exemplo: jabón (rabón) = sabão, jefe (rêfe) = chefe, joya (rôja, na Argentina, rôia, na Espanha). Também o G (cujo nome é rê) tem som gutural antes de E e do I: gema (rema) = gema, gente (rente) = gente, giro (riro) = ordem de pagamen-

35

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

to. A letra **H** se chama **hache**, que se pronuncia **atche**, o **J** é **jota** (rôta), o **K** é **kapa**, o **X** é **equis**, o **Z** é **zeta**, o **Y** é **i griega**, o **Ñ** é **êñe** (enhe) e substitui o nosso **NH**: **niño** (ninho) = **menino**. O **R** se chama "ere", e o **RR** se denomina **erre**, ao passo que **Q** se diz **cu**.

É importante a pronúncia da letra **LL** (elle), que corresponde ao nosso **J** na Argentina: **ealle** (caje) = rua, mas soa como **lh** na Espanha: **ealle** (calhe) = rua, e como **I** no México: **calle** (caie) = rua. É importante também a pronúncia do **Y**, que soa como o nosso **J** na Argentina e no Uruguai, e como **I** na Espanha. Por exemplo: **yo** (eu) e **Mayo** (maio, mês do ano), que se pronunciam **jô** e **majo**, em Buenos Aires, e **iô** e **maio**, em Madrid.

No Espanhol, a letra **S** é sempre sibilante, nunca soa como o **Z** do Português. Por exemplo: **casa** (casa) se pronuncia **cassa**, **beso** (beijo) se diz **bêssô**. Por outro lado, o **Z** não equivale ao **Z** brasileiro, pois soa mais ou menos como o nosso **Ç** (ce cedilha). Assim, **plaza** (praça) se pronuncia aproximadamente **plaça**, e **tiza** (giz) se pronuncia **liça**.

O único acento do Espanhol é o agudo, como em **café**, mas o som do **E** continua fechado: **café**.

As letras **B** e **V** praticamente não se distinguem no Castellano, geralmente se pronunciam como se fossem sempre **B**. Por exemplo: **vaso** (copo) se diz **basso**. Para distinguir essas letras na linguagem falada, os argentinos chamam o **B** de **be larga** (be comprido) e o **V** de **be corta** (be curto).

36

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

CONSTRUÇÕES RURAIS COLONIAIS NO QUADRILÁTERO DO AÇÚCAR, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Celso Lago Paiva²

Resumo

Analizadas edificações rurais construídas no quadrilátero do açúcar paulista entre meados do século XVIII e meados do XIX, constatou-se a presença de diversas características comuns, consideradas primitivas, como o predomínio da técnica da taipa-de-pilão, vergas retas, balaústre coloniais, telhado em quatro águas e beiral largo suportado por cachorros. A partir da introdução da cultura do café, ainda no segundo quartel dos oitocentos, as construções passaram a incorporar diversas alterações construtivas, em técnicas e em materiais, como a eliminação do beiral, multiplicação das águas e ereção de paredes de alvenaria de tijolos.

Palavras chave: História da técnica - São Paulo - Quadrilátero do Açúcar - Engenho - Taipa-de-pilão - Taipa-de-mão - Alvenaria.

Agradecimentos

O autor agradece às pessoas que o auxiliaram nas pesquisas para este trabalho: Antonio da Costa Santos, PUCC, Campinas; Ema Elizabeth Rodrigues Camilo, CMU/UNICAMP, Campinas; Nilson Cardoso de Carvalho, Fund. Pró-Memória, Indaiatuba; Paulo Sérgio Monteiro da Costa, Jaguariúna; Marcelo Caricol Iaralham, Pref. Mun. Indaiatuba; Dr. Julio Roberto Katinsky, FAU/USP, S. Paulo; Elizeu Meschiari, Pref. Mun. Americana; Maria Luíza Silveira Pinto de Moura, CCLA, Campinas; Dra. Marly Therezinha Germano Perecin, IHGP, Piracicaba.

1) Contribuição nº 1, Programa de Publicações, Grupo de Estudos de História da Técnica (Centro de Memória, Universidade Estadual de Campinas).

2) Sócio Correspondente do IHGP; membro do Grupo de Estudos de História da Técnica. Endereço: Caixa Postal 91, Piracicaba SP, 13400-970.

37

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Introdução

Poucas construções coloniais restaram no Estado de São Paulo. Muitas das sobreviventes foram tão deformadas por reformas que dificilmente se poderia ter idéia de sua feição original.

O autor analisou edificações (incluindo engenhos) encontradas no chamado **quadrilátero do açúcar** (Petroni, 1968:7-8), área compreendida entre Sorocaba, Piracicaba, Mogi-Guaçu e Jundiaí, onde entre 1765 e 1851 desenvolveu-se a cultura da cana-de-açúcar, responsável pelo primeiro ciclo econômico produtivo que a Capitania conheceu.

Características das construções coloniais na região

A análise das construções antigas sobreviventes, incluindo urbanas, permitiu sua caracterização com base em elementos comuns, consideradas primitivos (exemplificados na Figura 1):

1. Paredes mestras erguidas de taipa-de-pilão, especialmente nas edificações mais antigas, com alicerces na mesma técnica ou, mais raramente, de alvenaria de pedras (diabásio ou granito; Tulha do Proença, em Campinas). Certas edificações mais recentes (à no primeiro quartel dos oitocentos) incorporaram a técnica da taipa-de-mão, mesmo nas paredes mestras, com mureta de vedação de alvenaria de pedras e paus-a-pique de estipes de palmito (*Euterpe edulis*, Araceae; Casa do Povoador, em Piracicaba).

2. Beiral largo (0.60 m a 1.00 m) amparado por cachorros (com discreto entalhe na extremidade ou lisos). O sistema de ancoragem dos cachorros nos caibros era muito variável, não havendo identidade nesse particular entre quaisquer construções sobreviventes (Paiva, 1996:17). Geralmente uma peça independente (a âncora) unia a extremidade interna do cachorro à retranca apoiada sob o caibro. Outro sistema, mais primitivo, fazia os cachorros passarem por orifícios justos escavados no próprio frechal, o que dispensava mais ancoragem. O forro de tábuas (guarda-pó) era disposto entre os cachorros e as telhas.

3. Planta-baixa retangular, fechada.

Construções rurais coloniais no quadrilátero do açúcar, Estado de São Paulo

4. Telhado de quatro águas, rigorosamente desprovido de rincões, armado por terças que suportavam caibros com sambladura basal no frechal interno (ou apoiados sobre este, sendo cortados sobre a parede), sem o uso de tesouras; a terça da cumeeira apoiava-se por esteios sobre frechais de paredes mestras. O ripado era de fasquias de estipes de juçara (ou palmito, *Euterpe edulis*). A madeira era desdobrada com machado, posteriormente com traçadores, sendo tardio o emprego de serras d'água. O acabamento era feito com enxó.

6. Vergas retas ou, mais raramente, em arco abatido, mais comum na região ituana: vergas, ombreiras e peitoris lisos, sem entalhes, de madeira.

7. Janelas parcas e com freqüência providas (se no térreo) de grades de balaústres verticais de seção quadrada e dispostos com as

38

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

quinas voltadas para fora, denominados balaústres coloniais³ (Paiva, 1996:14). Escuros como única vedação, basculando por gonzos. O número de janelas por aposento aumentou consistentemente com o tempo, chegando ao máximo já no primeiro quartel dos oitocentos (Casa-rão do Pau Preto, Indaiatuba; Figura 3).

8. Implantação em plataforma aterrada, com a fachada principal voltada para o declive, nunca longe da água corrente. Os engenhos sempre se utilizaram de desníveis entre as diversas plantas de produção, mesmo em único edifício.

9. Piso de terra apiloadada.

Ao conjunto dessas características diagnósticas denomino **partido colonial** de construção, aplicável estritamente apenas nessa região e época. Certos detalhes construtivos próprios de edificações rurais anteriores a 1765 nunca foram utilizadas na região durante o ciclo do açúcar, como conversadeiras nas janelas, coices para basculação das envasaduras, padieiras (forro inferior do sobreato capialçado unido com a verga em peça única) e cachorros decorados.

A arte aparentemente não entrava na cogitação dos construtores civis coloniais, mas alguns tratamentos de detalhes construtivos possuem hoje certo apelo estético. Nota-se o ritmo das aberturas na fachada do casarão do Pau Preto, em Indaiatuba, sendo as janelas numerosas (doze em 35,4 m de fachada; Figura 3) providas de balaústres coloniais, gerando viva impressão de movimento para quem se aproxima (ritmo já mencionado por Andrade, 1965:89-90 para o uso desse tipo de grade no controle dinâmico da iluminação interna). Discreta intenção decorativa revela-se no entalhe simples da extremidade distal dos cachorros (cujo desenho padrão mostra-se na residência jesuítica de Embu), no adocamento das colunas dos alpendres e no desenho dos ábacos dessas mesmas colunas, sustentando os frechais. O entalhe terminal das vergas e soleiras das janelas do engenho da Fazenda Atibaia (Figura 4) é eminentemente decorativo em seu individualismo. Encontram-se na região exemplares tardios de forro-mineiro, protetores contra os rigores hibernais, mas por natureza decorativos.

Casas de tradição bandeirista

Algumas grandes casas de morada ituanas seguem o partido de tradição bandeirista (Katinsky, 1972, 1976), trazendo dos seiscentos características bem definidas mas já em plena evolução modificadora: faixa fronteira com alpendre ao centro, ladeado por um cômodo em cada extremidade com portas para esse pretório; frechal no alpendre sustentado por duas ou mais colunas oitavadas de madeira de base quadrada; depósito sobre forro de tábuas em um ou mais cômodos; paredes mestras de taipa-de-pilão; salão central por detrás do alpendre, comunicando-se com os demais cômodos e atingindo a fachada traseira; telhado de quatro ou de duas águas (tendendo a incorporar anexos geradores de rincões).

A casa de tradição bandeirista de revelação mais recente (Engenho-d'Água) foi descoberta no município de Indaiatuba (Paiva, 1996:332-33) e é propriedade do município. Muito bem conservada apesar de diversas alterações, está sendo exaustivamente pesquisada. Possui dimensões maiores que a maioria das casas desse partido, ver-

3) Esse mesmo tipo de grade ocorre em antigas construções japonesas, país visitado já em 1542 pelos navegantes de Portugal. Paulo S.M. Costa fotografou elemento idêntico (Figura 2) na cidade de Yamaguchi, província de mesmo nome, essa região teve longo contato com navegadores e jesuítas portugueses.

39

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

gas retas, telhado de duas águas (embora existam indícios, como oitões de alvenaria de adobes, de que originalmente teriam sido quatro as águas) e distribuição em dois lanços de cômodos. A restauração de feição próxima à original parece plenamente realizável.

Construções pós-bandeiristas

O partido dito "de tradição bandeirista" não alcançou o século XIX, mas desde meados dos setecentos sua rigidez formal foi sendo relaxada, permitindo soluções até então desconhecidas ou pouco utilizadas, como telhados de duas águas, anexos que exigiam rincões no tratamento do telhado (casa do Quinzinho, em Sorocaba), vergas em arco abatido (casas das fazendas ituanas) e o alteamento das paredes internas (o que refletiu na altura impressionante do pé-direito máximo do pretório, de até mais de cinco metros, como no Engenho-d'Água, em Indaiatuba). Os pretórios foram transformados em "varandas" pelo fechamento completo da fachada principal (casa do brigadeiro Tobias, no distrito sorocabano do mesmo nome; Lemos, 1984:30-34). Acredito que pesquisas futuras revelarão outras mais edificações que representam estágios de evolução destas casas para as construções mais livres que as sucederam.

A grande casa do Proença, ao lado da Tulha, em Campinas, datada do início dos oitocentos (Antonio da Costa Santos, com. pes.), exemplifica essas construções com elementos modernizantes: faixa posterior transformada em um recinto, pretório fechado, piso assobradado, incorporação da novidade das camarinhas (que se vulgarizariam com o café), janelas desprovidas de balaústres, uso intensivo de ferragens. Essa grande edificação conserva soluções arcaicas, como a planta nitidamente bandeirista, com a faixa fronteira com seus três recintos e o telhado de quatro águas (com ripado de fasquias originais de estipes de palmito). O grande porte e o pé-direito elevado já prenunciam os solares do café.

A seu lado ergue-se a chamada Tulha do Proença (Figura 1), mais antiga, também recuperada e consolidada pelo proprietário. Seu programa original é desconhecido. De grandes dimensões, com divisão transversal hoje inexistente (mas cujo alicerce em taipa-de-pilão foi revelado por prospecções pelo proprietário), mostra envasaduras originais apenas na fachada principal. Uma janela mostra as sambladuras das grades em diagonal, excepcionalmente robustas. As demais características são primitivas, com exceção da armação do telhado, que se vale de estrutura aparentemente antecessora da tesoura. Consta de duas empenas opostas, unidas por viga horizontal correspondente ao tensor: um esteio (de localização equivalente à do pendural) transfere o peso da cumeeira à viga horizontal. No mesmo alinhamento um esteio ensamblado ligava a viga ao chão, o que descaracteriza a estrutura como tesoura. Outro elemento de interesse é o piso de terra apiloada, um dos únicos exemplares autênticos preservados no quadrilátero do açúcar.

Sobrados rurais

O final do século XVIII assistiu ao erguimento dos primeiros sobrados rurais (com o térreo útil sob o sobrado), quase certamente



influência dos entrantes mineiros e de paulistas que retornavam de Minas Gerais (Paiva, 1996:30).

Sítio Grande. Um dos mais antigos ainda existentes, citado no inventário de seu construtor com esse nome, depois denominado Fazenda Chapadão e hoje pertencente ao Exército. Já existia em 1792 (Pupo, 1969, 1983; essa data carece de documentação), sendo talvez o decano das construções da região de Campinas, ao lado da Tulha do Proença. Trata-se de grande retângulo de taipa-de-pilão com o segundo andar de taipa-de-mão, sendo este provido de numerosas janelas com vergas retas. O telhado é de quatro águas. Algumas janelas conservadas no rés-do-chão ainda portam os balaústres de base quadrada. As dimensões e a localização em fundo de vale ao lado de ribeirão indicam que abrigava engenho real, embora o inventário de seu construtor nada especifique a respeito. Muitas alterações sérias não deturparam completamente a feição austera dessa edificação.

Uma segunda construção foi erigida na fazenda em meados do século passado para morada; muito alterada, conserva bandeiras de portas internas providas de rótulas fixas, elemento de ascendência urbana.

Salto Grande. Outro sobrado já dos primeiros anos dos oitocentos, no atual território de Americana; também conhecida como Sobrado Velho, situa-se junto à foz do Jaguari no Atibaia formando o Piracicaba. De propriedade do governo estadual e muito bem conservado, este antigo engenho real pode ser restaurado com pesquisa adequada. De grande porte, possui paredes inestras de taipa-de-pilão e paredes secundárias de taipa-de-mão. Foi adulterada nas primeiras décadas deste século com o lançamento de segundo lanço assobradado, com a ereção de diversos tabiques de tijolos e com a substituição em várias janelas do térreo das antigas grades de balaústres de base quadrada por outros caprichosamente torneados, desproporcionais e estranhos ao uso paulista.

A fachada fronteira possui longo prolongamento da senzala, de mesma idade do engenho e originalmente desprovida de janelas na fachada principal. Minha pesquisa indica que o engenho original era provido apenas do térreo, sendo logo acrescido do andar superior para morada senhoril. A imensa armadura de seu telhado ainda dispensa estrutura que lembre tesoura. Existem cachorros que se tornaram anacrônicos pelo alteamento do telhado em recente reforma de recuperação. Tanto este engenho quanto o Sítio Grande foram levantados por irmãos nascidos em Minas Gerais (Pupo, 1969, 1983; pesquisa do autor); indicio do uso mineiro é o forro-mineiro encontrado em pequeno cômodo do andar sobrado (Pupo, 1983:130). As portas externas do salão central do térreo são largas, sugerindo trânsito dos animais cargueiros da cana.

Essa construção tem o piso do andar térreo escalonado da frente para o fundo, necessário para facilitar o trabalho com a cana, seu caldo e os produtos intermediários da produção do açúcar, possuindo o tendal onde o açúcar era purificado nas formas. Se for legítimo, trata-se do único tendal sobrevivente do período colonial neste Estado. O engenho setecentista da chácara Rosário, em Itu, estudado por Katinsky (s. d.) também conserva o escalonamento altimétrico, bem como o antigo engenho da Faz. Mato Dentro, em Campinas, erguido na primeira década do século XIX, hoje existente como ruínas sob e ao lado do casarão imperial construído no mesmo local; estes velhos restos alber-

41

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

4) Desenrolou a batalha da Venda Grande, na Revolução Liberal de 1842, à frente desse sobrado, onde se sucederam arbitrariedades das tropas oficiosas depois da refrega (Pupo, 1969:123-136). Miguelzinho Dutra, como liberal dedicado, deve ter pintado esse local por sua importância de sítio histórico, esquecido pelas autoridades que permitiram sua eliminação.

gam muros de taipa-de-pilão sobre alvenaria de pedras, técnica mista relativamente rara na Província.

Casa de máquinas da Fazenda Atibaia. Em Campinas, possui o andar do térreo em larga alvenaria de tijolões, embasado em fundações de pedras, com detalhes construtivos próprios da taipa-de-pilão, como engros e sobrearco capialçado nas portas; duas grandes portas sob frechal de enorme seção deveriam dar passagem aos muars cargueiros. O piso é de grandes lajes de granito.

O andar do sobrado (Figura 4) possui estrutura de gaiola, próprio da taipa-de-mão, carecendo dos paus-a-pique, substituídos por tábuas em diagonal apoiadas nos esteios e nas ombreiras; os vãos são preenchidos por alvenaria de ladrilhos (de 0,235 x 0,235 x 0,04 m), aparelhados na horizontal ou na diagonal, sem critério definido e com argamassa de barro.

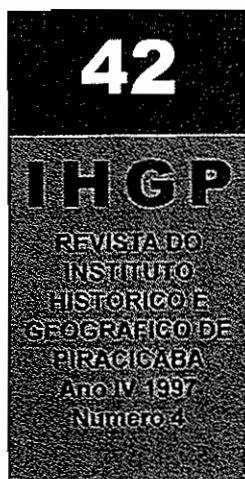
Um rego profundo de algumas centenas de metros conduzia na encosta água do rio Atibaia para roda-d'água de madeira situada sob o sobrado, no andar térreo, sendo o inferno alguns metros mais baixo que o andar térreo, cortando o alicerce e descarregando no próprio rio a poucos metros. A água alimentava antes da roda-d'água um moinho cujas mós ainda se encontram no local, enterradas.

As janelas do sobrado mostram entalhe lateral caprichoso e original (Figura 4).

O telhado de quatro águas apresenta os cachorros originais, com âncoras. Construção visivelmente antiga, colonial nos detalhes, demonstra tentativa de passar das técnicas de taipa para as de tijolos, mas ainda pouco confiante na capacidade estrutural desses elementos. Daí a necessidade da gaiola e de grossos esteios de madeira sustentando os baldrames internos do sobrado. De idade desconhecida, deve ser anterior à década de 1860. Pode ter servido à indústria do açúcar antes do café. Como hipótese confirmável pela arqueologia construtiva (Paiva, 1996:38) proponho que as paredes do andar superior tenham sido originalmente de taipa-de-mão, sendo os panos substituídos na era cafeeira pela alvenaria de ladrilhos; mais difícil é aceitar que a taipa-de-pilão do térreo tenha sido substituída pela alvenaria de tijolos.

Uma característica constante dos sobrados coloniais da região (e de Minas Gerais) foi ilustrada em 1845 por Miguel Archanjo Benício d'Assumpção Dutra, o iconógrafo ituano-piracicabano (Bardi, 1981:23), que figura em aquarela a fazenda na Venda Grande, em Campinas⁴ onde mostra duas construções. Trata-se do acesso ao andar do sobrado, feito por escada externa que alcançava a porta central. Essa providência isolava o sobrado, quase sempre morada do fazendeiro, da planta fabril no térreo e dos escravos. Ao lado do casarão aparece um galpão sem paredes de duas águas com a cumeeira sustentada por esteio que ia ao chão e quatro esteios nos cunhais. O inventário do proprietário Theodoro Ferraz Leite, em 1837, cita "Casas de Sobrado" (ilustrado por Dutra) e "Fabrica" com suas 77 fôrmas de açúcar (3.º Ofício, Campinas, caixa 263, n.º 6681; CMU, UNICAMP).

Um complemento construtivo típico de Minas que os mineiros introduziram em inúmeras construções alhures é o forro-mineiro, trançado de lâminas de taquara, em malhas estreitas, suspenso pouco abaixo dos frechais sobre os cômodos (Paiva, 1996:30). O trançado variava bastante. A conservação térmica deve ter dado origem a essa prática. No quadrilátero do açúcar encontra-se pequeno exemplo no andar



superior do Engenho do Salto Grande (Americana), e no solar do Barão de Itapura (sede da PUCC), no centro de Campinas, do último quartel dos oitocentos. Neste último caso o forro, de trançado singelo, foi alçado a grande altura, forrado inferiormente com massa e pintado com arabescos florais, devendo constituir a totalidade do forro falso desse edifício de grandes dimensões. Essa técnica deve ter raízes indígenas, ao menos na forma e nos materiais empregados.

Evolução rápida no Império

Muitas das edificações dedicadas à fábrica do açúcar foram adaptadas ao processamento do café, quando na primeira metade do século XIX essa cultura passou a substituir a cana-de-açúcar no quadrilátero. Essa adaptação nem sempre garantiu a integridade das edificações. A velha sede do Sítio Grande, já mencionada, teve suas divisórias internas, provavelmente erguidas na técnica da taipa-de-mão, derrubadas para a instalação das máquinas de café (Pupo, 1983).

A introdução da cultura do café permitiu o enriquecimento rápido dos proprietários rurais, o que refletiu em suas construções. A simplicidade estética das velhas sedes rurais não mais satisfez os senhores, que pela primeira vez utilizavam-se das edificações para revelar seu fausto. Os pisos apiloados ganharam revestimento de ladrilhos e de sobrados de taboado. Os anexos das casas de morada se multiplicaram, caixilhos envidraçados foram acrescentados às janelas, cunhais foram revestidos por massa saliente (mesmo nas edificações de taipa-de-pilão, como o Salto Grande); o beiral foi disfarçado por cimalthas de tábuas (solar urbano do Barão de Dourados, em Rio Claro) e depois por cimalthas de massa, de alvenaria ou de algeroz.

Nas novas construções os cômodos e camarinhas eram numerosos; a velha solução da planta retangular foi abandonada, com a multiplicação dos rincões, antes rigorosamente evitados; como consequência, a planta tomou a forma de um "I" ou um "U". Surgiram as capelas de fazendas, independentes ou anexas à sede.

Nas décadas de 1870 a 1880 surgiu a técnica da alvenaria de tijolos, até então praticamente ignorada pelos paulistas, que usavam com parcimônia a alvenaria de adobes. Finalmente o próprio beiral foi cortado por platibandas decoradas que escondiam calhas metálicas, e balcões providos de guarda-corpos de ferro passaram a adornar os sobrados já férteis em ornamentos. Muitas sedes ganharam pretórios largos que ocupavam toda a fachada principal. Os cimos das platibandas ganharam vasos, estátuas, pinhas e coruchéus.

Os andares térreos ganharam os mesmos ladrilhos que guarneceram os terreiros de secagem de café; esse tipo de piso tornou-se rotineiro até o final do século, época em que o tijolão passou a ser utilizado com o mesmo fim.

Na segunda metade dos oitocentos surgiram as tesouras, no início rudimentares, como na incorporação de tensores a ligarem terças nas águas opostas ou esteios a se apoiarem sobre tensores apoiados nos frechais. Caibros apoiados no frechal externo, prolongando-se além deste, são encontradas em construções mais recentes ou reformadas.

As últimas transformações importantes das edificações rurais revelaram-se no tratamento das envasaduras (Paiva, 1996:12-13). Os

43

IHG P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

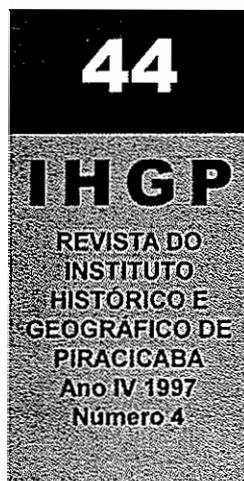
gonzos perderam o favor e foram substituídos por dobradiças. Os escuros, no máximo almofadados, cederam lugar às venezianas. As vergas retas ou em arco abatido foram trocadas nas portas principais por vergas curvas com cornijas ou bandeiras com arabescos de ferro fundido. As ombreiras ganharam socos decorados. Detalhes decorativos em baixo-relevo no reboco foram largamente utilizados, imitando a rusticação do neoclássico. Esses detalhes completaram o desvirtuamento do partido colonial, que servira os paulistas por 350 anos.

Na casa de máquinas da Fazenda Duas Pontes, em Campinas, erigida nos últimos anos do Império, torna-se marcante o hibridismo de técnicas em era de inovações no encontro de elementos primitivos (beiral largo com cachorros entalhados, recobertos por guarda-pó e providos de ancoragem completa) e de elementos modernizantes (alvenaria e cimilha de tijolos aparelhados em diagonal).

Todas as transformações referidas foram adotadas mais rapidamente nas sedes das fazendas. Nas edificações utilitárias (senzalas, moinhos, tulhas, casas de farinha) muitas das características do partido colonial, incluindo as técnicas da taipa, se mantiveram até bem próximo do fim do século XIX, mesmo nas construções novas. Nas casas de morada, essa evolução oferece ao pesquisador ferramentas que permitem datação das construções com muito maior segurança que nas edificações do ciclo açucareiro, quando as modificações nas técnicas construtivas foram mais lentas e de adoção independente em regiões diferentes.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de, 1965. Aspectos das artes plásticas no Brasil. S. Paulo, Martins, 96 p. + pranchas. 1 ed., 1935/1943 (ensaios). (Obras Completas de Mário de Andrade 12).
- BARDI, Pietro M., 1981. Miguel Dutra, o poliédrico artista paulista (Itú, 1810 - Piracicaba, 1875). S. Paulo, Mus. Arte de S. Paulo Assis Chateaubriand, 111 p., il.
- KATINSKY, Júlio R., 1972. Casas bandeiristas. Nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo. S. Paulo, Tese de Doutorado, FAU/USP, 135 p., il.
- KATINSKY, Júlio R., 1976. Casas bandeiristas. S. Paulo, IGEOG - USP, 183 p., il.
- KATINSKY, Júlio R., s.d. Arquiteturas do açúcar. S. loc., ms., 66 p., il.
- LEMO, Carlos, 1984. Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo. São Paulo, FAU/USP, 62 p., il. 2 ed. (1 ed., 1969).
- PAIVA, Celso Lago, 1996. História da técnica das construções coloniais em São Paulo. Indaiatuba, Fundação Pró-Memória de Indaiatuba, 49 p., il.
- PUPO, Celso M. M., 1969. Campinas, seu berço e juventude. Campinas, Acad. Campinense de Letras, 335 p., il. (Publicações 20).
- PUPO, Celso M. M., 1983. Campinas, Município no Império. S. Paulo, Impr. Of. Estado, 231 p.



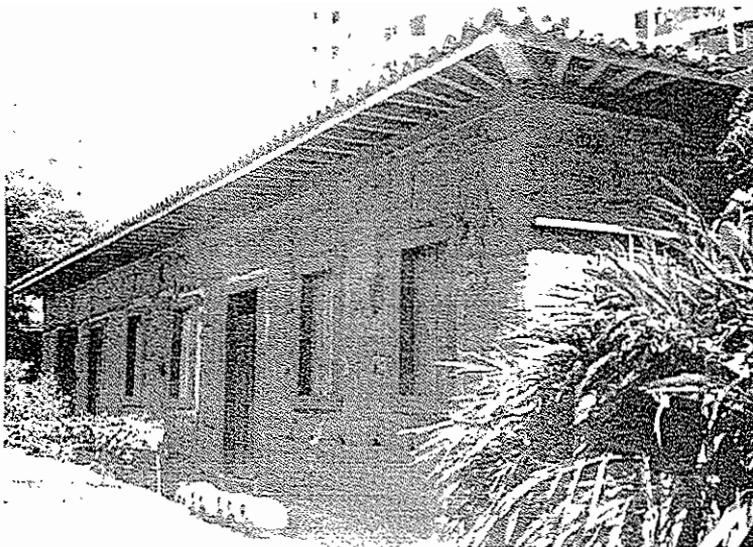


Figura 1. Tulha do Proença, Campinas. O reboco e o guarda-pó foram eliminados. O lambrequim é de fatura recente.

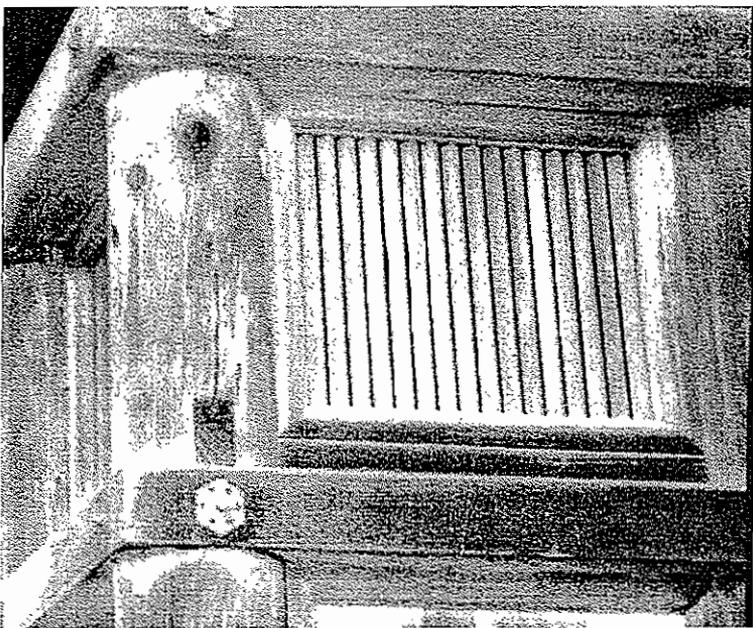


Figura 2. Detalhe do pagode zen-budista de Rurikoji, monumento nacional erguido em 1442 na cidade de Yamaguchi, província de mesmo nome, distrito de Chugoku, ilha de Honshu. Janela provida de balaústres de seção quadrada em disposição enviesada. Fotografia de Paulo S. Monteiro da Costa.

45

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV, 1997
Número 4



Figura 3. Casarão do Pau Preto, Indaiatuba, SP. Construção rural com implantação original em periferia urbana. Janelas numerosas providas de balaústres coloniais. Os cachorros foram eliminados.

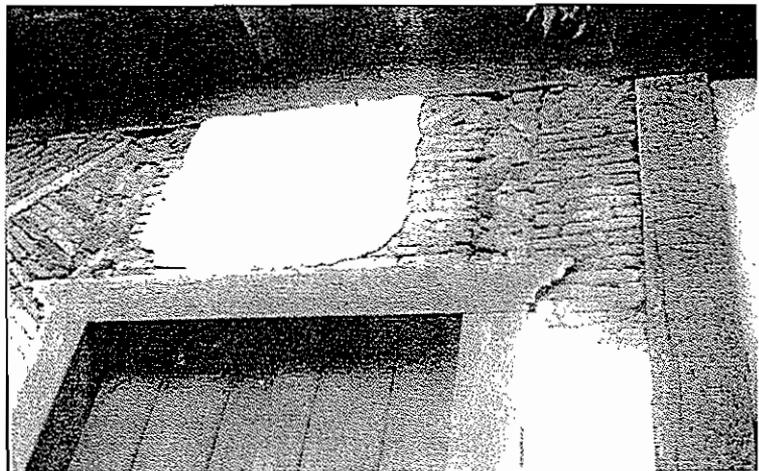


Figura 4. Casa de máquinas da Fazenda Atibaia, Campinas: detalhes do andar do sobrado. Estrutura de gaiola, cachorros com guarda-pó sobre o frechal, verga reta com lateral recortada, escuro. As paredes são de alvenaria de ladrilhos dispostos na horizontal (à direita) ou inclinados (à esquerda). Percebe-se o esteio que liga o frechal ao baldrame, gerando a meia altura a ombreira

46

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

A VISÃO ADMINISTRATIVA DE MELLO MORAES

Aristeu Mendes Peixoto

Prof. Frederico Pimentel Gomes,
M.D. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.
Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

De início desejo agradecer à Diretoria do IHGP, na pessoa de seu Presidente, o estimado colega Dr. Frederico Pimentel Gomes, pela gentileza do convite para atuar com o debatedor da palestra proferida nesta noite pelo eminente Professor Dr. Eurípedes Malavolta, amigo, colega e conterrâneo, enfocando a figura do Prof. José de Mello Moraes e o desenvolvimento da ciência do solo agrícola no Brasil.

Quero também parabenizar o ilustre orador pelo magnífico trabalho apresentado, que, com sua peculiar habilidade de narrar os fatos e sentir os episódios, nos brindou com magistral aula sobre o assunto, enaltecendo a pessoa extraordinária, às vezes polêmica e controvertida, do Prof. Mello Moraes, sempre lembrado por todos aqueles que com ele conviveram ou pelos que conhecem um pouco da História da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

Pode-se mesmo dizer que grande parte dessa História se confunde com a vida do grande mestre do passado, tantos foram os anos, cerca de 27, em que dirigiu sua gloriosa Escola, como costumava chamá-la afetuosamente, e tantos foram os desafios que enfrentou, com decisão e coragem, visando a dotá-la dos recursos indispensáveis em seu tempo, para que viesse a se projetar nos cenários nacional e internacional como um reconhecido centro de excelência no ensino e na pesquisa das ciências agronômicas.

Nós, que o conhecemos como professor de Química Agrícola, em suas aulas deliciosamente recheadas de comentários pitorescos so-

47

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

bre a política agrícola no País, depois na qualidade de Diretor da Escola, que me entregou em sessão solene o diploma de engenheiro-agrônomo em 1949, e, como Reitor da Universidade de São Paulo, onde deixou assinalada sua passagem de dinâmico administrador, nos verdes anos do início de nossa atividade acadêmica e profissional, nos idos de 1950, aprendemos desde cedo a admirar e reconhecer os méritos dessa figura rara de homem, dublê de docente talentoso e administrador capaz, que, apesar dos inimigos declarados, acérrimos, que não lhe perdoavam as ousadias, fez da vida uma incessante luta em prol de sua querida Escola. A todos respondia, defendendo suas posições, às vezes, com palavras candentes, em artigos no *Jornal de Piracicaba*, com o pseudônimo de Jonas de Almeida.

Esses denodados esforços, lamentavelmente não foram ainda devidamente reconhecidos pelos seus pósteros. Quiçá, em 2001, quando a ESALQ completar os 100 anos de fundação, uma homenagem especial, sem dúvida muito justa, lhe seja prestada, dedicando a ele algumas páginas nos anais comemorativos do evento, em reconhecimento pelo que muito fez à instituição.

Em nosso entender, nada mais precisaria ser acrescentado ao que já muito bem relatou o Prof. Eurípedes Malavolta para situar a pessoa e a atuação do professor Mello Moraes no contexto representado pela trajetória histórica da ciência do solo agrícola no Brasil, notadamente nas áreas de Pedologia, Edafologia e da Nutrição de Plantas, nas quais se destacou e exerceu sua atividade de docente e pesquisador.

Todavia, na qualidade de debatedor do assunto, permito-me a liberdade de comentar, a título de complementação, uma faceta importante de seu trabalho, às vezes esquecida de muitos: sua reconhecida visão, de largos horizontes e objetiva futuridade, amplamente demonstrada e revelada pela preocupação constante com o desenvolvimento científico de outras áreas afins, indispensáveis para a formação integrada do profissional da Agronomia. É nesse sentido que entendemos a atitude corajosa do Prof. Mello Moraes, indo buscar na Europa, trazendo para Piracicaba e a Luiz de Queiroz, em 1936, um especialista estrangeiro no setor de Genética, ciência que despontava como fundamental aos estudos agrônômicos, o Prof. Frederico Gustav Brieger, que posteriormente passaria a ser considerado mui justamente como o pai da Genética Vegetal no País.

Ao comentar a influência e os benefícios decorrentes da presença do grande cientista na Luiz de Queiroz durante largos anos, para o ensino e a experimentação agrônômicos, lamentava, às vezes, o Prof. Mello Moraes, em conversas informais, não haver feito o mesmo em relação a outros setores onde os estudos se ressentiam da presença de um nome que polarizasse os estudos e catalizasse os esforços, como tão bem o fizera o Prof. Brieger, em seu destacado trabalho de geneticista e melhorista de plantas.

Porém, se não o fez dessa forma, por outro lado, procurou oferecer as condições de infra-estrutura necessárias para o desenvolvimento da atividade científica na ESALQ: Em 1943, como Secretário da Agricultura do Estado, expôs ao então Interventor Federal em São Paulo, o agrônomo Dr. Fernando Costa, as exigências prementes de expansão da ESALQ. Era um plano grandioso, não somente para satisfazer as necessidades da época, mas para 50 anos à frente, pelo menos. Foram

48

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

inicialmente desapropriadas e incorporadas às terras limítrofes às da antiga Fazenda São João da Montanha, por Luiz Vicente de Souza Queiroz, em virtude de a área existente ter-se tornado insuficiente para a experimentação. Durante o período de 1941 a 1945, foram criadas mais 4 seções técnicas: Avicultura, Genética, Tecnologia e Química Agrícola, que passaram a contar com áreas próprias. Completou-se a reforma do pavilhão principal, foram construídos os pavilhões de Agricultura e do Aviário, iniciadas as construções dos pavilhões de Horticultura e Engenharia, e suas obras complementares, outros melhoramentos importantes, como a implantação da Estação Experimental de Cana-de-Açúcar do Instituto Agrônomo, em novo local, à margem da estrada Piracicaba-Rio Claro, a ampliação de áreas de experimentação na Fazenda Areião, a nova captação de águas da fonte Monte Olimpo para as residências, prédios de aulas e laboratórios, estábulos, etc., também datam dessa época.

Todas essas e outras tantas benfeitorias permitiram ampliar e consolidar a base física indispensável ao desenvolvimento da pesquisa científica, o que na época passou a emprestar à Luiz de Queiroz o toque de classe diferencial quando comparada à maioria das demais escolas congêneres do País.

Se Fernando Costa, com seu ascenderado amor à ESALQ, ofereceu os recursos indispensáveis para essa verdadeira reforma, coube a Mello Moraes e aos vice-diretores que o substituíram em seus impedimentos, concretizar o ideal de transformá-la na instituição de renome com que sonhou o gênio de Luiz Vicente de Souza Queiroz.

Só por esse motivo, não houvesse outros mais, Mello Moraes merece ser lembrado como um dos grandes benfeitores de sua gloriosa Escola.

É o que tinha a dizer, Senhor Presidente.

Muito obrigado.

49

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

JOÃO CHIARINI É “PRATA DA CASA” CAIPIRACICABANO SIM SENHOR. (*)

Maria Inês Alves de Andrade

(*) Resumo da dissertação de Mestrado, pela UNIMEP, em 1994.

A opção pela pesquisa e estudo da História local através da atuação e da ótica do piracicabano João Chiarini foi grandemente devida a sua opção política clara e pelo seu posicionamento ao lado das classes populares onde pôde desenvolver um trabalho constante e incansável, tanto política como culturalmente.

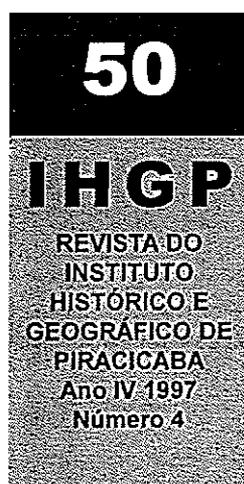
Era um patriota justamente no sentido de se saber partidário do bem público que queria ampliado e acessível a um número sempre crescente de cidadãos.

Para tanto nos aprofundamos nos estudos sobre o nacionalismo, sobre o modernismo e o comunismo entre outras manifestações da nascente “esquerda” no Brasil.

Contemporâneo e amigo pessoal de Oswald de Andrade (como atestam relatos, testemunhos orais e escritos) vivenciou o movimento modernista acompanhando de perto a transição ocorrida em Piracicaba nos anos 40, a urbanização e a industrialização próximas das atividades agrárias (açúcar). Através de sua obra *Cururu* observa-se e se compreende a transição através das letras do *Cururu* — do rural ao urbano.

Estudando melhor o nacionalismo no Brasil, vimos que sua presença já era latente entre nós desde o princípio deste século, com movimentos que impulsionaram as pesquisas folclóricas neste contexto. No entanto, é o Modernismo que vai dar ao nacionalismo a faceta realista e social.

No Brasil, então, a problemática do Modernismo em geral se situou no fato de termos mergulhado numa visão acritica do mundo moderno que, privilegiando sempre o pólo modernizador, propicia o surgimento da oposição verificada entre o que caracteriza a cidade e o campo, para citar Renato Ortiz. Neste sentido João Chiarini se coloca ao lado dos lavradores que vieram para a cidade e se tornaram operári-



os, mergulha no conflito onde este se instala. Observador atento e propugnador dos direitos e das manifestações populares nascidas neste contexto, milita na esquerda comunista.

A pesquisa e os conhecimentos adquiridos sobre a História local são os caminhos que seguramente nos conduzem aos contextos mais amplos da política, da cultura e da economia nacionais e internacionais.

A militância no PCB, o "queremismo", o quadro político partidário em 45, onde procuramos destacar os diversos posicionamentos sobre questões como: O Direito de Greve, o Capital Estrangeiro e a Reforma Agrária, para uma avaliação do grau das mudanças ocorridas desde então, de fato, no cenário brasileiro

O 3º Congresso Brasileiro de Escritores e a resistência que empreendeu somada a sua participação nas campanhas do "petróleo é nosso" demonstram traços marcantes de uma atuação coerente e contagiante.

De todas as atividades, a que mais o gratificou foi sem dúvida a pesquisa e o estudo participantes nas manifestações da cultura popular de Piracicaba: Festa do Divino, o Cururu, a vida e obra de Cornélio Pires, para citar algumas. É significativo lembrar que a importância atribuída à pesquisa folclórica se situou sobremaneira na possibilidade de, através da voz popular e suas manifestações, conhecer melhor essa história para que de sua compreensão surgisse a consideração daqueles que passaram a constituir o objeto da política, da cultura e da própria pesquisa.

João Chiarini, juntamente com um número representativo de intelectuais, vislumbraram no modelo soviético a chance que o Brasil teria de evoluir para um regime que priorizasse o atendimento das reivindicações das classes trabalhadoras para além do reformismo, acreditando que o alcance da modernidade não poderia relegar a um plano secundário o fator mais representativo destes tempos, que era constituído pela classe trabalhadora, assalariada no campo e nas cidades.

Como decorrência, pudemos avaliar também a crença de Chiarini e de muitos outros intelectuais, como Mário de Andrade por exemplo, na nacionalidade e na tecnologia como componentes básicos de todo o progresso, o que seria certamente alcançado via Estado, já que os setores privados sequer estavam sólidos e estruturados economicamente.

Chiarini também acreditava que o desenvolvimento de um povo não se completaria sem o incentivo e apoio à cultura, razão que o levou a candidatar-se nas eleições de 1988 pelo P.S., pois sua crença no desenvolvimento cultural jamais esteve dissociada do seu ideal socialista, e aqui certamente reside seu maior mérito e sua atualidade, nas perspectivas possíveis das classes trabalhadoras.

Desde cedo sua participação é significativa, conhecido e reconhecido em Piracicaba, mas também polemizando e contribuindo para despertar o espírito crítico sem ser jamais conivente com qualquer tipo de poder ditatorial ou com qualquer conservadorismo estreito.

"João Chiarini não se contenta em atirar dardos de tinta e papel. Faz de toda sua vida uma revolução. Apaixonado pela questão do negro, mete-se mesmo nos sambas dos homens de cor, puxa cordões carnavalescos, provoca a realização de festas folclóricas. Cheio de vida, enche a cidade estudantina com os movimentos que lheafia. Mete-se em jornais, funda revistas, faz conferências, excursiona pelas cidades vizinhas, pelos Estados limítrofes, vai ao Norte, vem à capital" (D. Casmurro 06-II-43).

51

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

(Palestra no IHGP,
Centenário de Leandro Guerrini
Em 13/4/96)

SAUDADE DE LEANDRO GUERRINI NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO

Cecílio Elias Neto

Palestra do dia 13/04/96 feita
no IHGP em comemoração ao
Centenário de Leandro
Guerrini por Cecílio Elias Neto

Senhoras e Senhores:

Há uma reflexão de Victor Hugo que, desde minha juventude, passou a acompanhar-me em momentos que eu diria de contemplação ou de deslumbramentos indefiníveis. Disse o grande escritor francês: "Há momentos na vida em que, em qualquer posição que esteja o corpo, a alma estará sempre de joelhos."

Este, tenho certeza, é um desses momentos. Almas jovens e almas que envelhecem, almas marcadas de cicatrizes da vida e almas ainda brilhantes de esperança, a alma de uma cidade e de um povo, a alma piracicabana que se põe de joelhos. Eu diria, pelo menos para mim, que este é um momento litúrgico, de religiosidade, de comunhão espiritual diante de mistérios da saudade que conseguem manter as coisas vivas, diante de heranças humanas que impedem que nos percamos na confusão dos tempos. Talvez, muito mais do que possamos suportar, exista em nós uma alma de índio, não selvagem mas ingênua e límpida que se ajoelha diante daquilo que não entendemos. A vida, por exemplo. Não a entendemos, teimamos em complicá-la em torná-la difícil, conturbada, complexa — quando, na realidade, ela nada mais é do que a continuação de uns em outros, de um futuro que nunca existe, mas de um passado que se vai repetindo com outras roupagens, os mortos cada vez mais governando os vivos, ensinando, mostrando, revelando caminhos. Leandro Guerrini, o centenário Leandro Guerrini, está mais vivo do que nunca. E, em sua ausência física ele resplandece. E, na saudade que deixa, Leandro Guerrini ilumina, inspira, motiva. Leandro Guerrini, mais do que em vida, ensina e aponta caminhos.

Retorno ao início: "Há momentos na vida em que, em qualquer posição que esteja o corpo, a alma estará sempre de joelhos." Este é

52

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

um desses momentos. Porque, mais do que uma homenagem ao centenário de um homem inesquecível, estamos vivendo o culto da memória, a liturgia do reconhecimento e da gratidão, a oração pelos dons da vida. Leandro Guerrini foi um dom da vida para esta cidade e para cada um de nós. No entanto, por serem gratuitos, os dons nem sempre são reconhecidos, valorizados, avaliados em sua verdadeira dimensão. Leandro Guerrini, deu-se, gratuitamente, a Piracicaba a seus contemporâneos. Deu-se, doou-se, entregou-se por amor a esta terra e à nossa gente. Assim a vida de Leandro Guerrini é uma história de amor, de um profundo amor. Ora não há alma que resista aos encantos e fascínios de histórias de amor verdadeiro que contagiam e alimentam esperanças. Nesse instante, pois, ao tentar lembrá-la em tão breve tempo, permitam-me que minha alma se coloque de joelhos. E que este local, pelo menos no início desta cerimônia, se transforme num templo onde possamos cultivar a memória dos homens bons. Leandro Guerrini foi o homem bom.

Nunca, como nos últimos tempos — quando vejo, com serenidade, que os anos se passaram - tenho tanto rendido graças a Deus pelos privilégios que me foram derramados pela vida. Chegando ao fim do século, descobri que tive a ventura e a aventura de tê-lo vivido em momentos empolgantes, de transições e de transformações, podendo ver, ouvir, presenciar, participar de acontecimentos e de conviver com pessoas que nos dignificaram e dignificaram a vida, deixando-nos lições que, mais do que nunca, hoje precisam ser revistas e revividas, nesse tempo de grandes conquistas e, também, de imensas perplexidades. O ser humano deste final de século — como um novo rico, deslumbrado com suas outras perspectivas — parece estar enlouquecido pelo fascínio tecnológico, pelo mundo informatizado, por conquistas espaciais, por seus mergulhos de cibernautas. No entanto — sabemos-lo nós — tudo isso — todas as maravilhas possíveis de uma época sem fronteiras, universalizada — tudo isso será inútil se a pessoa humana não se engravidar, consciente e famintamente, de humanidades. E eis o privilégio pessoal de que lhes falo: participando de tantos períodos desta nossa civilização, descobri que fui engravidado de humanidades, por homens e mulheres piracicabanos que fizeram de suas vidas uma entrega total às artes, à cultura, à história, a um mundo de belezas e de fraternidade. Leandro Guerrini e Jaçanã Altair Guerrini foram alguns deles, talvez os mais significativos.

Lembro-me, criança ainda, de ver Leandro e Jaçanã Guerrini na casa de meus pais, uma casa pobrezinha, que eles, no entanto, inundavam de luzes e de brilhos que me pareciam misteriosos, brilhos e luzes da sabedoria: de sons harmoniosos, que jorravam de sua arte, da musicalidade deles. Leandro e Jaçanã onde estivessem, exalavam cultura, generosidade, humanismo. E algo, dentro de mim, me dizia que aquele homem e aquela mulher — Leandro e Jaçanã — estavam revelando tesouros que poucos compreendiam, que eles faziam convites para que todos participassem de um banquete muito especial que eles haviam preparado para os seus convivas. Leandro e Jaçanã — muito tempo depois vim a compreendê-los — revelavam, com modéstia e recato, que eles haviam encontrado o “pão da vida”. E era pão tão farto e generoso que eles o tinham em quantidade suficiente para saciar a fome de saber, a fome de conhecer, a fome de belezas, a fome de artes e de

53

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

harmonia de quantos as sentissem. E eu tinha essa fome, admito que devo ter nascido faminto de humanidades. Em Leandro e Jaçanã Guerrini, comecei a perceber que existia esse "pão da vida" que saciava famintos.

Não, não estou equivocado, não me perdi em minhas reflexões. Sei que, nesta sessão do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, estamos reunidos para celebrar o centenário dessa figura humana apaixonante que foi o professor Leandro Guerrini. Mas é absolutamente impossível falar, recordar de, pensar em Leandro Guerrini sem, ao mesmo tempo, falar, recordar de, pensar em Jaçanã Altair. Dois, eles eram um. E esta, não nos esqueçamos, é uma história de amor. Pois bem.

Senhoras e senhores.

Ninguém pode falar, com convicção plena, daquilo que não viveu, que não conheceu, talvez, na própria carne e na sua própria vida. Permito-me testemunhar hoje — quando nos reunimos para refletir sobre um homem que nasceu há exatos cem anos — permito-me testemunhar que é inavaliável o bem que Leandro Guerrini fez a tantas e tantas gerações de piracicabanos, talvez muito especialmente à minha geração. Vejo-o, ainda, recolhido numa sala sombria da antiga — mas tão generosa e vivida — Biblioteca Municipal, nos altos do desaparecido Teatro Santo Estêvão. Era como se aquela biblioteca — criada pelo prefeito Ricardo Ferraz de Arruda — e Leandro Guerrini fossem uma só, uma única entidade. Leandro Guerrini não era o diretor da Biblioteca, era o zelador, o guardião, o vigilante. E quem leu o monumental "O Nome da Rosa" haverá de acreditar que Umberto Eco — ao criar o sábio-guardião da biblioteca misteriosa — deve ter-se inspirado em Leandro Guerrini. Pois ele, Leandro, foi esse guardião da sabedoria, guardião da cultura, sábio e humilde zelador desse tesouro que é a cultura piracicabana. Leandro Guerrini teve a sabedoria de entender que — como Tolstói já havia entendido — "ninguém pode cantar o mundo se não cantar a sua própria aldeia." Leandro Guerrini foi o grande, um dos maiores cantores da aldeia piracicabana. E, por isso, foi o homem universal.

Ab! senhoras e senhores, a cultura piracicabana... Quanto de epopéias, de ilíadas e de odisséias, esquecidas, recolhidas, escondidas, quase perdendo-se! Que riqueza, que pérolas, que diamantes, nessa cultura piracicabana! E Leandro Guerrini foi o garimpeiro delas, recolhendo-as uma a uma, cultivando-as diariamente e ao longo de toda a sua vida — cantor de nossa história, contador de nossa memória. Iá-mos — crianças, adolescentes e jovens de minha geração — aos altos da Biblioteca Municipal e lá estava Leandro Guerrini, o professor Leandro, à espera, o orientador, o educador, o sábio, aguardando-nos, como que de plantão. Ele interferia, orientando. Pedia-se um livro e, maneirosamente, o professor Leandro acabava indicando outro, com um sorriso paternal mas malicioso. Por exemplo, falando a adolescentes pedantes, metidos a gênios: "Por que você, antes de ler Machado de Assis, não lê Monteiro Lobato?" Ou, se se procurava um livro de história: "Muito bem, muito bem... Mas por que você não lê um pouquinho da história de Piracicaba?" Ele induzia, ele interferia. E ensinava.

Não me esqueço. Eram, nos anos 50, dois colégios de elite os que predominavam em Piracicaba, num tempo em que o "Sud Mennucci" e o "Colégio Piracicabano" passavam por crises: o "As-

54

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

sunção” e o “Dom Bosco”, de freiras e de padres. A Igreja Católica mantinha-se, ainda fechada. O moralismo era carrancudo, ranzinza. Por incrível que isso hoje nos pareça, havia resquícios de um “index”, de livros condenados, que adolescentes e jovens não podiam ler. Padres e freiras proibiam, por exemplo, a leitura do “Primo Basilio”, do “Crime do Padre Amaro”. Sabíamos que existiam, mas estávamos impedidos de lê-los. Aquilo, ao mesmo tempo, angustiava e aumentava a curiosidade. Lembro-me bem, não posso esquecer-me. Certa tarde, tomei-me de coragem, subi as escadarias da biblioteca, vi o professor Leandro mergulhado nos seus estudos e pesquisas. Fiquei com medo, a sensação de que iria cometer um pecado, mas eu queria, precisava cometê-lo. O professor Leandro me olhou, acho que percebeu o meu nervosismo. Falei, com o coração querendo saltar-me do peito: “Eu preciso ler ‘O Crime do Padre Amaro’.” Leandro Guerrini olhou para os lados, como a ver se alguém nos observava, sorriu. Deixou a sua mesa, foi a uma estante, voltou com o livro. Falou-me, baixinho, como se soprando a sua flauta numa fuga de Bach: “Vamos fazer um negócio. Você esconde o livro debaixo da camisa e não conte pra ninguém que fui eu que lhe dei.”

Era o homem além, muito além de seu tempo. E, naquela tarde, ele me deu — como se fosse uma hóstia — um pedacinho do “pão da vida” de que ele era guardião.

Não devo e nem posso alongar-me, ainda que seja tanto e tanto o que eu gostaria de falar sobre Leandro Guerrini e Jaçanã, sua amada. Daqui a alguns momentos, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba — pela sensibilidade especial de nosso presidente, Dr. Frederico Pimentel Gomes — irá oferecer a Piracicaba o livro “Leandro Guerrini, Fotógrafo de si mesmo”, memórias póstumas do guardião da cultura piracicabana. São 70 páginas, apenas 70 páginas, que pena, que pena! Mas, também e especialmente, que grande, que imensa lição!

Corro o risco de, talvez, deslustrar esta sessão, mas preciso confessá-lo: as memórias póstumas de Leandro Guerrini, a fotografia que ele fez de si mesmo, me aborreceram. Tentarei explicar-me. Posso ter endoidecido, mas Piracicaba — esta cidade, essa nossa história — se tornou a grande paixão de minha vida. Mulheres que amei, sonhos que eu tive, filhos que gerei — ninguém e nada me plenificam como Piracicaba me plenifica, me apaixonam como Piracicaba me apaixonam. Pode até ser uma doença, sou obrigado a admiti-lo. Mas eu me engravidei de Piracicaba, fiquei cativo, prisioneiro dela. Já tentei ir-me embora, volto sempre correndo. Não sei escrever, não sei pensar, nem mesmo sei amar longe de Piracicaba. Fiquei um cão perdigueiro que — de madrugada ou em horas vadias — sai pelas ruas, farejando, rastreando. Ou um cão de guarda, que fica latindo, brigando com prefeitos e vereadores: “Não, não se pode fazer isso. Nesta casa, nasceu Thales de Andrade; naquela viveu Luiz de Queiroz; o Senador Vergueiro morou naquela esquina; naquele canto, houve a forca; naquele outro, o pelourinho; estas ruas têm sangue de escravos; à beira do rio há ecos de cantos de índios; há uma história, há uma vida, há um destino, há uma vocação nesta terra, pelo amor de Deus, tomemos isso como inspiração!”

Recentemente, foi publicado na Europa — com tradução para o Brasil — um livro que teve pretensão de ineditismo, de revelação de modelos intelectuais, livro que fazia a apologia de casais de artistas,

55

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

de casais literatos, como se isso fosse uma raridade: Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, Henry Miller e Anaïs, Rodin e Camile Claudel. Ainda hoje, no Brasil, derrama-se incenso por um casal de literatos, Jorge Amado e Zélia Gattai, como se eles fossem únicos e primeiros exemplares de uma história de cultura e de amor. Mas eis aí uma das riquezas de Piracicaba: antes deles, muito antes deles, Piracicaba tinha Leandro e Jaçanã Altair, artistas em toda a plenitude, caipiras universais, casal de aldeia que espalhava a arte e a cultura do mundo.

Posso estar enlouquecendo, mas tenho o instinto de sobrevivência. Por isso, sei que, quando morrem pilares de nossa história, eu morro também, vou morrendo aos poucos, de pouquinho em pouquinho. Assim, lutar por Piracicaba — para resgatar e cantar a nossa história — não se me tornou tão simplesmente um ideal de vida, mas a certeza de minha sobrevivência. Se ela morrer, eu morro também. Então fazendo-me cão farejador, cão de guarda que late, cão viralata que anda solto pelas ruas e vielas — tenho ido em busca de contar e de aprender essa história. Quando Leandro Guerrini morreu, no dia 5 de julho de 1990, eu me dei conta de que Piracicaba poderia perder, de vez a sua memória. Senti-me, de alguma forma órfão. E, na realidade, o que eu tinha de Leandro Guerrini eram apenas emoções, lembranças, ensinamentos, saudade, muita saudade.

Escolhi ir-me em busca de Leandro Guerrini, do verdadeiro, do que estava oculto. Mas onde, a não ser nos seus livros, nos seus artigos, na sua obra? Bati, então, às portas de Délio Guerrini, seu filho, o primogênito e o único que lhe sobrou depois que morreu Lília, a filha. Então, encontrei Fábio, o neto, a quem é preciso, hoje, render e prestar homenagens. Fábio Muller Guerrini — um jovem audacioso, com coração de antigamente — estava recolhendo, catalogando, separando os trabalhos, os escritos, a correspondência de seus avós, Leandro e Jaçanã Guerrini. Era um tesouro, uma história de quase cem anos, a própria história de Piracicaba neste século. E, naquele tesouro, estavam os originais das memórias de Leandro Guerrini, rabiscos que ele fez de si mesmo.

Faminto, mergulhei naqueles escritos todos. Enfim — pensei — irei descobrir a imensa grandeza desse imenso grande homem, irei matar a minha fome. Tolo que sou, decepcionei-me a princípio. “Leandro Guerrini, Fotografia de si mesmo” revelava — pelo menos diante do muito que eu ansiava por saber — pouco, muito pouco. Achei, naquele primeiro momento, que a auto-biografia de Leandro Guerrini era pobre, muito pobre, pois eu sabia de Leandro mais do que ele próprio falava de si mesmo. Foi, então, que entendi. Mais uma vez, Leandro Guerrini deixava uma lição, um ensinamento. De humildade, de modestia, de recato, de simplicidade — e, portanto, de nobreza, de uma nobreza imensa que deve e precisa ser inspiração para cada um de nós, neste tempo estéril de humanidades.

É este, hoje, o livro que o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba entrega à nossa terra, à nossa gente: as memórias póstumas de Leandro Guerrini. São apenas 70 páginas, nada mais do que 70 páginas, tão poucas 70 páginas para contar uma história apaixonante. O errado fui eu, ainda faminto de exuberâncias. Por isso, quero desculpar-me com Fábio Muller Guerrini, neto de Leandro e Jaçanã. Mais uma vez, Leandro Guerrini foi sábio. Em suas memórias, ele pouco

56

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

fala de suas grandes conquistas, de suas grandes vitórias. Ele fala de sua alma, de seu cotidiano, das pequeninas coisas que o fizeram tão grande. Fotografando a si mesmo, Leandro Guerrini fala de um grão de areia, recusando-se a falar da grande estrela que foi. Este livro, em sua simplicidade, é um evangelho, a boa-nova de uma história de amor.

Ao contar a sua vida, Leandro Guerrini chega à última linha e diz: "É só." Toda uma fascinante história, toda uma fascinante vida, Leandro Guerrini a resume numa única frase: "É só." É só... É só... Finalmente, compreendi. É a lição da humildade, do recato, da sabedoria, da simplicidade, isso tudo que nos é oferecido pelo dom da vida. Leandro Guerrini foi um dom da vida para esta cidade e para cada um de nós.

"Há momentos na vida em que, em qualquer posição em que esteja o corpo, a alma estará sempre de joelhos." Até aqui, parece-me, foi esse o nosso momento: a alma de joelhos, no culto à memória de Leandro Guerrini, à sua vida, à sua obra, à sua história de amor.

No entanto, ao tomar este livro nas mãos, sinto que a proposta que Leandro Guerrini nos faz é outra, que a lição que ele nos deixa também é outra. É como se, com suas memórias, ele estivesse nos dizendo, Jizendo a Piracicaba:

"Há momentos na vida em que, quando o corpo parece ficar de joelhos, a alma se levanta." Levantemo-nos, pois, diante da herança de vida e de piracicabanismo de Leandro Guerrini. E, sendo dignos dessa história, possamos dizer como conclusão e como aprendizado:

"É só."

57

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

O METODISMO EM PIRACICABA TEM A SUA HISTÓRIA

Marcelo Cachioni*

* MARCELO CACHIONI -
Arquiteto formado pela
PUCCAMP e Responsável pelo
"Museu e Centro de Informação
da Igreja Metodista de
Piracicaba".

Introdução

Um número considerável de livros e artigos, de modo geral, têm sido escritos através dos anos para contar a História da Igreja Metodista no Brasil. Alguns são comemorativos. No cinquentenário, em 1927, o Rev. Kennedy foi o primeiro a relatar aqueles tempos, e seu livro é a mais antiga referência que consultamos. Posteriormente, em 1967, no centenário, mais obras foram editadas, por encomenda do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Alguns deles se contradizem em termos de datas, ou fatos e também já se encontram defasados. A história da Igreja Metodista Central de Piracicaba se confunde com a própria História da Igreja Metodista no Brasil. Todos os livros que almejaram contar a história num âmbito nacional dedicaram, bastante ou superficialmente, algumas linhas ao início do Metodismo em Piracicaba. Porém, salvo os escritos do Sr. Jair Toledo Veiga, nada se encontra especificamente sobre uma história que se estende por 115 anos e se confunde, em alguns momentos, com a história de Piracicaba.

Para procurar resgatar a memória destes 115 anos de uma Igreja por onde já se passaram tantas histórias, nas comemorações de aniversário, em setembro próximo passado, inaugurou um Museu e Centro de Informação, de onde se espera coletar mais dados que não se encontram ainda publicados. Não será uma tarefa difícil, mas que deverá ser entregue à comunidade metodista e à Cidade de Piracicaba.

Neste capítulo, concentramos apenas o início do Metodismo na região, destacando suas primeiras casas de culto, que nossos olhos já não podem mais enxergar como eram ... Vamos tentar imaginar aquela; antigas construções, o sotaque americano, a maneira do povo e aquela Piracicaba de tantos anos atrás.

58

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Reinício da Missão Metodista no Brasil

Muitas vezes a História percorre caminhos estranhos para chegar a um destino inesperado. Tendo em vista que a implantação do Metodismo no Brasil, depois de algumas tentativas a partir de 1835, com a chegada dos missionários pioneiros, Rev. Fountain Elliot Pitts, seguido por Rev. Justin Spaulding e Rev. Daniel Parish Kidder, foi interrompida primeiramente por falta de recursos financeiros, em 1841; depois pela divisão da Igreja Metodista Episcopal entre Norte e Sul, em 1844, e posteriormente pelo advento da Guerra Civil Americana que assolou o Sul dos Estados Unidos no século passado 1861-1865. Esta guerra ocorreu por conta de diferenças de ideais, principalmente a escravidão, que dividiam o Norte e o Sul daquele país — e a Igreja Metodista Episcopal. Os moradores do Sul dos Estados Unidos, chamados Confederados, sendo agricultores e escravistas e tendo perdido a Guerra, as terras, muitos dos seus filhos e também os escravos, não viram outra escolha a não ser procurar um novo país que pudesse lhes oferecer parte do que haviam perdido. Alguns escolheram o Brasil, com fartura de terras, escravista e com uma política estreita com os imigrantes americanos.¹

Muitos dos que vieram para o Brasil em busca de paz, terras e mão-de-obra eram Metodistas, Batistas e Presbiterianos e entre as famílias havia pastores que reuniam suas famílias e os vizinhos americanos para cultos e estudos bíblicos, sem vínculo com as Igrejas Americanas. Ocorreu que, com estes, aqui chegou em 1867, trazendo posteriormente a esposa Mary A. Newman e filhos, o Rev. Junius Eastham Newman, Capelão Confederado e Capitão do Exército, autorizado pelo Bispo William May Wightman, da Igreja Metodista Episcopal do Sul, a pregar aos americanos que aqui já residiam. Tendo morado por dois anos no Rio de Janeiro, e depois em Saltinho, mudou-se para uma colônia americana próxima à Bom Retiro (Santa Bárbara D'Oeste) e lá encontrou muitos evangélicos que se congregavam em diferentes denominações e auxílio mútuo e passou a pregar às famílias vizinhas. Porém as famílias Metodistas viviam bastante espalhadas, e a princípio pensou em congregar todos numa só Igreja. A idéia não encontrou adeptos, pois os Batistas e os Presbiterianos também estavam montando suas próprias congregações.

Organizou, posteriormente, em 17 de agosto de 1871, a primeira Igreja Metodista no Brasil, com 8 membros: Mary A. Newman, Alfred Iversen Smith, Sarah J. Smith, Richard Carlton, Cinthia Carlton, Tomas Dixon Smith, Elisabeth Carlton Kidd Smith e Leonora Dixon Smith.² Escreveu Mary Phillips Newman (depois Carr), filha do Rev. Newman: "O primeiro lugar de culto foi uma sala de alguns 14 pés quadrados, não assoalhada e coberta de sapé. A mesma sala tinha servido de venda onde se negociavam licores alcóolicos. O senhor abençoou esse pequeno começo que logo resultou em uma sociedade de 50 comungantes e o característico mais notável dessa Igreja nascente era a sua espiritualidade."³

Preocupado em estender o evangelho na região, o Rev. Newman escreveu muitas vezes ao seu país pedindo missionários jovens e bem dispostos para ajudá-lo. Porém a Igreja Mãe não havia ainda reconhecido o seu trabalho no Brasil oficialmente. Após cinco anos, na Confe-

1) O Império Brasileiro facilitou muito a vinda dos americanos para o Brasil, porque pretendia desenvolver o cultivo do algodão, especialidade do Sul dos Estados Unidos e chegou a abrir um escritório de imigração em Nova Iorque; o pagamento dos grandes terrenos era até mesmo financiado

2) Em 1878, os membros das diversas denominações se juntaram e construíram uma Igreja de taboas, no Cemitério do Campo em S.B. D'Oeste. A atual "Igreja do Campo", se trata da terceira construção no mesmo local. Bastante parecida com a segunda, trazendo o mesmo estilo de janelas ogivas, e alvenaria aparente, traz aspectos de uma capela eminentemente inglesa

3) Kennedy, James, I. (1928)

59

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

4) Long, Eula Kennedy (1968). Os Moraes Barros conheceram os Newman por intermédio da filha do Presidente Prudente, Anna Maria que estudou numa Escola fundada pelo Dr. Rangel Pestana, em São Paulo, onde Miss Mary P Newman lecionou.

5) Reily, Duncan A. (1991)

6) O Rev. Kennedy contava com 23 anos; O Rev. Koger, 29 anos e Miss Watts, 36 anos; segundo Salvador, J.G. (1982).

7) Piracicaba contava com iluminação pública por querosene desde 1874

8) Long, E. K. (1968)

rência de Nashville, foi apreciado o pedido do Rev. Newman, e especialmente, pelo apelo que o já idoso Rev. Pitts fez, para que fossem mandados novamente Missionários para o Brasil, a fim de ajudar o Rev. Newman. A Conferência, então, mandou o primeiro missionário, o Rev. John James Ransom, da Conferência do Tennessee, com o propósito de expandir a missão Metodista no Brasil e também atender ao pedido dos irmãos Manuel e Prudente de Moraes Barros, feito para o Rev. Newman, de abrirem um Colégio em Piracicaba². O Rev. Ransom chegou em 1876 e foi logo procurar terreno adequado para abrir o Colégio com US\$1.000,00, o que na época era suficiente e deixou, portanto, a responsabilidade do Colégio para as filhas do Rev. Newman, Annie Ayres e Mary Phillips, que falavam fluentemente o Português devido à sua experiência em educação no Brasil. Deveria ele então iniciar a segunda etapa de sua Missão — expandir a obra para outros lugares. Primeiramente resolveu estudar o Português, enquanto lecionava Inglês no Colégio Internacional (Presbiteriano) de Campinas, para não ser ridicularizado na nova terra. Para expandir a Missão, a princípio, descartou Piracicaba e estudou o Rio Grande do sul e o Rio de Janeiro, e acabou optando pela Capital do Império, abrindo então uma congregação para americanos no bairro do Catete⁴. Dessa congregação nasceu a segunda Igreja Metodista do Brasil, com membros da família Walker, que já haviam participado da congregação do Rev. Spaulding.

Ao retornar a Bom Retiro, em 1880, tornou-se genro do Rev. Newman, casando-se com Miss Annie, no Natal, e enviou após seis meses. Entristecido, voltou aos Estados Unidos e participou de várias Conferências locais que tratavam, entre outros assuntos, da expansão da Missão no mundo. A Igreja Metodista estava, no momento, disposta a expandir a Missão, através da "Board of Missions" e da "Woman's Board of Missions", para a China, México e já tinha interesses antigos no Brasil, devido ao número considerável de famílias americanas que aqui vieram se instalar. Sendo assim, após um emocionado apelo do jovem Rev. Ransom, alguns missionários se interessaram pelo desafio. O desafio seria a abertura de um novo ponto Missionário e dar continuidade ao Colégio Newman que fechara as portas por motivo do falecimento de Miss Annie e adoecimento de Miss Mary.

Eram os Missionários Rev. James Lilbourn Kennedy; Rev. James William Koger e sua esposa Frances Smith Koger e seu primeiro filho — William; juntamente com Miss Martha Hite Watts⁶, pessoas amorosas e de extremo valor, que Deus preparou para a sua nova seara. Partiram de Nova Iorque no dia 26 de março e estiveram na Europa durante certo tempo, visitando as cidades de Londres — onde puderam conhecer a City Road Chappel, a chamada Catedral Metodista —, e o Rev. Ransom aproveitou para conhecer o Quirinal e o Vaticano. Por fim chegaram a São Paulo no dia 18 de maio, tendo passado por Salvador e Rio de Janeiro, com uma vontade imensa de trabalhar e aperfeiçoar o Português, que já estavam estudando durante a viagem. A Piracicaba chegaram no dia 19, já à noite e chegando a tropeçar no calçamento de pedras que revestia as ruas da cidade, estranharam não estarem acesos os lampiões de querosene⁷, na ocasião. O Rev. Ransom, já conhecendo o novo país, os informou de que quando havia lua cheia, a lua mesmo clareava a cidade⁸. Foram hospedados no Hotel Piracicabano, que, embora modesto, era o melhor que havia na cidade, exceto Miss

60

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Watts, que foi hospedada na casa dos Moraes Barros". Já no dia 20, participaram de um culto na Capela de Bom Retiro, quando o Rev. Kennedy teve a oportunidade de pregar o seu primeiro sermão no Brasil, cujo tema era (1 Cor. 3:9) — "Nós somos cooperadores de Deus". Neste dia ocorreu a primeira Conferência Trimensal da Igreja Metodista no Brasil¹⁰.

Assim que chegaram não perderam tempo e foram logo procurar lugar para abrir a missão, em Piracicaba, a única cidade de importância da Província que ainda não havia recebido missionários Presbiterianos, além disso, localizava-se próxima à colônia norte-americana, era um dos principais portos fluviais para Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás e também um grande centro republicano e maçom. Os irmãos Moraes Barros deram total apoio aos Missionários, inclusive na procura de local para instalar a congregação e o Colégio, e também no câmbio entre a moeda local e o dólar¹¹.

Primeira Casa de Culto Metodista em Piracicaba

A primeira casa de Culto Metodista em Piracicaba, foi instalada em 29 de maio de 1881, no Largo de São Benedito, provavelmente, esquina da Rua do Rosário com a Rua São José. No amplo casarão colonial, alugado, reuniam-se alguns americanos residentes em Piracicaba e Miss Watts iniciou uma Escola Dominical em julho do mesmo ano, sendo portanto a sua fundadora. Num domingo, dia 11 de Setembro de 1881¹², como é do conhecimento de todos, o Rev. Koger organizou a terceira Igreja Metodista no Brasil, tendo como primeiros membros além de Frances Smith Koger e Martha Hite Watts, americanos transferidos de Bom Retiro (S.B.D'Oeste): William Godfrey, Thomas Dixon Smith, Laura A. Smith, Elisabeth Carlton Kidd Smith, Erasmo Fulton Smith, Mary Phillips Newman, Leonora Dixon Smith¹³. Pouco depois, no dia 2 de Outubro, foi recebido o Sr. George K. Smith.

Neste período já começavam a ganhar a simpatia e a curiosidade de algumas famílias, na maioria estrangeiras, especialmente alemãs. "A Igreja Presbiteriana, de coração generoso, acudiu às necessidades urgentes dos metodistas nesse momento de anseio. O Rev. F. J. C. Schneider¹⁴, ministro ilustrado dessa Igreja-irmã, veio a Piracicaba para prestar serviços fraternais aos metodistas. Fez três trabalhos nessa cidade: ajudou os missionários no estudo do Português, lecionou no Colégio Piracicabano e pregou o evangelho duas ou três vezes por semana. Um dia nos visitou outro ministro do Evangelho, o Rev. Dr. Chamberlain, que pregou excelente sermão no salão de cultos a um auditório seletos, sobre 'Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela'. . . Aos três de dezembro de 1881, sob a presidência do Rev. Ransom, foram realizadas simultaneamente a primeira e a segunda sessões da Conferência Trimensal¹⁵ da Igreja de Piracicaba — as primeiras 'Trimensais' na história dessa igreja, sendo eleitos os primeiros ecônomos Srs. Thomas Dixon Smith e William Godfrey¹⁶.

Ao término do ano de 1881, os rumos do Metodismo eram a visitação doméstica, o uso de boa literatura e pregação à viva voz. Havia uma biblioteca com 60 volumes. Os obreiros estavam divididos da seguinte forma, sendo que o único pastor que poderia pregar em Português por já ter habilidade na nova língua era o Rev. J. J. Ransom:

9) Mesquita, P. (1994)

10) A antiga Conferência Trimensal é hoje conhecida como Concílio local, onde todos os membros arrolados na Igreja Local têm direito a voto e opinião. Não existe mais essa periodicidade.

11) Os Republicanos tiveram papel decisivo na vinda dos novos missionários americanos para Piracicaba. Quando fizeram o pedido de abertura ao Rev. Newman, de abrir um Colégio para moças, os Moraes Barros viam uma boa oportunidade de desenvolver um sistema de ensino no Brasil que fosse desprendido da Igreja Católica. Religião oficial do Império, já que a América além de protestante já era uma respeitável República. Quando o Colégio encerrou atividades, os Moraes Barros enviaram novo pedido à Igreja Metodista Episcopal do Sul pedindo a providência da continuidade do Colégio Newman. Além disso, os republicanos maçons tinham estreitas relações com os metodistas maçons, dos Estados Unidos e compartilhavam as mesmas idéias a respeito da educação. O curioso é que apesar de incentivarem a abertura de Escolas Metodistas e defenderem os Missionários sempre que necessário, nunca se tornaram membros da Igreja Metodista. Outro republicano maçom que deu sustento e estímulo à educação metodista foi Joaquim Saldanha Marinho, na qualidade de advogado.

61

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

12) No dia 13, terça-feira, Miss Martha Hite Watts, reabriu o Colégio Newman, com o novo nome: Colégio Piracicabano, por ser selembro o mês de princípio do ano letivo nos EUA. Por isso teve apenas a matrícula de uma aluna, Maria de Ayres Escobar, filha do jornalista Antônio Gomes de Escobar. Em fevereiro de 1882, os americanos, fazendeiros e inações de Piracicaba e Santa Bárbara, puderam matricular seus filhos. Não cremos que tenha havido, ponanto, um boicote.

13) O Rev. Kennedy em seu livro "Cincoenta Anos do Metodismo no Brasil" acrescenta os últimos 3 nomes da lista que porém definitivamente não constam do Rol Oficial de Membros da Igreja Metodista Central de Piracicaba. Todavia, sabemos que estes cumpriram importante papel na Igreja.

14) Corrija-se o nome: Francis Joseph Christian Schneider em Kennedy, J.L. (1928), segundo Jair Toledo veiga.

15) Conferência Trimensal, hoje conhecida como Concílio Local por toda a Igreja Metodista do Brasil.

16) Kennedy, J.L. (1928)

17) Kennedy, J.L. (1928)

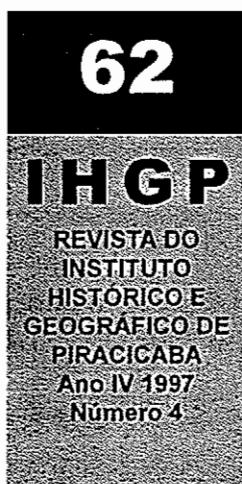
18) Em 1884, Erasmo Fulton Smith foi finalmente nomeado exortador.

Bispo supervisor (nos Estados Unidos)..... H. N. McTyeire
 Superintendente da Missão toda..... J. J. Ransom
 Piracicaba, pastor..... J. W. Koger
 Idem, exortador e ajudante..... E. Fulton Smith
 Santa Bárbara, pastor..... J. E. Newman
 Colégio Piracicabano, Diretora..... Miss M. H. Watts
 Colégio Piracicabano, Professora..... Miss Mary P. Newman
 Colégio Piracicabano, Professor, até o fim do ano F. J. C. Schneider
 Rio de Janeiro, trabalho em Inglês, pastor..... J. L. Kennedy
 Rio de Janeiro, trabalho em Português, pastor..... J. J. Ransom¹⁷

Em fevereiro de 1882, o exortador licenciado e aspirante ao Ministério, Erasmo Fulton Smith, filho de um dos fundadores da Igreja de Santa Bárbara Alfred Iversen Smith, embarcou para o Rio de Janeiro para auxiliar o Rev. Kennedy, no período que o Rev. Ransom ficaria nos Estados Unidos. Entretanto, o jovem Smith, diante das inúmeras dificuldades, demitiu-se, desistindo assim do Ministério, justificando a sua retirada por não considerar-se apto às pregações¹⁸. O curioso é que pouco depois da desistência do Sr. Smith, "No dia 8 de novembro de 1882, a Igreja de Piracicaba teve a felicidade de ter no seu meio o obreiro leigo, e irmão experimentado, o Sr. Samuel Elliot, escocês de nascimento, criado na fé dos presbiterianos. Um incidente curioso e muito interessante na vida religiosa do irmão Sr. Elliot é que, passando para a nossa igreja, ele insistiu em ser batizado outra vez, e também que o batismo fosse feito por imersão. Embora a Igreja Metodista, em regra, batize por aspensão, aceita e pratica contudo ocasionalmente outros modos de batismo: derramamento ou imersão, contanto que seja feito solenemente em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Rev. Ransom, pois, segundo o ritual metodista, batizou o Sr. Samuel Elliot por imersão, no Rio Piracicaba, satisfazendo assim os escrúpulos do Sr. Elliot, que prestou, por uns bons anos, serviço fiel a Deus em nossa Igreja, como esplendido Colporteur e bom exortador e pregador local". Elliot foi empregado como colporteur — vendedor de Bíblias — para o Estado de São Paulo, começando suas atividades em Piracicaba e Capivari. Em cerca de catorze meses vendeu 1.153 exemplares da Bíblia e partes, e 870 livros evangélicos, perfazendo 100 dólares, ou, em moeda circulante no Brasil, 831\$060 réis¹⁹.

Em 22 de dezembro de 1882, foi realizada uma Conferência Trimensal. Os números contavam 26 membros (alguns não professos); havia mais uma escola dominical e as ofertas somavam 100 dólares. A partir dessa Conferência, a Missão passou a ser responsabilidade do Rev. J. W. Koger, que deveria intensificar a missão no Estado de São Paulo, enquanto que o Rev. Ransom, além de servir ao Rio de Janeiro, deveria estender o Evangelho a Minas Gerais. Algo ocorreu que não foi registrado, no que concerne a substituição do rev. Ransom, através do Bispo H. N. McTyeire, pelo Rev. Koger.

E prosseguia a Missão com várias e constantes mudanças de missionários a todo o tempo. Os problemas de saúde ocasionaram muitas vezes mudanças emergenciais de planos. Em maio de 1883, Misses Mary P. Newman e Leonora D. Smith, ativas na igreja de Piracicaba, retiraram-se, a primeira para Santa Bárbara, por motivos de saúde, e a segunda para o Rio de Janeiro, para aprofundar-se nos estudos²⁰. Ao



realizar-se a Conferência Trimensal, a 12 de maio, havia muitas razões para dar graças a Deus. A igreja tinha uma propriedade valendo 600\$000. As duas escolas dominicais possuíam, juntas, 50 alunos e uma biblioteca com 22 volumes. Já então se estavam usando revistas preparadas pelo Rev. J. J. Ransom, 'Nossa Gente Pequena' e 'Escola Dominical'. As senhoras da igreja organizaram uma sociedade de caridade para socorrer os necessitados. Excetuando-se o nome de Miss Emma Steagall, primeira metodista recebida por batismo e profissão de fé em 30 de julho de 1882, os seguintes, em número de 13, também o foram dessa maneira nos dias de 21 de janeiro e 25 de fevereiro de 1883²¹, quase todos de origem alemã e suíça e também os primeiros brasileiros. Foram eles: Maria Blumer, Bárbara Blumer, Jacob Blumer, Pedro Blumer e Flora Blumer (Flora M. Blumer de Toledo) — criada pela família; Melchior Krähenbühl, Henrique Mahn, Margarida Mahn, Luísa Mahn (dos Santos), Isábel Sauer, Catharina Peterson, Ana Maiorca e Lancelot Andrews. Em 16 de setembro, provavelmente num culto de comemoração de aniversário da Igreja, foram recebidos: Bertha Cremm Müller Krähenbühl²², Joaquim D. Batista Prestes, Vitória Prestridge, Mary Prestridge e Mlle. Marie Rennotte²³.

Em Setembro o Sr. Ransom foi ajudar o Rev. Koger em Piracicaba, onde este ainda se achava à testa da missão Metodista nesta cidade. Aí o trabalho ia solidificando-se e foi sede de nossas operações evangélicas dessa zona, estendendo-se por diversos lugares onde se pregava o Evangelho com certa regularidade. No seu santo zelo, o Rev. Koger ia visitando e pregando a Cristo em São João de Ipanema, Estação de Itaici, em Indaiatuba, Capivari e Mombuca, e em todos os lugares havia de um a quatro membros. O trabalho de colportagem, em 1883, destacou-se muito em Piracicaba e em seus arredores. Os irmãos Henrique Ribeiro, Giovanni Bernini e Samuel Elliot exercitavam-se muito nesse serviço rendoso. Este último irmão consagrou todo esse ano ao circuito de Piracicaba. Tal era o valor dos seus serviços, que no dia 9 de setembro de 1883, pela ação da Conferência Trimensal da Estação de Piracicaba, foi o Sr. Samuel Elliot elevado ao ofício de exortador²⁴. Do trabalho de colportagem realizado pelo Sr. Elliot nasceu a Igreja Metodista de Capivari que era também assistida pelo Rev. Koger. Tal trabalho foi ameaçado pelo vigário local, prometendo excomunhão aos católicos que simpatizassem com os protestantes.

No final do ano de 1883, adoentou-se a esposa do Rev. Koger, Mrs. Frances, que foi obrigada pelas circunstâncias a embarcar para os Estados Unidos, com seus filhos. O Rev. Koger mudou-se para São Paulo, onde pôde dar continuidade ao trabalho iniciado pelo Rev. Ransom. Em Piracicaba foi substituído pelo Rev. Kennedy que, no período de setembro a abril do ano seguinte, recebeu mais sete membros, tendo sido auxiliado pelo Sr. Severo Augusto Pereira, irmão do Rev. Eduardo Carlos Pereira, da Igreja Presbiteriana.

Em 1884, escreveu o Rev. Koger: "este é o ponto mais distante de nossa Missão, e, por isto, destinado a servir de elo entre o interior e outras partes onde já achamos"²⁵. Neste período a Igreja cresceu em número de membros para mais de 50, em bênçãos espirituais e materiais a planta do novo templo conseguira aprovação, junto às autoridades. Segundo o Rev. Kennedy em seu livro 'Cincoenta Anos de Methodismo no Brasil', boa parte dessas profissões de fé resultaram

19) Atas da Conf. Trimestral p.18 e segs. In Salvador, J.G. (1982). Porém, com tal batismo, não fora registrado como membro no Rol Permanente de Membros da Igreja local.

20) Kennedy, J.L. (1928)

21) Corrija-se a data em Salvador, J.G. (1982)

22) Vicira, R.C.C. (1995)

23) Salvador, J.G. (1982), com correções feitas pelo autor com base no Rol Permanente de Membros da igreja local.

24) Kennedy, J.L. (1928)

25) An. Rep., Br. Mission, 1884 in Salvador, J.G. (1982).

26) Atualmente denominada "Concílio Geral da Igreja Metodista, e se realiza ordinariamente de 5 em 5 anos.

27) A ausência do Rev. Ransom, segundo Kennedy, foi bastante lamentada, não há ocorrência do motivo da ausência do Rev. John William Tarboux, que havia chegado no Rio de Janeiro em maio de 1883, com sua esposa e filho, chamado Kirkland, para ser pastor da Congregação de Língua inglesa da Igreja do Catete. Depois seguiu para São Paulo.

28) Percin, M.T.G. (1989)

63

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

29) O primeiro fora encomendado pelo Rev. Ransom, ao arquiteto Antonio Tanuzzi que construiu vários templos protestantes no Brasil. Do segundo, infelizmente, não temos registros acerca de quem possa ter feito o projeto. É certo que os dois não guardavam características muito semelhantes em termos de arquitetura.

30) Havia uma Lei, da época de D. João VI, em virtude do tratado de comércio firmado com a Inglaterra, que fazia restrições às características arquitetônicas, que não poderiam possuir forma exterior de Templo, das religiões inglesas em terras portuguesas. Em 1924, D. Pedro I promulgou a nova Constituição, mantendo a mesma Lei no art. 5º, porém com mais flexibilidade que em Portugal.

de uma série de conferências proferidas em setembro pelo Rev. Prof. Eduardo Carlos Pereira, as quais despertaram grande interesse. Mais uma vez estiveram os Presbiterianos auxiliando os trabalhos Metodistas.

Iniciando o ano de 1885, o Superintendente da Missão, Rev. Koger, convocou uma reunião denominada Conferência Annual Missionária²⁶, no período de 14 a 20 de janeiro, para todos os missionários, em Piracicaba. Foi a primeira reunião em que participaram juntamente homens e mulheres. Presentes estavam Junius E. Newman, J.W. Koger, J.L. Kennedy, Miss Martha Hite Watts e Miss Mary Washington Bruce.²⁷

Construção do Primeiro Templo Evangélico de Piracicaba

Piracicaba contava, no ano de 1885, com 22.150 habitantes, a economia tinha como base o café, chegando a 4.500 ton., a cana a 1.050 ton. e um comércio bastante avançado para a época²⁸ e a luz elétrica já era realidade na casa de Luiz de Queiroz. Além disso a mão de obra para a construção civil era a mais especializada da região. Os tempos estavam mudando, os recursos financeiros, que antes não eram suficientes para a compra de locais apropriados para construções, já começavam a aparecer. Talvez, por certa temeridade devida a baixa frequência no início da Missão, tiveram que adaptar as congregações em casas alugadas. Assim ocorreu no Rio de Janeiro, Piracicaba, São Paulo e Juiz de Fora, entre outras. Após 3 anos, tendo crescido o número de membros nas congregações, foi possível a compra de terrenos em pontos centrais. A igreja-mãe passou a dar mais credibilidade devido aos resultados e os membros, algumas famílias mais abastadas, puderam contribuir para a construção.

Os dois primeiros Templos Metodistas no Brasil foram, respectivamente, o da Igreja do Catete²⁹ e o de Piracicaba, e passaram por problemas semelhantes. Os dois traziam nos seus projetos características arquitetônicas que, na época, eram proibidas para outras denominações religiosas que não a Católica³⁰. A pedra angular do Primeiro Templo Evangélico, da cidade e do Estado, foi lançada no dia 3 de março de 1885. Uma cerimônia solene foi dirigida pelo Rev. Koger ajudado pelo Rev. Tarboux, que veio de São Paulo especialmente para a ocasião. Era um dia chuvoso, e Miss Mary W. Bruce, que mais tarde fora diretora do Piracicabano, escreveu em seu diário, simbolizando a chuva como sendo 'chuva de bênçãos' para o povo de Piracicaba.

Contudo, algumas das autoridades civis de Piracicaba, desta época, eram já antigos colaboradores dos metodistas, entre eles, Prudente e Manuel de Moraes Barros; e aprovaram a planta com um campanário na esquina da Rua Rangel Pestana. O Padre Francisco Galvão Paes de Barros, então Vigário da Igreja Matriz, que coincidentemente ou não se situava, e ainda se situa, na mesma rua onde os americanos resolveram comprar o seu terreno — a Rua Boa Morte — não perdeu de vista as obras. Assim que o campanário começou a despontar, após alguns meses, correu à Câmara Municipal a fim de exigir das autoridades que se cumprisse a antiga Lei. As autoridades responderam: "Nós já aprovamos a planta, com torre; como poderemos agora obrigar esses

64

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

protestantes a desmanchá-la?”. O Padre, não se dando por satisfeito, foi até a Capital da Província com o mesmo propósito. Porém encontrou mais republicanos, inclusive o Presidente da província, e nada conseguiu. A Monarquia já estava em vias de acabar e suas Leis por certo não tinham mais tanta força especialmente nas cidades que mais se destacaram no movimento Republicano.

O Primeiro Templo Metodista de Piracicaba trazia em suas características arquitetônicas, elementos constantes nas igrejas americanas ou inglesas da época. Pequena e simples, tinha janelas e a porta principal em forma de arcos ogivais do estilo neogótico que se insere no Eclétismo — movimento dominante na época em termos de estilo que permitia misturar vários elementos de estilos diferentes num mesmo edifício. Porém, o Frontão, e o Campanário, são evidentemente Neoclássicos. Neste período, dominava o Neoclássico, que inclusive é o estilo que encontramos hoje nos edifícios do Colégio Piracicabano. Os elementos alusivos ao Neogótico, foram também usados na Igreja do Catete. O Campanário ou Torre não era parte da construção, e sim, um elemento isolado bastante evidente, tal como encontramos em igrejas americanas ou até mesmo em igrejas católicas renascentistas da Itália. Os americanos realmente pretendiam construir um Templo com características arquitetônicas de Igreja. Infelizmente devido à necessidade de espaço para salas de aula, no Colégio Piracicabano³¹, para dar lugar ao Prédio Trinity. Por sua vez também foi demolido, em 1965, para dar lugar ao Edifício Centenário³², esquina da Rua dos Ourives Rangel Pestanal com a Rua Boa Morte. Na época, principal corredor da aristocracia Piracicabana. A inauguração ocorreu num domingo, dia 1º de novembro do mesmo ano. O culto de consagração foi presidido pelo Rev. J. W. Tarboux, a convite do Rev. Koger, o qual apresentou o Templo à população juntamente com os oficiais da igreja, estando presentes por volta de 180 pessoas. Durante a semana, houve uma série de conferências com frequência de aproximadamente 200 pessoas. O orador oficial foi o Rev. Tarboux, que pregou nove vezes em Português, visando o povo de modo geral, enquanto que o Rev. Newman, falou uma vez para os de Língua Inglesa, e o Rev. Zink, de Campinas, fez o mesmo em Alemão por duas vezes. Talvez inspirados pelas conferências, mais 15 pessoas fizeram sua pública profissão de fé, aumentando o Rol para o número de 72 pessoas, além, é claro daqueles que freqüentavam a Igreja sem serem arrolados como membros — crianças, por exemplo.

Mal começa o ano de 1886, e o Rev. Koger, muito dinâmico, dava continuidade aos trabalhos. Tendo pregado seu último sermão em Piracicaba, no domingo dia 3 de janeiro, presidiu mais uma sessão da Conferência Trimensal, na segunda-feira, relatando sobre o estado geral da igreja. Nesse tempo escreveu ao Bispo John Cowper Granbery³³, responsável pela Missão, prestando contas do balanço do ano findo. Antes do fim da semana seguiu para São Paulo para visitar o campo de trabalho do Rev. Tarboux, na qualidade de supervisor, e ainda no dia 10 se encontrava em reuniões. Depois disso resolveu prosseguir até o Rio de Janeiro, sendo advertido para que não fosse, devido à epidemia de febre amarela. Porém, impelido pelo dever, e decidido, embarcou para a Corte no sábado, sendo hospedado pelo casal Kennedy, que já havia sido atacado pela febre amarela e acabava de assistir o Sr. Ludgero

31) O ano que consta como da inauguração do Prédio Trinity é o de 1929, provavelmente numa das gestões de 40 anos da diretora Lily Ann Stradley, devido ao seu caráter empreendedor. Em 1947 passou por uma segunda reforma, com a construção de um segundo andar Na Pedra Angular do Primeiro Templo Metodista de Piracicaba, há uma placa dando como tendo sido o Templo, transformado no Prédio Trinity, com data de 1885 a 1965, portanto, considerado um só Edifício. Contudo, na segunda reforma, as principais características do edifício se perderam, salvo a alvenaria aparente, sendo que a nova fachada muito se assemelha com os edifícios Principal e anexo Martha Watts.

32) O Edifício Centenário (do Metodismo) ou Bicentenário (de Piracicaba) foi construído para abrigar as Faculdades Integradas hoje UNIMEP do Instituto Educacional Piracicabano, na Gestão do Diretor Geral, Rev. Chrisantho César.

33) O Rev. John Cowper Granbery foi o primeiro Bispo da Igreja Metodista Episcopal do Sul a visitar o Brasil, sendo a primeira visita em 1886 por ocasião da morte do Rev. Koger. Voltou em 1888, 1890 e 1895. Foi o organizador da primeira Conferência Anual em 16 de setembro de 1886, no templo do Catete. O Colégio Granbery, de Juiz de Fora, foi batizado em sua homenagem. Segundo Rocha, I.(1967)

65

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

34) Kennedy, J.L. (1928) e Salvador, J.G. (1982)

35) Severo Augusto Pereira era oriundo da igreja Presbiteriana e irmão do pregador e gramático Eduardo Carlos Pereira. Esteve a cargo da Igreja, primeiramente quando da doença de Mrs. Frances Koger. Neste período tomou conta da Escola que o casal Koger abria extra-oficialmente para as crianças vizinhas e pobres, no bairro onde moravam, em Piracicaba. Depois abriu sua própria escola que funcionava em dois períodos, só para meninos, de manhã e à noite, por quase três anos. Em vista de preconceitos contra os evangélicos e falta de dinheiro, pois muitos estudavam de graça, veio a fechar as portas. Em 1883, tinha 37 alunos e, em 1884, tinha 64.

Luis Correa de Miranda, mais tarde ordenado pregador, que era o ajudante do Rev. Kennedy. Passou alguns dias no Rio de Janeiro e pregou duas vezes na Igreja do Catete. Num dos sermões pregou sob o tema "As limitações do Conhecimento Humano", baseado no texto "Pois agora vemos como por um espelho em enigma, mas então face a face" (1 Co 13.12).

Para o dia 20, o Rev. Koger tinha marcado a segunda sessão da Conferência Anual Missionária, em São Paulo. Alguns missionários o acompanharam para participar desta Sessão, porém ela não se realizou porque o Rev. Koger chegara doente, atacado pela febre amarela. Três médicos foram chamados para socorrê-lo, tendo também a assistência dos irmãos missionários. Porém, veio a falecer no dia 28, às 4h15 da tarde, com 33 anos, aquele que dedicou todo o tempo em que esteve no Brasil, especialmente em Piracicaba, à obra de Deus. No dia seguinte, no salão de cultos da Igreja Metodista na Capital, na mesma casa onde faleceu, os pastores George W. Chamberlain e Modesto Carvalhosa, da Igreja Presbiteriana, dirigiram o ofício fúnebre que seguiu até o Cemitério Protestante da Consolação.

Tal falecimento abalou duramente os missionários e a comunidade metodista, pois vinha trabalhando como superintendente da Missão, tendo assistido muitas congregações. O bispo Granbery, nos Estados Unidos, escreveu no dia 13 de fevereiro no *Christian Advocate*: "Embora eu nunca o tivesse visto, tinha uma forte afeição por ele. Sua correspondência comigo revelou-me os traços do seu caráter. Estava inteiramente consagrado a Deus e à Sua obra. Ele viveu pela fé. Eu tinha larga evidência de sua humildade, modéstia, cavalheirismo e desprendimento. Seu coração estava plenamente dedicado à Missão, no desejo de vê-la progredir, ao invés de preocupar-se consigo mesmo. Era uma pessoa de tirocinio claro e sereno; serviu à Igreja fervorosa e habilmente, tanto como missionário como superintendente. A Missão sofreu uma grande perda". E após manifestar os sentimentos da Igreja à família enlutada, o bispo concluiu sua notícia com um apelo: "A morte do Rev. Koger constitui um desafio a todos nós. Seu lugar deve ser suprido, e mais do que isso, precisamos enviar maior número de obreiros para aquela nação onde ele morreu por Cristo"¹⁴.

Neste período até o ano de 1887, a Igreja Metodista de Piracicaba ficou sendo assistida pelo leigo Severo Augusto Pereira¹⁵ que já havia substituído o Rev. Koger anteriormente, tendo sido supervisionado pelo Rev. J. W. Tarboux, que, devido às circunstâncias, ficou com o cargo de Superintendente da Missão.

Depois de mais de cem anos passados, a Igreja Metodista permanece viva, na região e no País e tem crescido cada vez mais. Percebemos hoje a importância da dedicação destes missionários pioneiros na construção do Reino de Deus na Terra. Os homens morrem, os edifícios são demolidos para dar lugar a outros, porém as idéias e ideais prevalecem à morte e podemos dizer que 'combateram o bom combate'.

66

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Referências Bibliográficas

- Long, E. K. (1968). Do meu Velho Baú Metodista. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Luccok, E.L. (s.d.) Linha de Esplendor sem Fim. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Kennedy, J. L. (1928). Cincoenta Anos de Methodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Mesquida, P. (1994). Hegemonia Norte — Americana e Educação Protestante no Brasil. Juiz de Fora / São Bernardo:EDUFJF e Editeo.
- Perecin, M. T. G. (1989). A Síntese Urbana (1882-1930). Piracicaba: Shekinah.
- Rocha, I. (1967). Pioneiros e Bandeirantes do Metodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista.
- (1967). Histórias da História do .Metodismo no Brasil. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Reily, D. A. (1991). Momentos Decisivos do Metodismo. São Paulo: Imprensa Metodista. Rol Permanente da Igreja de Piracicaba (1881 a 1961)
- Salvador, J. G. (1982). História Do Metodismo no Brasil, 1982. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Veiga, J. T. (1976). Mensageiro. Nos. 28, 29, 30, 31, 32 e 33 (boletim). Piracicaba: IEP Gráfica e Editora.
- Vieira, R. C. C. (1995). Vida e Obra de Guilherme Stein Jr , Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

67

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

A FAZENDA MILHÃ E ANTONIO FERRAZ DE ARRUDA

Fernando Ferraz de Arruda

Somente depois de 1769, começaram a crescer de importância, em terras piracicabanas, a produção de cereais e de gado.

Só 40 anos mais tarde é que se iniciou, verdadeiramente, o desbravamento de grandes áreas situadas nas proximidades do Rio Piracicaba. Foi nessa época que Antonio Ferraz de Arruda, descendente de velho tronco de lavradores de Itu e já estabelecido em Capivari, com pastos e canaviais, adquiriu terras pertencentes a Antônio Pinto do Rego, metade de uma sesmaria localizada entre os municípios de Piracicaba, Rio das Pedras e Tietê.

Antonio Ferraz de Arruda, casado com D. Maria Pacheco de Arruda, o MUCUNÃ de alcunha, que foi um dos Crescos da época e uma das personalidades de maior evidência em seu tempo. Tal era o prestígio de Mucunã que chegou a incomodar o governo colonial. Do Rio partiram sugestões para o Reino aconselhando o seu desterro e do filho Padre João Leite Ferraz, considerados perigosos à ordem pública, pela sua popularidade, riqueza e influência social. Felizmente o Conselho Ultramarino mostrou-se mais criterioso, não tomando providência alguma contra eles.

Aconteceu que, em 1822, foi o povoado elevado à categoria de "vila", recebendo o nome de VILA DA CONSTITUIÇÃO. Este nome foi conservado até 13 de Abril de 1877, quando foi restabelecido o de Piracicaba.

Em consequência dessa medida, foram sensivelmente melhorados os caminhos que levavam às terras de Piracicaba e operou-se nela acentuada valorização, animando muitos lavradores a dilatarem seus domínios. Entre estes encontrava-se Antonio Ferraz de Arruda, que comprou uma sesmaria confinando-se com a sua pelo lado do Oeste denominada "Pinto Ferraz". Tinha seu novo domínio cinco léguas de

68

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

testada por sete de fundo, abrangendo a quase totalidade das terras que apertavam-se entre os rios Piracicaba e Tietê.

Esta sesmaria era muito vasta para ser tratada por um homem só e o benemérito lavrador, por isso mesmo, procurou vender boa parte dela, contribuindo assim para a formação de grande número de pequenas fazendas e chácaras do destacado município de Piracicaba. Um dos primeiros cuidados do intrépido ituano foi a formação de extensa pastaria de capim Milhã para nela manter o seu gado de fina raça, trazido de Capivari. Daí o nome de Fazenda Milhã dado a sua propriedade.

Antonio Ferraz de Arruda somente em 1841 deixou definitivamente Capivari e transferiu sua residência para a Fazenda Milhã. Nessa ocasião, dotou-a de todas as comodidades e dos mais aperfeiçoados maquinismos que se conheciam na época para fabrico de açúcar e aguardente.

Muito generoso, fez em seguida diversas doações a parentes e amigos pobres, muito concorrendo para acelerar ainda mais o crescente povoamento e prosperidade do lugar.

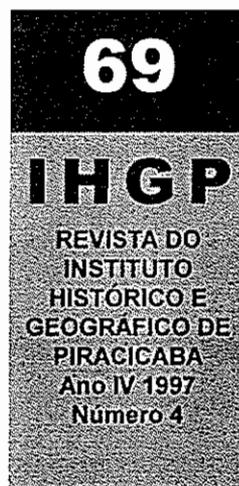
Em 1845 formou ele, com sementes trazidas de Itu, um pequeno cafezal.

O seu falecimento deu-se em 1859, cabendo então por herança a Fazenda Milhã a dois de seus filhos — João Ferraz de Arruda e Major Fernando Ferraz de Arruda, que a possuíram em comum, até o ano de 1870, quando o primeiro permutou a sua parte por uma fazenda em Capivari. Antes dessa permuta, fez o Major Fernando Ferraz de Arruda, em fins de 1867, a primeira plantação regular de café, mais ou menos extensa, destinada a exportação.

A produção dessa lavoura foi encaminhada a Inocência Pereira, comissário estabelecido em Santos. Era transportada por meio de cargueiros, até fins de 1876, quando a Ituana levou a ponta de seus trilhos a Piracicaba, inaugurando com memoráveis festividades a sua estação, em 20 de fevereiro de 1877.

BIBLIOGRAFIA

- 1) A FAZENDA MILHÃ, por Renato de Albuquerque Salles. REVISTA DO INSTITUTO DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO: p.1443-1446. Ano X - julho de 1935.
- 2) DESCENDENTES DO OUVIDOR LOURENÇO DE ALMEIDA PRADO - p. 10-11 de Frederico de Barros Brotero, do Instituto Genealógico de São Paulo - São Paulo - 1938.
- 3) LEMOS, CARLOS A. COZINHAS; ETC. ED: PERSPECTIVA S/A - SÃO PAULO, 1976 p.87, 91, 93 e 99.



UMA HISTÓRIA DE SILÊNCIOS

O Diário de Getúlio Vargas revela a
contribuição da esfinge

Cecílio Elias Netto

Mais de quarenta anos após sua morte, Getúlio Dornelles Vargas, o Getúlio, continua surpreendendo os brasileiros. É como se, para ele, a Vida tivesse sido um papel a cumprir, fatalidade em que acreditou. Assim, entregou-se a um destino político como a uma predestinação; e à própria morte, também fatalisticamente, parecendo algo que lhe deveria ocorrer quando o destino político fosse contrariado. Agora, com a revelação póstuma dos seus cadernos pessoais, de anotações diárias — trazidos a público através do livro *Diário*, editado pela Siciliano/FGV — Vargas volta a surpreender. E a incomodar.

Ao leitor, pouco ou superficialmente informado da realidade brasileira, o livro *Diário* — 1.300 páginas em dois volumes, cobrindo os anos de 1930 a 1942 — pode parecer decepcionante cartapácio com relativamente poucas revelações surpreendentes, exceção, talvez, a algumas anotações sobre a vida amorosa do Ditador. A diretora do Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Lúcia Lippi Oliveira, parece antever a possibilidade de uma reação decepcionante diante dos documentos revelados, ao observar: “A divulgação do diário de Getúlio Vargas permite que o trabalho do historiador continue. Suas anotações devem ser analisadas; revelam como a realidade era percebida por um homem que deteve uma posição central na vida política brasileira neste século.

E mais: “A publicação deste diário deve ser entendida como uma convocatória aos historiadores, cientistas — políticos, sociólogos e intelectuais em geral para que prossigam na análise e na compreensão da autoconsciência e da ação política das lideranças deste país.”

Trata-se, pelo menos de alguma forma, da honesta admissão de que, em *Diário*, Getúlio Vargas não faz grandes revelações, nem revela fatos novos. Mas seria isso mesmo? Fico a pensar no segredo das es-

70

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

finjes: “Decifra-me ou serás devorado.” Não estariam, no Diário de Getúlio Vargas, revelações enigmáticas que, se desvendadas, poderiam levar-nos a questionar muito do que nos tem sido revelado, ora pela História oficial, ora pela História escrita pela óptica ideológica? Getúlio Vargas continua sendo, pelo menos, um referencial: a partir dele, é-se contra ou a favor dele. Os militares brasileiros, que chegaram ao poder em 1964, nunca tiveram um projeto político para o País, mas pelo menos uma certeza obsessiva: colocar um ponto-final na chamada “Era Vargas” e a seus herdeiros rotulados de populistas. E, atualmente, é o Presidente Fernando Henrique Cardoso que toma Getúlio Vargas também como referencial, quando, quase na repetição do discurso dos militares, fala “em modernização do Estado brasileiro, com o fim da Era Vargas”. A própria luta dos sindicalistas brasileiros está marcada pela presença de Getúlio Vargas: manter direitos trabalhistas e previdenciários conquistados a partir daqueles tempos. Mais ainda: o mal disfarçado neoliberalismo que inspira os partidos políticos ora no Poder, propondo a privatização generalizada das empresas estatais brasileiras, nada mais faz do que buscar desmontar o Estado brasileiro criado por Vargas.

Explico-me: não há, neste trabalho, a preocupação de defender qualquer tese a favor ou contra Getúlio Vargas. Trata-se, na verdade, de uma inquietação de jornalista que, por quase quarenta anos, exerceu o jornalismo político com intensa curiosidade histórica. Ora, a inteligente convocação de Lúcia Lippi Oliveira — numa das apresentações do Diário — estimula os jornalistas, esses “especialistas em generalidades”, a participar da discussão que o livro deve ou deveria provocar. Afinal de contas, jornalistas são, também, intelectuais. Ou deveriam ser. Somos, de alguma forma, também pesquisadores, com nossas técnicas de entrevistas, de investigação, de reportagem, com nossa metodologia própria, quase sempre confusa diante da Lógica, mas feita de intuições. Aliás a ciência humana acima de tudo — talvez seja intuitiva. Trata-se, pelo menos, de um método: do intuitivo para o dedutivo, por que não? Na convivência e na observação dos fenômenos sociais que se repetem todos os dias, o jornalista acaba fazendo, até mesmo inconscientemente, ciência. Ou seja: ele adquire a arte de uma certa ciência. Para nós, jornalistas, é, por exemplo, verdade científica, provada e comprovada que políticos e homens públicos falam meias-verdades. Assim, nosso maior desafio está em encontrar alguma verdade entre tantas meias-verdades. Mais ainda: em decifrar linguagens cifradas. O que ele está querendo dizer, o que ele esconde em seus silêncios? — é este, certamente, o maior desafio do repórter, do entrevistador.

Lendo o Diário, de Getúlio Vargas, vi-me repórter, com uma indagação que, certamente, deve ser, à maneira dele, também a do historiador: o que Getúlio quis dizer ao escrever o seu diário? Há, oculto no que foi escrito, mais coisas do que foram ditas. A esfinge provoca, querendo ser decifrada. Os coordenadores do Diário — cientistas sociais, mostrando-se fiéis a uma rígida e severa metodologia da História — não ousam ir além dos documentos e, com certeza, não poderiam fazê-lo, pelo menos em respeito à sua ciência. Mas revelam suas inquietações ao transformar em epígrafe uma declaração provocativa de Getúlio Vargas, quase um desafio: — “... gosto mais de ser interpretado do que de me explicar.”

71

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Trata-se, sim, de uma provocação. A esfinge quer ser decifrada. E, em suas anotações diárias, vai deixando pistas, muitas vezes traçando-se, incorrendo no que, psicologicamente, passou a ser entendido como "ato falho". Psicólogos dizem que as pessoas se revelam pelo que eles chamam de inconsciente. Biólogos há que afirmam ser o fígado, com os seus humores cíclicos, o revelador das pessoas: a pessoa é, naquele momento, como está seu fígado. Ou o estômago. Astrólogos dizem ser os astros e estrelas, mudanças da Lua. Químicos falam em sais minerais: harmonizamo-nos ou desarmonizamo-nos conforme a harmonia ou desarmonia de nossos sais. Espiritualistas e religiosos explicam o ser humano conforme os seus deuses, em cada contexto cultural. Pois bem. O jornalista — "especialista em generalidades" e cético diante de quase tudo, mas respeitoso do que está oculto — que lê as anotações de Getúlio Vargas é tocado pelo desafio que a esfinge propõe. Há silêncios demais naquela quase obsessiva preocupação do Ditador em registrar, por longos 12 anos, a sua atividade cotidiana.

A herdeira daqueles documentos — a socióloga Celina Vargas do Amaral Peixoto — é neta de Getúlio Vargas. Deveria, pois, ser compreendida a timidez e a tibieza com que ela, na apresentação do livro, discorre sobre os documentos. Celina fica devendo-nos uma explicação que, talvez, poderia elucidar muitas coisas: com quem estavam aqueles diários, quem os guardou? Celina tem conhecimento do zelador daqueles documentos ou não? Há uma indicação de que eram documentos desconhecidos da família de Getúlio — inclusive de Alzira Vargas do Amaral Peixoto, filha declaradamente preferida de Getúlio, mãe de Celina — que também mostra sua desinformação, no livro *Getúlio Vargas, meu pai*, onde escreve sobre o "caderninho preto" em que Getúlio fazia suas anotações diárias:

— "Interpelei-o (a Getúlio, o pai) sobre o destino que lhe havia dado (ao "caderninho preto"). Respondeu que o tinha destruído antes de deixar o Palácio Guanabara. Não acreditei e, durante algum tempo, continuei a busca, sem êxito. Sumiu, como sumiu seu discurso de formatura."

Getúlio mentira. As anotações, à maneira dele, eram íntimas, propositalmente sonegáveis até às pessoas mais queridas, como sua filha Alzira. Os "caderninhos pretos", no entanto, acabaram aparecendo. Com quem estavam? Celina Vargas do Amaral Peixoto, na timidez e tibieza reveladas na apresentação do livro, faz silêncio. Ela sabe ou não sabe com quem estavam os diários? Silêncio. Assim, o segredo da esfinge fica mais espicaçante. O mistério — verdadeiro ou artificial — é instigante a qualquer jornalista, garimpeiro de alguma verdade entre meias-verdades. O "caderninho preto", diário de Getúlio Vargas, acaba sendo esse desafio da esfinge, meias-verdades do maior de nossos políticos e homens públicos. Quanto maior é o dissimulador, mais intenso é o desejo de garimpar a dissimulação.

O livro, que revela o diário íntimo de Getúlio Vargas, parece-me, como jornalista extraordinário pelo que está oculto em seus silêncios. Há, na moderna tentativa de interpretar a História, uma tendência a buscar entender o passado a partir dos silêncios, como que uma "história dos silêncios." A transmissão oral, uma história oral parece estar sendo redescoberta. A pensadora francesa Dominique Barthélemy — manifestando-se, em seus *Dialogues*, a Guy Lardereau, e referindo-se a Georges Duby — propõe esse desafio: "uma história dos silêncios, pre-

72

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

cisamente aquela das realidades silenciosas da vida privada aquém das palavras.” Ou além delas, como diria o jornalista? Mas Dominique prossegue: “Não é agarrando-se desesperadamente às sinuosidades da linguagem que se decidirá o debate.”

Getúlio Vargas, a esfinge, esconde-se “nas sinuosidades da linguagem”, mais ocultando do que dizendo. Não deverá ser, pois, nessas sinuosidades daquele diário íntimo “que se decidirá o debate” sobre Getúlio Vargas. Nele, há uma “história de silêncios”. A esfinge fez o desafio, negando-se a explicar-se, preferindo ser explicada. Para qualquer jornalista esse é um prato cheio. São meias-verdades. Mas — no figado, no inconsciente, na religiosidade, nas estrelas, nos sais minerais de Getúlio, quando e enquanto ele escreveu aquelas notas — deve estar alguma verdade.

Mergulhar nisso é reportagem investigativa, desafio de encontrar a face da esfinge no mistério de seus silêncios. O Diário, de Getúlio Vargas, parece-me ser essa provocação. Há que se tentar enfrentar o desafio quase eterno dessa esfinge.

COM OS INTEGRALISTAS

O Brasil daqueles tempos agitava-se, tocado pelas paranóias do mundo, essas nossas buscas intermináveis de organização social. Além dos comunistas, por aqui surgiram os integralistas: contrapondo-se ao Comunismo, o Integralismo. Houve arremedos de bipolaridade: aos comunistas; opunham-se os integralistas; à liderança de Prestes, opunha-se a liderança de Plínio Salgado. Nem comunistas, nem integralistas, porém, pareciam fazer parte do universo político de Getúlio Vargas. A respeito de Plínio Salgado, Getúlio escreve em seu diário íntimo, sintomaticamente apenas em 1937 — no dia 14 de junho, página 54, Volume II — quando registra ter sido informado, por integralistas, da candidatura de Plínio à Presidência da República, diante da expectativa de eleições que se não realizaram. No entanto, Plínio Salgado pregava o Integralismo desde 1932, quando se lançou o conhecido Manifesto de Outubro. A Ação Integralista Brasileira existia desde aquela data, espalhando-se nacionalmente. Getúlio, porém, parece ignorar, também, olímpicamente, esse movimento, apesar de, dentro de seu governo, cercar-se de integralistas de todos os lados, especialmente por intelectuais que admiram Plínio Salgado e que pressionam Getúlio a conhecê-lo. Pressionado por amigos e assessores, Getúlio, finalmente, aceita encontrar-se com Plínio, no dia 27 de outubro de 1937, registro às páginas 78, Volume II. Eis como Getúlio anota sobre Plínio Salgado: “Caipira astuto e inteligente, mas entendemo-nos bem.” Em 1938, Getúlio Vargas como que humilhava Plínio Salgado, devolvendo-lhe cartas em que o líder integralista lhe fazia propostas de conciliação ou se propunha a fazer manifestos a favor do Governo. A imagem que transparece, nas anotações de Getúlio, é a de um Plínio Salgado submisso. Na realidade, a estratégia de Getúlio Vargas foi a de sempre mostrar-se equidistante, indefinido. Getúlio, numa conversa com o filho Lutero, tenta transmitir-lhe o que considera a sua própria filosofia de vida, na verdade, um legado a partir do qual se poderá, quem sabe?, vir a entender-se melhor aquele líder político. Ele anota em seu diário: “No conceito que eu lhe repetia (...) estava, como aplicação da

73

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

teoria darwiniana, que vencer não é esmagar ou abater pela força todos os obstáculos que encontramos — vencer é adaptar-se. (...) Adaptar-se não é o conformismo, o servilismo ou a humilhação; adaptar-se quer dizer tomar a colocação do ambiente para melhor lutar.” (Dias 13 e 14 de março de 1936, página 487, Volume I.)

Mais do que ninguém, Getúlio Vargas soube ser esse camaleão.

O OLÍMPICO DESPREZO AOS PAULISTAS

Chega hoje, a parecer estranho ou ingênuo que os brasileiros de 1930 — e especialmente os paulistas — tivessem acreditado que Getúlio Vargas, em nome dos abstratos princípios da Aliança Liberal, organizasse o Estado Brasileiro por vias democráticas, conforme o modelo agradável a alguns segmentos paulistas das democracias liberais. Em suas anotações pessoais, Getúlio Vargas mostra-se apenas fiel a si mesmo, à sua formação humana e política. No Positivismo, há algo de predestinação para os seus líderes, como que profetas de verdades absolutas. E uma delas está na convicção de que o Estado haveria de formar-se através de uma “ditadura científica”. Este é o espírito de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros, pais espirituais de Getúlio Vargas, em cujo ideário há alguns princípios determinantes:

1 - “Existe, na ordem política, alguma coisa mais importante do que a divisão de poderes. É a composição do orçamento. É ali que reside o grande problema social, porquanto, nos povos modernos, a questão capital da sociedade é o imposto.

2 - “Não existe uma doutrina universal, não existe uma moral positiva, generalizada, e a moral teológica, exausta e decrépita, luta debalde pela conquista de sua influência fatalmente perdida. Só a educação positiva poderá curar o ceticismo que domina as classes superiores e o indiferentismo ou a revolta que caracteriza as classes inferiores.”

3 - “Cumprir promover definitivamente a incorporação do proletariado à sociedade moderna e considerar o salário como a equivalência da subsistência e não como recompensa do trabalho humano que não comporta nem exige nenhum pagamento propriamente dito, mas o reconhecimento devido”;

São valores que, em muitos de seus aspectos, entram em choque com as democracias liberais, base de um Estado Forte, que acabaria tomando corpo na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, no Portugal de Salazar, na Argentina de Perón e no Brasil de Vargas. Um Estado que, na angústia do filósofo Spencer, “privilegiasse os que não fazem, mas que sofrem a História.” Estava nascendo o populismo. Surgiam, sob outras capas, as figuras dos “pais da Pátria” que, quase sempre, se fazem “pais dos pobres”.

O controle do orçamento, o fortalecimento sindical, a aproximação com o povo, a criação do salário mínimo “equivalendo à subsistência e não como recompensa do trabalho” são parte desse ideário getulista, num Estado Forte — que “componha o orçamento” sem se preocupar com a divisão de poderes, sob uma “educação científica” que não atendia aos ideais políticos de São Paulo, ainda sob a influência de fazendeiros, de um aristocracia rural decadente e já a caminho da industrialização.

74

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Em seu **Diário**, Getúlio Vargas revela um olímpico desprezo à classe política paulista, quase aborrecimento, como se São Paulo não se desse conta da missão por assim dizer predestinada que ele, Getúlio, se dá a si mesmo. Érico Veríssimo, arguto observador, diz de Getúlio Vargas: "frio, solerte, ele sabia jogar com dois fatores importantes na vida: o tempo e as fraquezas humanas."

Foi essa a atitude de Getúlio para com São Paulo: jogou com o tempo e as fraquezas humanas. São Paulo, na verdade, através de suas lideranças políticas e de suas elites sociais, também tinha desprezo por Getúlio Vargas. O anedotário da época recolhido por Queiroz Júnior, no livro **222 Anedotas de Getúlio Vargas** é revelador do clima daqueles tempos. Há a anedota, por exemplo, de uma visita que Getúlio Vargas teria feito a Campinas. Visitando uma escola, foi informado de que, na casa de uma das alunas, havia três gatinhos, recém-nascidos, que eram getulistas. Vaidoso; Getúlio quis conhecer os gatinhos. Mas foi informado:

- Os gatinhos não são mais getulistas...
- Mas por quê? — quis saber o Ditador.
- Porque eles já abriram os olhos...

O proletariado, no entanto, amava Getúlio Vargas. A princípio, nos primeiros dias da revolução de 1930, dirigindo-se ao Rio de Janeiro para assumir o governo, ele diz, em suas anotações: "Chegamos a São Paulo, onde sou recebido com carinho pelas principais autoridades do novo governo. Chegamos à capital paulista cerca de 11 horas da noite, levado em triunfo até o automóvel. Este percorre as ruas no meio de verdadeiro delírio popular. Parece que toda a população de São Paulo comungava com a Revolução. Magnífico povo." (Anotações de 29 de outubro de 1930, pág. 19).

São Paulo, porém, retaliava-se entre os interesses dos antigos Partido Republicano Paulista e Partido Democrático, partidos que, na verdade, pouco se diferenciavam entre si. (O cientista político Vamireh Chacon analisa com argúcia os partidos políticos paulistas: a *jeunesse dorée* paulista, que se alinhara ao Partido Democrático, desafiara muito mais as velhas lideranças do que o *establishment* mantido pelos caciques do Partido Republicano.) Um livro, hoje clássico, do General Euclides Figueiredo — do tronco familiar que gerou um Presidente da República no ciclo militar iniciado em 1964, João Baptista de Figueiredo narra a epopéia paulista, as insatisfações, as lutas pelo Poder, a insurreição. Nomes famosos, com papel relevante na História Paulista, são incensados, tais como Júlio de Mesquita Neto, Francisco Morato, Paulo de Moraes Barros, Antonio Pereira Lima, Ibrahim Nobre, Izidoro Dias Lopes, Armando de Salles Oliveira, entre outros. São Paulo exigia, de Getúlio, um interventor civil. Getúlio, em seu **Diário**, mostra-se favorável a isso, desde, porém, que o civil esteja afinado com o ideário da Revolução de que ele se fez chefe. Os que manobram contra isso são "políticos reacionários, seus auxiliares ou aliados que querem forçar o governo a lhes entregar o poder." Getúlio Vargas não tinha dúvidas — sendo explícito nisso, em suas anotações pessoais — de que, em São Paulo, se travava uma luta pelo poder. Em abril de 1932, ele já sabia que, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, tramava-se a sua deposição do governo. Registra, apenas, em 12 e 14 daquele mês: "Converso com os ministros militares e o chefe de Polícia, determino algumas providências."

75

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Para Getúlio Vargas, os acontecimentos de 1932 eram muito claros. Ele os define, em junho de 1932, dias 6 e 8: "Resumindo: aliança política de São Paulo e Rio Grande a favor do governo, se (este) se deixar tutelar por eles." E, quando, em 9 de julho daquele ano, é deflagrado o movimento revolucionário paulista, como num lamento: "Todo o tempo absorvido nas providências para combatê-lo. Morosidades, confusões, atropelos, deficiências de toda ordem, felonias, traições, inércias." E um outro lamento, sobre o Interventor paulista Pedro de Toledo: "velha múmia que exumei do esquecimento".

Qual a importância, pois, que Getúlio Vargas mesmo diante de todas as reações de São Paulo deu a alguns dos heróis paulistas? Vejamos alguns deles:

1 - Sobre Júlio de Mesquita Filho: duas únicas referências. A primeira, à página 57, Volume I, dia 16 de abril de 1931: "com o Ministro da Justiça, Virgílio de Mello Franco, e Júlio de Mesquita, tratamos do caso de São Paulo. A outra, anotações dos dias 16 a 18 de junho de 1932, página 101, Volume I: "Flores (da Cunha) e Virgílio (de Mello Franco) vão ao Clube dos Duzentos, onde conversam com Júlio de Mesquita." E é só.

2 - Sobre Armando de Salles Oliveira, referências mais amplas e pelo menos uma delas quase comprometedoras para o estadista de São Paulo. Algumas delas: "É um homem discreto e criterioso, com alguma ronha política. Impressionou-me seu critério sobre a administração do Estado (Dia 4 de julho de 1933, página 222, Volume I);

- "À noite, recebo o dr. Armando Sales, a quem confio meu propósito de nomeá-lo interventor, desejando saber até onde vai a cooperação e o apoio da Chapa Única." (Dia 11 de julho de 1933, página 224, Volume I);

- "Tratamos da convocação dos deputados de suas bancadas para a votação de dois projetos de lei: um de defesa do Estado e outro de ampliação de poderes em matéria financeira. (...) Chegou o interventor Armando Sales, também solidário com todas essas medidas." (Dia 7 de janeiro de 1935, página 352, Volume I.) Getúlio já era, então, o todo-poderoso ditador do Estado Novo, com a solidariedade de Armandô Sales.

Sobre Euclides Figueiredo, um dos chefes revolucionários, apenas três breves citações, tendo-o como um rebelde e, em seguida, para referir-se à fuga e ao exílio do militar. A respeito de Paulo Duarte, grande intelectual paulista, as referências somente serão feitas em 1939, sete anos após a chamada Revolução de São Paulo, quando Paulo Duarte retornou do exílio. Getúlio chama-o de "reles intrigante" (21 de junho de 1939, pág. 241, Volume II) e, no dia 14 do mesmo mês, para dizer-se informado de que o jornalista voltara a conspirar. Nada mais do que isso. Não há qualquer referência, em todo o Diário, ao grande tribuna paulista, Ibrahim Nobre. E absolutamente nenhuma sobre Antonio Pereira Lima.

Na realidade, as preocupações de Getúlio Vargas tinham estado voltadas para o Rio Grande do Sul, onde germinou, por primeiro, a insatisfação contra o seu governo através das ambições de João Neves da Fontoura. As agitações de São Paulo pareceram-lhe menores. Diz Alzira Vargas do Amaral Peixoto, como a interpretar os "silêncios" de seu pai, sobre a Revolução Constitucionalista de São Paulo: "Não era

76

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

uma revolução. Era uma represália. Não era constitucionalista, pois apenas contribuiu para perturbar a constitucionalização do País. E, por estranho que pareça, também não era paulista. O fermento veio do Rio Grande do Sul.”

Leôncio Basbaum, com sua visão marxista da História, interpreta aquele momento como uma luta pelo poder em São Paulo, de “um estado de desespero da burguesia agrária paulista” que, segundo ele, fez uma revolução através de “um ato deliberado, longa e friamente calculado e pensado pelos responsáveis e dirigentes máximos do PRP (Partido Republicano Paulista), objetivando a retomada do poder do qual haviam sido desalojados tão violentamente.” Diante da visão global de Getúlio — visando a um Estado forte, unificado — os políticos de São Paulo mereceram seu olímpico desprezo. Esse cansaço, essa quase indiferença para os que não o compreendem, Getúlio Vargas demonstra-o ao longo de quase todo o Diário, na intimidade de suas anotações. Quanto aos paulistas, Getúlio parece não ter tido dúvidas de que se tratava de seus adversários políticos. Ele anotaria, no dia 13 de agosto de 1933, página 231, Volume I, quando da nomeação de Armando de Sales Oliveira para a Interventoria: “Vou entregar São Paulo aos que fizeram a revolução contra mim. Não pode haver maior demonstração de desprendimento. Será que estou colocando armas nas mãos dos inimigos para que se voltem contra mim? (...) O futuro dirá, e muito próximo!”

Ou, como tentou explicar o psicanalista e escritor Gastão Pereira da Silva: “Getúlio sempre andou atrás da alegria para equilibrar as decepções que lhe vinham constantemente até mesmo dos amigos mais íntimos que o cercavam.(...) A crise não era nossa. Era do mundo. Getúlio sabia disso. E, desse modo, sorria da incompreensão dos que o cercavam, menos do povo que sempre acreditou nele e em quem ele também acreditou.”

ENTRE COMUNISTAS, FASCISTAS E A 2ª GUERRA

Tudo o que cercou Getúlio Vargas — tanto em vida, como após sua morte — parece mergulhado em uma nebulosa, talvez porque a própria personalidade do Ditador tenha-se, exteriormente, revelado com nebulosidades, homem de mil faces. Poderia, um homem pacato, como ele sempre se mostrara, ter sido o cruel Ditador que permitiu as horrendas violências do Estado Novo, com a polícia de Filinto Muller? Era um fascista, um caudilho? Ele próprio afirmou preferir ser interpretado. E a interpretação das esquerdas brasileiras nunca o poupou.

No livro Diário, deixa pistas, com seus silêncios pouco reveladores que podem, no entanto, restabelecer alguns dos perfis com que foi pintado. E uma conclusão epidérmica, em quase todos os acontecimentos, é a de que Getúlio Vargas — como o insuspeito Embaixador Vasco Leitão da Cunha acabou revelando — inspirava-se na máxima de Fábio, general romano: “Deixar como está para ver como fica.” Ele jogava com o tempo, pacientemente.

77

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

2ª. GUERRA: LUTA DE DOUTRINAS

Parece, pois, ter sido essa a posição que Getúlio Vargas adotou no início da 2ª Guerra: a espera paciente, a adaptação. Getúlio, inicialmente, declarou a neutralidade brasileira. Para ele, o que ocorria na Europa era “uma luta de doutrinas”. (Dia 14 de setembro de 1939, página 255, Volume II.) Chega a ser realmente estranho que, diante de acontecimentos que estavam transformando o Mundo, de uma guerra que revelava os seus horrores, as anotações pessoais de Getúlio Vargas sejam tão concisas, como se ele, como Chefe de Estado, nada tivesse a ver com aqueles acontecimentos. Os seus olhos parecem enxergar o Brasil apenas inserido no universo das Américas. Sua posição, assim, fica, inicialmente e por algum tempo, estabelecida: “O Brasil não deveria imiscuir-se em assuntos políticos estranhos ao continente americano.” (Dia 16 de outubro de 1939, página 262, Volume II.)

No entanto, o seu governo estava dividido entre ministros germanófilos e americanófilos. Entre estes últimos, Osvaldo Aranha era o que mais tinha lucidez dos acontecimentos mundiais. Vasco Leitura da Cunha é claro e incisivo: “A posição de Getúlio foi pragmática, fundada no bom senso.”

E, realmente, oportunista. Para ceder bases no Nordeste ao Governo Norte-Americano, Getúlio conseguiu o primeiro grande financiamento para o programa siderúrgico nacional. Escreve, revelando entusiasmo: “Foi uma notícia feliz que me encheu de satisfação. É um novo teor de vida para o Brasil: a riqueza e o poder” (Página 316, 31 de maio de 1940, Volume II.). Getúlio Vargas tinha a sensibilidade política de captar as tendências do povo, que, como ninguém, ele soube usar para suas decisões políticas. Quando, após os ataques alemães a navios brasileiros, decidiu-se a romper com o Eixo, declarando a guerra, insistiu em dizer que aquela “era a vontade do povo brasileiro”.

COM OS COMUNISTAS

Foi assim com a chamada Intentona de 1935, muitas vezes negada pelos próprios comunistas, mas que acabou desmascarada pelo excepcional trabalho do jornalista William Waack, do Estado de São Paulo, no mergulho aos documentos soviéticos, depois da perestroika. Realmente, a União Soviética patrocinara Luiz Carlos Prestes para o levante comunista no Brasil. E Getúlio sabia disso.

Naqueles tempos, o Mundo se debatia na busca de soluções novas, um Mundo marcadamente ideológico. (Será que, sob formas novas, não é isso o que continua acontecendo?) A revolução na Rússia, durante a I Guerra Mundial, com o advento de um Estado Comunista, inquietava Estados e Nações estabelecidos em uma ordem conservadora. Como sempre — e parecendo confirmar a humana tragédia de nada conseguirmos aprender com o passado — o novo, a novidade incomodavam. Revoluções incomodam. No Brasil, era Luiz Carlos Prestes o Dom Quixote de uma revolução popular, empolgante em suas próprias indefinições. Getúlio Vargas como que inabalável em suas convicções de ser predestinado criador de um Estado Brasileiro mostra-se displacente diante dos acontecimentos mundiais.

78

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACIGABA
Ano IV 1997
Número 4

Luiz Carlos Prestes e os comunistas, Plínio Salgado e os integralistas, parecem ter-lhe sido estranhos, excêntricos. Pouquíssimas são, assim, as referências de Getúlio a Luiz Carlos Prestes, como se, apesar de repugnar-se da idéia comunista, visse Prestes com olhares condescendentes. É como se Prestes fosse um equivocado, diante do Brasil que Getúlio idealizava.

Luiz Carlos Prestes, no entanto, responsabilizou Getúlio Vargas pelos espancamentos de que foi vítima na prisão, num histórico depoimento à Câmara dos Deputados, em 1946 e 1947, diante da comissão de inquérito sobre atos da ditadura, que Hugo Baldessarini registra em *Crônica de uma época, de 1850 ao atentado contra Carlos Lacerda*: "Quanto aos responsáveis por esses fatos, penso que não é somente o capitão chefe de polícia da época, mas também o próprio Presidente da República ou Ditador, porque este tinha conhecimento de tudo o que se passava."

Mas teria sido Getúlio Vargas um fascista, como os adversários o rotularam? Quase tudo, em seu diário íntimo, parece negá-lo. Getúlio Vargas revela-se apenas "getulista", um messiânico crédulo em sua própria predestinação. Maomé caboclo, um Jó gaúcho, fiel e conformado com um destino profético. Nele, vislumbra-se uma visão própria do Estado autoritário que tentava construir para o Brasil, como que feito à sua imagem e semelhança. É um geopolítico, muito antes de se falar numa Geopolítica Brasileira.

MORALISTA E PROMÍSCUO?

O EX-PRESIDENTE REPRESENTA A PRÓPRIA FIGURA DO PATRIARCA, NOS MOLDES DO MACHISMO BRASILEIRO IMPERANTE NA ÉPOCA

O universo político tem sua moralidade própria, quase sempre conflitante com moralidade das pessoas em seu cotidiano. Maquiavel, com sua Teoria do Poder, e Weber, analisando a política como uma ética de resultado, acabam, pelo menos neste século, parecendo ter mais razão ou sendo mais realistas do que a visão aristotélico-tomista da Política, utopia de uma arte e ciência de servir. Quase sempre — e, pelo menos, é isso o que diz a experiência dos jornalistas — políticos acabam vivendo uma duplicidade moral: austeros e pautados por comportamentos cristãos, em sua vida pessoal e familiar; maquiavélicos, inescrupulosos, na vida pública, fascinados por essa ética do resultado. Ao mesmo tempo, como sem perceber, eles acabam perdendo-se nessa duplicidade moral, tornando-se elásticos.

Ninguém ousou dizer, por exemplo, que Getúlio Vargas foi um político desonesto. Era um homem pessoalmente austero, considerado assim até mesmo por seus adversários. Mas maquiavélico quanto aos resultados. Leôncio Basbaum — ainda que se alegue suspeição de sua opção ideológica — admitindo as excepcionais de Getúlio, estabelece um paralelo cruel: "Divide e reinarás, diz o código de Maquiavel. Getúlio emendava: divide e corrompe, e o mundo será teu."

Em seu diário pessoal, Getúlio Vargas — com os seus imensos silêncios, com suas reticências e hiatos — parece revelar uma faceta

79

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

original: ainda que maquiavélico, é um moralista diante da *res pública*, na exigência de sobriedade de seus ministros, familiares e assessores: mas como se não tivesse consciência disso, se revela promíscuo em sua vida familiar e amorosa, um homem feito de contradições. Por exemplo: a indignação de Getúlio com o seu ministro da Justiça, Francisco Campos, quando este lhe revela que, estando separado da mulher, deseja casar-se de novo. (Aquele ministro, que se tornou conhecido como Chico Ciência, foi o redator e mentor da Constituição de 1937, conhecida como “Polaca”, que instituiu o Estado Novo, também conhecido como Democracia Autoritária, Estado Nacional, etc. Os adversários de Getúlio diziam que a Constituição era “polaca” por ser uma prostituta, pois as prostitutas francesas, que eram muitas no Brasil àquela época, tinham o apelido de “polacas”. No entanto, o apelido se deveu ao fato de Francisco Campos ter-se inspirado na Constituição polonesa, que acabou entregando a Polônia a Hitler.

Pois bem. O mesmo Getúlio, que se indignava de seu ministro querer casar-se de novo, não tinha pejo em ter aventuras extraconjugais frequentes, quase todas registradas em seu Diário, ainda que de forma reservada, como era de seu estilo. Ele as chamava, quase sempre de “passeios”. E, na maioria das vezes, fazia-se acompanhar do então Prefeito de Petrópolis, Iedo Fiuza, ou de Válder, seu oficial de gabinete e também cúmplice. E quem era esse Válder, acobertador das aventuras e infidelidades extraconjugais do ditador moralista e austero? Ai está, novamente, a duplicidade moral dos políticos, nos silêncios e clandestinidades de alcovas: o cúmplice era o diplomata Válder de Lima Sarmanho, o irmão de dona Darcy Sarmanho Vargas, o próprio cunhado de Getúlio.

Getúlio revela-se, em seu diário íntimo, o também todo-poderoso chefe de uma família patriarcal, realidade de um tempo e de um contexto. Sua presença, na família, aparece apenas em situações isoladas. E, ao mesmo tempo, demonstra ternura por dona Darcy, a mulher, e os filhos, chegando a lamentar-se quando os vê ora adoecidos, ora com problemas. E, no entanto, um homem distante, solitário, que se queixa das “crises de ciúmes e crises conjugais”, além de sua imensa interiorização pessoal. Registra queixoso, no dia 26 e 27 de junho de 1937: “Crise doméstica de ciúmes porque sai à tarde.”

Parece que não deve dar satisfações a ninguém de seus atos pessoais. É a figura do patriarca, ao estilo do machismo brasileiro da época. Tanto assim que o próprio Getúlio narra a sua indignação quando, estando muito gripado e tossindo muito, dona Darcy se decide a dormir em cama separada, em outro quarto.

Para o Ditador, é como se fosse uma ofensa, a demonstração de que o casamento acabou.

Alzira Vargas do Amaral Peixoto, a filha predileta, relata essa situação familiar: “Nossa vida girava toda em torno de mamãe. Era ela quem decidia sobre colégio, roupas, castigos e prêmios. Somente quando cansava de lutar contra nossa insubordinação, dizia a frase mágica que restabelecia a ordem: ‘eu conto para o seu pai’. (...) Mamãe sabia que não nos atrevíamos a perturbá-lo.”

Getúlio, no entanto, ao longo de todas as suas anotações, queixa-se de solidão: de vésperas de natais em que passou sozinho, da mulher e dos filhos ausentes quando de suas grandes preocupações, de

80

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

semanas santas e carnavais em que se viu só, jogando dominó com serviçais do Palácio, ou indo ao cinema desacompanhado, recolhendo-se cedo quando havia festas na residência governamental. Suas fugas estavam no jogo de golfe. E nos “passeios”, através dos quais se percebe a fome de carinho, de amor ainda que expressa em simples sexualidade de um homem que, apesar de seu cargo e de seus poderes, admitia “pagar” para receber carinho. Foi, numa contínua e crescente solidão, que Getúlio Vargas acabou, finalmente, apaixonando-se. Tinha 57 anos de idade. Ele havia encontrado a “bem amada”.

Reservado, discreto, Getúlio manteve em segredo o nome da mulher pela qual se apaixonou. Falava-se, àquela época, que ele tivera como amantes a atriz do teatro rebolado, Virgínia Lane, e também a famosa Ana Nery. Parece, no entanto, não mais haver dúvidas de que a mulher pela qual se apaixonou foi Aimée Simões Lopes, nascida Sotto Mayor, casada com Luiz Simões Lopes, homem de confiança de Getúlio, responsável pela reforma da administração pública e, depois, pela criação da Fundação Getúlio Vargas. Getúlio mantém em segredo o nome da sua grande paixão, mas, antes de assumi-la, faz — contrariando o seu estilo, de evitar referências a nomes de mulheres — como que uma revelação do despertar desse amor. Foi nas anotações dos dias 10 e 11 de abril de 1936, página 496, Volume I: “Na tarde do primeiro dia, fui no auto do Luís — acompanhado de um ajudante de ordens e das duas irmãs, Aineé e Vera, duas alegres e inteligentes companheiras — a primeira, senhora do Luís passear, no sítio do Salgado. Ali, fizemos um longo passeio a cavalo, regressando à tarde.”

Passa-se exatamente um ano desse registro. Getúlio Vargas estava só, dona Darcy e as filhas passeando pela Europa. Então, o grande amor, ao que parece, consumou-se. No dia 17 de abril de 1937, página 35, Volume II: “Uma ocorrência sentimental de transbordante surpresa e alegria.”

O homem sereno, equilibrado, frio, como que se vai transformando. Registra, nos dias 25 e 27 de julho de 1937, página 61, Volume II: “Renova-se a aventura, beirando um risco de vida, que vale a pena corrê-lo.”

A mulher por quem se apaixonou passa, então, a ser, em suas anotações, “a bem amada” e alguém lembrou que o nome Aimée, francês, significa exatamente isso: amada. E Getúlio Vargas, em seu diário íntimo, vai revelando impaciências, irritações, enfados diante das intrigas palacianas, das rasteirices políticas, inquieto, aqueles sintomas de um homem apaixonado que parecem não poupar nem mesmo os todopoderosos. Ele vive “dias amargos e de inquietação na vida particular” (28 e 30 de agosto de 1937, página 67, Volume II). Essa amargura parece, porém, ser apenas desfeita quando ele se encontra com o seu amor. Anotou, no dias 13 e 15 de outubro: “Fui ao encontro de uma criatura que, de tempos a esta parte, está sendo todo o encanto de minha vida.”

Getúlio, Vargas parece renovar-se, rejuvenescer. Seus encontros com a “bem amada” tornam-se incessantes, na *garçonnière* que parece ter instalado para ser o “ninho do nosso amor”. E, quando o casal apaixonado não se encontra, falam-se por telefone, assumindo riscos, dando margem a comentários, a maiores crises de ciúmes de dona Darcy. Em março de 1938, o Ditador mostra-se inteiramente dominado pela paixão, como que perdendo o seu decantado equilíbrio

81

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

emocional. Ele estava em Poços de Caldas, com a família. A “bem amada” se encontrava entre os amigos que se hospedavam na estância com os Vargas. Getúlio registra, angustiado, nos dias 26 e 27 daquele mês: “Estou inquieto e perturbado com a presença daquela que me despertou um sentimento mais forte do que eu poderia esperar. O local, a vigilância, as tentações que a rodeiam e assediam não permitem falar-lhe, esclarecer situações equívocas e perturbadoras. Amanhã, talvez, um passo arriscado ou uma decepção. O caminho se bifurca — posso ser forçado a uma atitude inconveniente .”

Desesperado de amor, louco para ter a “bem amada” nos braços, Getúlio marca um *rendez-vous*, local previamente combinado. Levanta-se cedo, no dia 30 de março de 1938 e...: “O encontro deu-se em plena floresta, à margem de uma estrada. Para que um homem de minha idade e da minha posição corresse esse risco, seria preciso que um sentimento muito forte o impelisse. E assim aconteceu. Tudo correu bem. Regressei feliz e satisfeito, sentindo que ela valia esse risco e até maiores. (...) À noite, fui ao jantar que me ofereceu o prefeito, no cassino.(...) Ela lá estava, sem contestação, a mais bela de todas.”

A face humana da esfinge vai-se revelando, ainda que entre reticências e em véus. Finalmente, o homem frio e calculista deixa exposto o coração, como que esquecido do fatalismo a que se entregou por toda a vida, aparentemente “humanizado”. Mas a “bem amada” de Getúlio Vargas acaba deixando-o, transferindo-se para o Exterior. Ele, secamente, registra a partida, o final do amor, no dia 30 de maio de 1938, página 136, Volume II. E, então, a esfinge volta a revelar a sua face impassível, enigmática, pragmática. Pois, apenas 10 dias depois de ter sofrido o grande golpe da ausência, lá estava, ressurgido, o Getúlio Vargas promiscuo. Ele anota, no dia 9 de junho de 1938, página 139, Volume II: “Após as audiências, retiro-me e vou a uma visita galante. Saio um tanto decepcionado. Não tem o encanto das anteriores. Foi-se o meu amor, e nada se lhe pode aproximar.”

Um homem amoral? Um moralista promiscuo? Ou um fatalista, dissimulador? No dia 11 de setembro de 1939, Getúlio ainda sofre de saudade e de amor. Registra, como que explicando-se: “Dois acidentes desagradáveis perturbam a minha saúde, além da velha moléstia crônica que progride, acrescida de agudos motivos sentimentais. Mas tudo isso é comigo e, se escrevo aqui, não falo a ninguém.”

Realmente, Getúlio Vargas não quer explicar-se, quer ser interpretado. Em seu Diário, se ele escreve o que não fala a ninguém, quem, enfim, foi esse homem? É, ainda, uma história de silêncios. Que, no entanto, parecem eloqüentes.

“ELE FALA SEM DIZER NADA”

Érico Veríssimo, o magistral escritor e pensador brasileiro, define a personalidade de Getúlio Vargas no livro *Arquipélago*, pela voz de uma de suas personagens, na narrativa da heróica saga gaúcha. O texto, por magistral, foi adotado pelo *brazilianist* norte-americano, John B.F. Dulles. Veríssimo, por princípio e ideologia, era pertinaz mas lúcido crítico de Getúlio Vargas. Portanto, insuspeito para, criticamente, analisar a personalidade e a importância do Ditador. Naquele livro, a personagem de Érico Veríssimo opina sobre Getúlio Vargas.

82

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Diz: "Tudo nele é mediano, medíocre. Jamais teve o pitoresco dum Flores da Cunha, o brilho dum Osvaldo Aranha, a eloquência dum João Neves. Não se lhe conhece nenhum gesto desprendido, nenhum impulso apaixonado. É um homem frio, reservado, cauteloso, impessoal. Seu estilo literário é vago e incharacterístico. Seu físico não impressiona. Mas, escuta. Escutem todos vocês. Antes de mais nada, o biógrafo de Getúlio Vargas terá de levar em conta certos traços do seu caráter que o tornam figura singular neste país, dando-lhe vantagens muito grandes sobre outros políticos. É um homem calmo numa terra de esquentados. Um prudente, numa terra de imprudentes. Um sóbrio, numa terra de esbanjadores. Um silencioso, numa terra de papagaios. Domina seus impulsos (...), controla sua fantasia (...). Getúlio Vargas é o mestre da arte de escrever e falar sem dizer nada."

No Diário, de Getúlio, parece-me estar nisso o grande segredo: ele "fala sem dizer nada". Mas diz, não dizendo. Logo no primeiro dia de suas anotações — 3 de outubro de 1930, exatamente o dia em que eclodiu o movimento que derrubou a República Velha, levando Getúlio Vargas ao Poder — ele anota a revisão do manifesto revolucionário que iria tornar-se famoso. A revolução estava nas ruas, marcada para eclodir às 17hs15 daquele dia. O historiador Hélio Silva registrou: "Às quatorze horas, os colégios dispensaram os seus alunos (...) Havia boatos de insurreições, e ocupações dos próprios federais. Depois, era a residência do Chefe do Estado Maior, coronel Firmo Freire, invadida em sua busca." Os rebeldes gaúchos mobilizavam-se.

Mas Getúlio registra em suas anotações daquele dia: "Às 11 e meia revi o artigo d'A Federação sobre a mensagem. Feita a toilette, almocei tranqüilamente com a minha família e fui depois jogar uma partida de ping-pong com a minha mulher, como costume fazer todos os dias a essa hora."

O homem frio "que domina seus impulsos (...), que controla sua fantasia" deixa registrado, minutos antes do início da Revolução de 1930, seu senso fatalista, a convicção pragmática, própria dos "positivistas", a consciência do "dever de chefe". Getúlio escreve, consciente de ter dado o cheque-mate naquele longo jogo de xadrez: "Quatro e meia. Aproxima-se a hora. Examino-me e sinto-me com o espírito tranqüilo de quem joga um lance decisivo porque não encontrou outra saída para o seu estado. A minha sorte não me interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide o destino da coletividade. (...) Não terei depois uma grande decepção? Como se torna revolucionário um governo cuja função é manter a ordem?"

Ao longo de doze anos de anotações pessoais em seu diário, Getúlio Vargas revela esse apego à ordem, à autoridade, ainda que os seus meios sejam personalíssimos. Como diz sua filha Alzira no livro *Getúlio Vargas, meu pai*, ao lembrar-se dele: "era fundamentalmente gaúcho, um homem só". Trata-se, mais uma vez, na realidade, da formação humana e política de Getúlio Vargas, calcada no Positivismo de Auguste Comte, que, entre os gaúchos, teve a interpretação nacionalista de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros. Getúlio faz-se positivista à sua maneira, querendo estabelecer a sua própria ordem para criar a Ordem do Estado. A pergunta que ele se faz, no dia da Revolução de 3 de outubro de 1930, parece definir, nos silêncios da resposta, a sua angústia: "como se torna revolucionário um governo

83

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

cuja função é manter a ordem?” Foi a balança em que ele tentou se equilibrar. Conseguindo-o por tantos e tantos anos.

Para os positivistas, o direito nasce de uma ordem jurídica, não há que se falar em direito natural. Em seu *Diário*, Getúlio Vargas revela essa sua origem espiritual e moral, seu berço político, útero a partir do qual gerou um Estado, um País, a pretensão de também gerar um povo. Getúlio Vargas como pessoa e político nasce e vive e morre dessa visão fatalista do Positivismo brasileiro e, especialmente, gaúcho, racional e bicéfalo. É um estigma. Alguns dos principais líderes republicanos brasileiros foram positivistas, “comtianos”. Mas, no Rio Grande do Sul, o Positivismo ganhou foros delirantes, de verdade absoluta, fatalística. Getúlio é esse fatalista.

ÍNTIMO DA MORTE, UM RELIGIOSO CONFUSO FATALISTA E “HAMLETIANO”, GETÚLIO VARGAS REGISTRA NA SUA CARTA-TESTAMENTO QUE SE ENTREGAVA À MORTE PARA FINALMENTE CONSEGUIR A VIDA

Durante muito tempo, Getúlio Vargas — talvez pela influência dos positivistas que lhe marcariam a origem — foi tido como ateu. O seu suicídio, aos olhos de cristãos e espiritualistas, como que confirmou a convicção de seu materialismo. Não é isso, porém, que está em suas anotações íntimas, nas quais Getúlio Vargas se revela um homem religioso à sua maneira, invocando freqüentemente o nome de Deus, explicando por que não se havia casado na Igreja com dona Darey, mas de uma religiosidade cética, sem esperanças. Revela-se um homem íntimo da morte, como se a procurasse ou a desejasse, pelo menos como último refúgio, um último gesto, como veio a acontecer.

Há autores que, ainda hoje, questionam a autenticidade da carta-testamento de Vargas. O *brazilinist* Thomas Skidmore é, pelo menos, cauteloso sobre a questão. Havia, porém, em Getúlio Vargas como que um fascínio pela morte. Está lá, no primeiro dia de suas anotações pessoais, 3 de outubro de 1930, primeiro dia da revolução que o levou ao poder, à página 5, Volume I: “E se perdermos? Eu serei depois apontado como o responsável, por despeito, por ambição, quem sabe? Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso”.

Algum tempo depois — dia 20 de novembro de 1930 — quando já vitorioso e empossado no governo, Getúlio escreve para si mesmo, página 27, Volume I: “Quantas vezes desejei a morte, como solução de vida. E, afinal, depois de humilhar-me e suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução. eu, o mais pacífico dos homens, decidido a morrer. E venci, vencemos todos, triunfou a Revolução.”

E encerra as anotações daquele dia, filosofando: “Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão!”

É, nessas anotações, uma das poucas vezes em que Getúlio Vargas usa a exclamação. As suas reflexões, no entanto, sobre o destino e “alguém que o guie pela mão” foram observadas, agudamente, pelo professor Cândido Motta Filho, em seu livro de memórias, *Contagem Regressiva*. O notável intelectual brasileiro — reconhecida e tra-

84

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

dicionalmente antipático a Vargas e ao Getulismo — anotou em suas memórias um episódio altamente definidor dessa espiritualidade difusa do Ditador, e, também, de sua como que vocação para a morte como última saída. Conta, Cândido Motta Filho, que, num encontro com Getúlio Vargas, viu-o emocionado, com voz trêmula. Foi pouco tempo depois da morte do filho Getulinho, vitimado pela poliomielite, em São Paulo. Vargas deu, ao escritor, lápis e um bloco de papel para que anotasse o que tinha a dizer. Disse: “Nunca pensei que um filho meu morresse antes de mim!”. E, diante da perplexidade do escritor, completou: “Enfim, foi o Destino. Teria sido o Destino, ou Deus? Às vezes, penso que Deus é uma forma ardilosa de o Destino ser compreendido.”

E, numa última vez em que se encontrou com Getúlio, Cândido Motta Filho conta que ouviu carrancudo, tirando a cinta e o revólver, dizendo-lhe sem mais porquê: “Os meus inimigos nunca me pegarão!”

A análise de Cândido Motta Filho é instigante, especialmente depois de ler o *Diário* de Getúlio Vargas. Concluiu o escritor: “Meditando sobre o que ele disse, após o seu suicídio, percebi que ele procurou, acima de tudo, resguardar-se para ser, como chefe de Estado, um homem assassinado! (...) lá findar-se como um chefe de Estado assassinado. O suicídio fora um disfarce...”

A personalidade trágica de Getúlio Vargas vai no *Diário*, assumindo, ano após ano, os seus verdadeiros contornos. A grande esfinge era absolutamente humana, alguém em contínuo processo de transformação, ainda que ele não o revelasse. Nos seus imensos silêncios, Vargas acaba, enfim, fazendo uma revelação que parece ter-lhe custado muito. Foi entre os dias 11 e 14 de dezembro de 1934, página 343, volume I. Escreve o todo-poderoso chefe do Estado Novo: “Estes dias foram pontuados de fatos interessantes. No primeiro, casei-me... religiosamente. Não o havia feito ainda, por ausência eventual do padre na época do casamento civil, e também por um caso de consciência. Fi-lo agora para atender minha mulher, e também por um caso de consciência... transformação lógica do pensamento. (...) O casamento realizou-se em segredo, com conhecimento de poucas pessoas.”

A religiosidade de Getúlio Vargas foi, durante muito tempo, preocupação e curiosidade, tanto de seus adeptos, quanto de seus adversários, um estigma. Ele sabia disso. Talvez mais pacificado consigo mesmo, Getúlio como que prestaria contas de uma penitência que o acompanhava: o nome de um de seus filhos, Lutero. Supunha-se que, por dar o nome de Lutero ao filho, ele teria, pelo menos, alguma tendência ao protestantismo, permanecendo hermético em sua confissão religiosa. No dia do aniversário de Lutero, 24 de fevereiro de 1936, Getúlio revela: “(...) É o filho mais velho que completa 24 anos! Seu nome, que é meu tributo de admiração por Carlyle, tem dado lugar a muitos equívocos, entre eles o de minha filiação ao protestantismo.”

Essa mesma revelação — talvez em forma de desabafo, mas significativa para entender a alma religiosa de Getúlio Vargas — ele também deu ao professor Cândido Motta Filho, que a cita em suas memórias: “Dizem, por exemplo, que batizei meu filho mais velho com o nome de Lutero porque neste tempo eu era protestante. Nunca fui protestante. Os meus contactos com o positivismo até me aproximaram da Igreja Católica (...) bem moço ainda, tinha lido *Os Heróis*, de Carlyle, (...) lá encontrei a afirmativa de que Lutero fora o primeiro republica-

85

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

no do mundo moderno. Eu, ardoroso republicano (...) achei que meu filho podia ter um nome que era emblema de liberdade...”

O ano de 1937, pelas revelações de Vargas, foi o mais venturoso de sua vida pessoal, ano em que ele viveu uma grande paixão. E, no entanto, a morte estava presente até mesmo em suas relações amorosas e sentimentais. No dia 29 de abril — página 39, volume II — ele vê o lado sombrio da paixão, ainda que iluminado por ela. Registra o encontro longamente desejado: “Um homem, no declínio da vida, sente-se, num acontecimento destes, como apanhado por um raio de sol, despertando energias novas e uma confiança maior para enfrentar o que está por vir. Será que o destino, pela mão de Deus, não me reservará um castigo pela ventura deste dia?”

O Ditador acaba acentuando sua personalidade “hamletiana”, feita de dúvidas, de conflitos. Ele escreve, no dia 9 de julho daquele ano, à página 59, volume II, na sua intimidade com a morte, com o fim com o qual convivia: “Um acontecimento infeliz perturbou toda uma luminosa aventura que seria, talvez, uma consoladora despedida da existência.”

Até o final do seu *Diário*, Getúlio Vargas confessa dores e vazios sentimentais, um homem amargo, solitário, insatisfeito. E são de amargor as últimas linhas de suas anotações, no dia 27 de setembro de 1942, após tê-lo interrompido durante alguns meses, em virtude de acidente que sofreu na Praia do Flamengo: “Aqui chegando, tracei rapidamente estas linhas, dando por encerradas as anotações. Para que continuá-las após tão longa interrupção? A revolta, o sofrimento também mudou muita coisa dentro de mim!”

Mais uma vez a influência de Júlio de Castilhos, como se fosse um fantasma, domina a vida de Getúlio Vargas, que, finalmente, se entrega à morte, algo fatalístico, determinista. Na carta-testamento, que marca o seu suicídio, dramática, passional, Getúlio fala em entregar-se à morte para conseguir a vida. Mas está lá, a filosofia de Júlio de Castilhos, marcando como ferro em brasa, quando Castilhos anuncia como uma fatalidade da qual eles todos não escaparão: “A progressão social repousa essencialmente sobre a morte. Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.”

Teria Getúlio realmente acreditado nisto? Sim ou não, o fato é que, em sua carta-testamento, ele, matando-se, acreditou que, morto, iria governar os vivos.

86

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

FONTES

- ARIÉS, Phillipe, e DAUBY, Georges. *História da Vida Privada*, Volume I, Companhia das Letras, São Paulo, 1989;
- BALDESSARINI, Hugo. *Crônica de uma época, de 1850 ao atentado contra Carlos Lacerda. Getúlio Vargas e o Crime de Toneleros*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957;
- BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*, de 1930 a 1960. Volume 3, Editora Edaglit, Edições LB, 1962;
- BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*, de 1889 a 1930. Volume 2, Edições LB, 2ª Edição, São Paulo, 1962;
- CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros*. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1981.

- DULLES, John W.F. *Getúlio Vargas, Biografia Política*. Editora Renes, Rio de Janeiro, 1967;
- FIGUEIREDO, Euclides. *Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1954;
- KRIEGER, Daniel. *Desde as missões (Saudades, lutas, esperanças)* Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1976;
- MOTA, Lourenço Dantas. *A História Vivida (I)*. Edição *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2ª edição, 1981;
- MOTTA FILHO, Cândido. *Contagem regressiva. Memórias* Livraria José Olympio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, nº 150, Rio de Janeiro, 1972;
- PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*, Editora Globo, Rio de Janeiro-São Paulo-Porto Alegre, 1960;
- QUEIROZ JR, José. *222 anedotas de Getúlio Vargas, anedotário popular* Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio de Janeiro, 1955;
- SALGADO, Plínio. *O Integralismo na Vida Brasileira*. Coleção *Enciclopédia do Integralismo*, Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, sem data;
- SILVA, Hélio. *A Lei e a Revolta, 1934-1936*. Editora Três, Rio de Janeiro, 1975;
- SILVA, Hélio. *Fim da Primeira República, 1927-1930*. Editora Três, Rio de Janeiro, 1975.
- SILVA, Hélio. *O Estado Novo, 1937-1938*. Editora Três, Rio de Janeiro, 1975.
- SILVA, Hélio. *O Governo Provisório, 1931-1933*. Editora Três, Rio de Janeiro, 1975.
- SILVA, Hélio. *Segunda Guerra Mundial, 1943-1945*. Editora Três, Rio de Janeiro, 1975.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castello Branco (1930-1964)*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975;
- VARGAS, Getúlio Dornelles. *Diário*, Siciliano/FGV, 1ª Edição, São Paulo, 1995;
- VERISSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Editora Globo, São Paulo, 1971;
- VERISSIMO, Érico. *O Arquipélago*. Editora Globo, São Paulo, 1950.

87

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

PIRACICABA INDUSTRIAL

Pedro Caldari

I - Pólos Industriais

Respondendo ao que me fora perguntado por um caro amigo e companheiro de trabalho, sobre o desenvolvimento industrial de Piracicaba, mais acentuado e diversificado nas duas últimas décadas, com a vinda de novas empresas, inclusive multinacionais, e, claro, com a expansão das já existentes e de propriedade de empreendedores piracicabanos, principal força da nossa economia, evidentemente, não devemos esquecer, achei oportuno o tema tendo em vista a implementação da tão comentada hidrovia, que, se, de fato, vier a se concretizar, não ficando apenas no papel, trará para toda a região um surto de progresso significativo, se não ainda maior do que o ocorrido no passado recente.

O Pólo Industrial Norte, e não o Unileste, deveria ter acontecido exatamente onde hoje se situam as empresas Codistil e Dedini, no Capim Fino e Cruz Caiada, à beira da estrada que nos liga a Rio Claro. A excelência do terreno, praticamente plano e de enorme proporção (ocupado pela cultura da cana-de-açúcar, estava e continua hoje disponível), oferecia as condições ideais para a realização do projeto e tanto é verdade que as duas citadas firmas lá se instalaram privilegiadamente (no sentido estratégico e não no de benefício fiscal ou de outra natureza). Preferiu-se, por razões que preferimos desconhecer, criar o Unileste, em área restrita, quase que estrangulada, e lá situar as novas indústrias. Mais uma vez a interferência política, negativa como sempre, mudou o rumo dos acontecimentos, inibindo a livre iniciativa.

Por falar em política, não faltaram candidatos à paternidade responsável pela abertura de novas empresas e, infelizmente, ainda hoje, são esquecidos os nomes dos verdadeiros pais que, silenciosamente,

88

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

sem nenhum proveito pessoal, estimularam a vinda de importantes nomes do cenário industrial para Piracicaba, atraídos não pela “falação” política mas sim pelas boas perspectivas que a região oferecia.

A industrialização, como é do conhecimento de todos, impulsiona o progresso urbano. Se diversificada e horizontalizada, o desenvolvimento econômico e social tende a ser mais profundo, estável e sólido, e menos susceptível às crises ou às dificuldades, salvo se decorrentes de problemas conjunturais de difícil controle, como, por exemplo, o caso da crise do petróleo, que abalou o mundo todo e também se fez sentir aqui e, para felicidade nossa, com intensidade abrandada graças ao Proálcool, cuja política não deveria nunca ser diminuída na sua importância, dado o seu real valor como combustível alternativo e, evidentemente, estratégico, mesmo depois de superada a citada crise.

A iniciativa privada é a verdadeira responsável pelo desenvolvimento das atividades econômicas de quaisquer das nações hoje consideradas ricas e democráticas, exatamente por estarem liberalizadas e por não dependerem dos setores públicos afora dos serviços considerados essenciais e próprios de governo — segurança pública, por exemplo. A privatização, no nosso entender, está se fazendo tardiamente no Brasil, e pagamos um preço alto por isso (a presente greve dos petroleiros, que desafia a Justiça e desrespeita até o Presidente da República).

Todas as companhias estatais que passaram a ser administradas por empresários particulares, seus novos proprietários, voltaram a dar lucro, além de produzirem melhor e a custos menores. Incontestável o acerto da medida que, como dissemos, é tardia, mas válida.

II - Cana-de-Açúcar

A cana-de-açúcar alavancou o progresso de Piracicaba e da região, sem dúvida, constituindo por largo período o seu principal produto, dando assim condições propícias para o nascimento de um parque industrial fabricante não só de açúcar, álcool e aguardente, de transformação da matéria-prima agrícola, mas, inclusive, de máquinas e equipamentos específicos para usinas e destilarias, suprimindo com sucesso o mercado nacional e, posteriormente, também exportando para outros países, competindo em pé de igualdade com tradicionais marcas do setor.

Terras boas, clima adequado, gente trabalhadora sacudida tanto na lavoura como nas fábricas, mais as condições favoráveis de um mercado promissor, abriram excelentes oportunidades para a agricultura, a indústria e o comércio na região. E Piracicaba se desenvolveu a passos largos, econômica e culturalmente, vindo a ser considerada um município rico e culto, e obviamente, um dos maiores produtores de açúcar do mundo.

Com as instalações da indústria automobilística e dos pólos químicos e petroquímicos no País, ingressaríamos finalmente na era da industrialização e, conseqüentemente, no processo de desenvolvimento tecnológico e econômico, deixando de lado aquela antiga e conhecida condição de “essencialmente agrícola”, para, com justiça, participarmos dos benefícios oferecidos pela modernidade. Baixa renda, para o trabalhador assalariado, tem o sabor de miséria e fome, tão-somente. A agricultura, de um modo geral, não remunera satisfatoriamente a mão-de-obra que emprega, não porque assim deseje, mas por não ser tam-

89

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV-1997
Número 4

bém paga como deveria. Já a indústria, quando estruturada, oferece melhores salários e uma série de outros benefícios sociais significativos.

Ao deixar de ser mero produtor primário e pequeno transformador, devido a sua incipiente atividade industrial, o País ganha nova feição, ou seja, começa a sentir os reflexos da riqueza gerada pela indústria que, a demandar o mercado, provoca melhorias sensíveis nas áreas antes pobres pela precariedade de suas explorações.

Piracicaba estava na rota do progresso industrial graças ao seu parque já contar com um bom número de metalúrgicas, de oficinas mecânicas, de fundições de ferro, aço e outros metais, de uma siderúrgica de porte, além das próprias usinas e destilarias atrás mencionadas, e, importante, escolas técnicas, formadoras de operários especializados, e uma faculdade internacionalmente renomada no campo da Engenharia Agrícola. Tinha ingredientes para também fazer seu bolo de acordo com as oportunidades que lhe eram abertas pela nova fase de desenvolvimento, sem desprezar, entretanto, o espírito empreendedor do seu empresariado nativo.

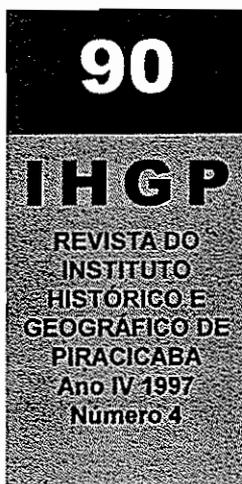
Sentindo-se preparada para adentrar na era da industrialização brasileira, a nossa cidade se movimentou... Líderes empresariais e políticos, mais aqueles do que estes, se interessaram pelo tema, certos de que, se se empenhassem com objetividade e determinação, o parque industrial de Piracicaba ganharia outra configuração, ou seja, um perfil mais refinado pela qualidade e pela diversidade de sua produção.

III - Valorização da Terra

Piracicaba estivera ao longo de sua existência de 230 anos, sob diferentes administrações municipais, desempenhadas de acordo com as circunstâncias imperativas de cada época e de cada linha filosófica seguida por esses homens públicos ocupantes do importante cargo diretivo.

Analisá-las individualmente, através do cotejo dos atos praticados na condução dos assuntos administrativos e políticos, seria uma tarefa extenuante, e bem provável, de interesse apenas histórico, nada útil para o balisamento do presente e futuro desenvolvimento da cidade, em função das grandes transformações havidas nesse período de tempo.

Cada época assinala um ou vários fatos importantes para a vida da cidade, principalmente quando relacionados às atividades econômicas não momentâneas, isto é, não provenientes de meras especulações oportunistas, passageiras e supérfluas, que beneficiam só aqueles que delas tiram proveito pessoal. Ou então, por serem frágeis, desordenadas, imaturas ou impensadas, sucumbem em curtíssimo tempo e logo são esquecidas. Na agricultura, não foi o caso do café, que entrou em colapso coincidentemente com a ocorrência da grande crise de 1929, quando a economia mundial fora à bancarrota quase que total, revertendo fabulosas riquezas em puras cinzas, que, no Brasil, literalmente, acontecera com a necessidade de queimar os estoques de café em grão para não serem ainda maiores os prejuízos. Com isso, os cafeicultores se acharam na desgraça e sem outra alternativa senão erradicar as suas culturas tradicionais e substituí-las por outras menos afetadas pela depressão econômica. Assim, a cana-de-açúcar, já cultivada nas terras



piracicabanas, intensificar-se-ia, ocupando o lugar dado aos cafezais e, gradativamente, com a ampliação das existentes e instalação de novas usinas, transformaria o município em um inenso canavial.

A imigração italiana influiria positivamente nesse processo de substituição de culturas agrícolas. A vinda dos italianos para Piracicaba, primeiramente para suprir a falta da mão-de-obra escrava, devido à libertação do negro, cujo regime, infame, o Brasil foi o último país a aboli-lo oficial e definitivamente, e depois, através dos anos, com a fixação de suas raízes, consistir-se em valiosa força de trabalho e de progresso social. Água Santa, distrito rural de Piracicaba, seria berço de gerações de grandes usineiros, capitães de verdadeiros impérios agroindustriais, proprietários de uma imensidão das melhores terras paulistas e paranaenses, irradiando o desenvolvimento gerado pela integração das atividades agrícolas e industriais que, por serem bem harmonizadas tecnicamente, e bem conduzidas administrativamente, valorizaria a terra, o trabalho do homem do campo e da indústria, e seria fonte perene de riqueza.

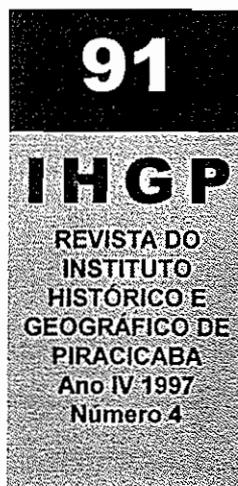
Ao estudarmos o processo de industrialização piracicabano, seríamos injustos se não destacássemos o importante papel da cana-de-açúcar na base de sustentação da vida econômica do município e região.

IV - Transição Recente

A ocupação do solo, a criação de povoados, a exploração da terra, a expansão das fronteiras das áreas colonizáveis, o crescimento das vilas e das cidades, sempre tiveram, como sempre terão, razões econômicas, na maioria cíclicas, como os ciclos do pau-brasil, do açúcar, do cacau, do café, da borracha, do ouro e das pedras preciosas, até chegar-se à industrialização, e mesmo assim, por se tratar de alimentos ou de produtos minerais estratégicos ou de permanente uso consagrado, como o ferro e o cobre, essas atividades extrativas e de cultivo bastante conhecidas vão e voltam na ordem de importância para a economia, de acordo com os interesses conjunturais. Alimentos, por exemplo, jamais poderão ser deixados de produzir, para a vida animal, inclusive do homem, este bicho danado que consome mais do que produz.

As atividades agrícolas, pecuárias e de pesca, minerais extrativas, tipificam economias primárias, próprias de países subdesenvolvidos, e por isso mesmo, pobres se situarem só nesse estágio sem evoluírem para os superiores níveis secundário e terciário, industrial e serviços, respectivamente.

A industrialização é, portanto, fator indispensável para alcançar o desenvolvimento econômico e social, e o setor de serviços, deve necessariamente seguir e até anteceder em várias ocasiões os passos dessa segunda fase produtiva. Enquanto só se lava e se cava a terra, ou se tange o gado nas pastagens, a única coisa provável que o homem adquire é calo, nas mãos e na mente, permanecendo na estagnação sócio-cultural própria dos primatas, exagerando-a, é claro, para ressaltar nossa afirmativa a favor da indústria. Vamos um pouco mais adiante: o lavrador dá um duro danado pra colher a sua safrinha, curtindo sol, chuva, vento, calor e frio, e, na hora de vendê-la, mal consegue apurar o que dispendera no cultivo, principalmente aqui no Brasil. Em outros países, mais civilizados, a situação poderá ser um pouquinho diferen-



te, todavia, em comparação com o seu colega que "industrializa" o seu produto, vizinho seu, haverá sempre uma tremenda disparidade de renda.

Transpondo o exemplo à dimensão nacional, fica-nos fácil compreender a necessidade de acelerar o processo da industrialização, associando-a à modernidade, pois isto é importante e fundamental em termos de tecnologias e de ramos de atividades economicamente rentáveis: industrializar simplesmente por industrializar, sem organização, técnica, equipamentos eficientes, mão-de-obra treinada, estrutura mercadológica, política de comércio, etc., o esforço será efêmero.

Tanto é verdade, que, nos países ricos e desenvolvidos, fábricas inteiras são desativadas e transferidas para fora de suas fronteiras territoriais, afastando de si os problemas de poluição juntamente com os prejuízos decorrentes da utilização de mão-de-obra cara e que, por ser esclarecida, sindicalizada e habituada ao conforto de Primeiro Mundo, é exigente, além de não se submeter a certas condições de trabalho.

Nos últimos cinquenta anos, tempo relativamente curto para se processarem sensíveis transformações econômicas nacionais e, através delas, alcançar a significativa evolução social, finalmente, podemos dizer, o Brasil ingressou na era da industrialização global, indo além da absorção de técnicas, processos e equipamentos obsoletos, para, gradativamente, incorporar complexos industriais sofisticados bem próximos dos concorrentes internacionais similares, embora com a desvantagem da falta de tradição e de recursos — capitais de risco, fontes de energia baratas, infra-estrutura e domínio de técnicas de mercado.

Piracicaba, como parte do todo brasileiro, sentiria o sabor agradável dos bons ventos que lhe tocareiam o território industrial incipiente...

V - Poluição Ambiental

O combate à poluição do meio ambiente é um capítulo da história contemporânea mundial, que atingiu intensidade e vigor por força da necessidade de preservar os recursos naturais já escassos em boa parte do mundo civilizado e, infelizmente, também nas demais áreas ainda não exploradas e pela insaciável fome da sociedade capitalista que a tudo desdenha a fim de acumular e de multiplicar riquezas materiais. Ninguém se preocuparia hoje com a derrubada de uma árvore ou com a poluição de um rio se tanto a árvore como a água não estivesse na lista dos bens essenciais à vida humana ameaçados de total escassez.

Na nossa pacata e provinciana cidade de Piracicaba, até bem pouco tempo, o assunto não entrava nas conversas entre amigos e muito menos era objeto de artigos jornalísticos frequentes, limitando-se à área acadêmica, isto porque, como se sabe, tínhamos a felicidade de sediar a mais importante faculdade de Engenharia Agrônoma da América Latina, a gloriosa Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, assim denominada em honra ao seu grande benemérito. Contando com brilhantes cientistas e incansáveis pesquisadores, essa faculdade ofereceria (e continua oferecendo) valiosas contribuições às atividades agrícolas e industriais e, por consequência óbvia, à preservação do meio ambiente. Afinal, na sua condição de centro científico, desenvolveria metodologias que melhor adequassem o uso e o aproveitamento do solo sem agredir a vida humana e a vida animal.

92

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Pois bem, há quase cinco décadas, o saudoso professor Jaime Rocha de Almeida, cujo nome se perpetua na identificação do Instituto Zimotécnico da acima citada faculdade, defendia uma das suas inúmeras teses acadêmicas comprovadamente testadas e aprovadas através de experimentos realizados nas terras da Escola e das usinas açucareiras locais, sobre a utilização econômica da vinhaça (vinhoto de usinas de açúcar e de destilarias de álcool e aguardente) na irrigação das lavouras, como um efluente industrial rico em propriedades minerais fertilizadoras do solo, com a superior vantagem de deixar de ser um agente poluidor dos mananciais d'água para se transformar em nova fonte de renda adicional para o agricultor.

Diz-se que do boi só não se aproveita o berro... da cana-de-açúcar, não se perde nem o berro, isto é, absolutamente nada é perdido na sua vertical exploração. Uma gama enorme de produtos é extraída economicamente, chegando-se ao cúmulo de afirmar que atualmente o açúcar fora desbancado nessa nova ordem de valores específicos em função da aplicabilidade, utilidade e importância dos demais derivados. A vinhaça, outrora considerada tão nociva quanto inconveniente, é bombeada e aspergida nos campos com excelente resultado, não pairando dúvida alguma sobre as suas qualidades como fertilizante líquido. O mérito, indiscutivelmente, deve ser creditado ao ilustre mestre, a quem se devem, também, os avanços na tecnologia dos álcoois, em especial no tocante à fermentação dos mostos (matérias líquidas fermentescíveis em geral).

A influência francesa na indústria sucroalcooleira piracicabana foi significativa, dada a capacitação técnica dos homens enviados para cá a fim de administrar as várias usinas de propriedade da Société des Sucrieries Brésiliennes, sucessora do pioneiro Barão de Rezende. Engenheiros e técnicos, formados pelas melhores escolas do velho mundo, fixaram raízes na cidade, abdicando até de suas cidadanias de origem. Confirmava-se a crença popular de que, "uma vez bebido da água do Piracicaba, daqui ninguém se vai..."

Somos, portanto, velhos participantes da campanha de combate à poluição ambiental, pelo menos no setor industrial. O movimento é agora no sentido mais amplo e profundo, evidentemente, diante dos alertas emitidos pelas organizações mundiais e da própria conscientização da sociedade dos males que ela representa se não for logo eontida e gradativamente debelada.

O conceito empresarial está se adaptando às novas exigências ambientais preservacionistas, admitindo-as como justas e oportunas para o bem da humanidade.

A partir dessa premissa básica, o empresariado pensa seriamente antes de se decidir por esta ou aquela tecnologia, por este ou aquele local de instalação de sua nova fábrica ou da ampliação da existente, ponderando os meios e os fins dentro de um contexto de impacto ambiental global, ou seja, da convivência, cotidiana, da sua empresa para com o restante da comunidade.

As indústrias, hoje, são submetidas às fiscalizações mais rigorosas e criteriosas nas suas avaliações técnicas ambientais. Além desses órgãos disciplinadores, as instituições sindicais também cuidam de medidas que visam a assegurar a integridade física e psíquica de seus associados, não se satisfazendo simplesmente com o pagamento

93

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

pecuniário de um adicional de insalubridade ou de periculosidade, penalidade imposta por lei específica com o objetivo de coibir o trabalho em locais inadequados ou inseguros. Os projetos novos, por conseguinte, reservam boa parte do investimento total para o atendimento das exigências de preservação do meio ambiente e de segurança pessoal.

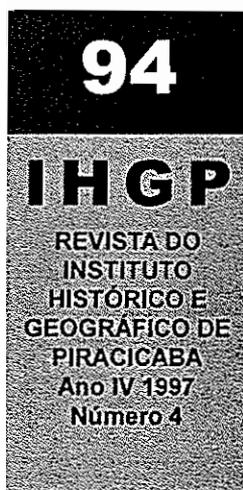
VI - Ressalvando o Óbvio

A série de artigos que iniciamos, versada no empolgante tema "Piracicaba Industrial", é, antes de mais nada, um simples exercício desprezencioso, pela superficialidade das considerações nela contidas, feito como objetivo primário de apenas alinhar sob um único título o conjunto de atividades econômicas que resultariam no desenvolvimento de Piracicaba e região e, com o decorrer do tempo, em importante pólo industrial do País.

Em doses homeopáticas, desordenadas e sem o rigor do tratamento histórico, mas com a preocupação de também não se perder o conteúdo retrospectivo de um processo de transformação que realmente ocorrera no município. Para o nosso intento inicial, a retórica é suficiente; para o historiador, o cotejo dos dados e a ordenação cronológica dos fatos, importantes para o estudioso e para estabelecer vínculos reais, por certo haverá à sua disposição farta documentação para ser consultada.

Dentro dessa linha de trabalho, poupamos o leitor da leitura de estatísticas e da memorização de datas, ambas enfadonhas quando se busca tão-somente pincelar a nossa cultura com algum conhecimento geral sobre a evolução sócioeconômica piracicabana. Para tanto, e para assinalar os feitos provincianos, alguns nomes de pessoas e de empresas serão citados, bem como de algumas instituições, sem entretanto, limitar ou esgotar o relato a inúmeros outros nomes de relevada importância.

O Comendador Luciano Guidotti, empresário bem sucedido no seu ramo de negócios, ocupara o cargo de Prefeito Municipal, não como político militante, mas sim como líder empresarial, pouco afeito a discursos e confabulações de bastidores, não dando a mínima importância ao populismo, assim como não se importando com o linguajar, que usava com total liberdade, rindo, inclusive, das piadas que lhe faziam. Homem prático, empreendedor, comandava pessoalmente a execução das obras públicas que mandava executar ao arpejo das argumentações contrárias, obedecendo naturalmente, suas intuições administrativas à larga visão adquirida na condução de seus negócios. Piracicaba, por dois séculos, sofrera a asfíxia urbana por só possuir uma ponte a unir as suas duas metades — a Cidade e a Vila Rezende. Luciano Guidotti, de uma só vez, a seu jeito e modo, construiu outras quatro sobre o rio Piracicaba, abrindo novas perspectivas para o crescimento da cidade. Da mesma maneira, arrojada, ordenou a abertura de imponentes avenidas, no centro e na periferia, mudando a fisionomia do perímetro urbano rapidamente. Durante a sua gestão o mercado imobiliário conheceria um período de efervescência, com construções horizontais e verticais em profusão; canalizou o rio Itapeva, que cortava longo trecho de privilegiada área e sobre ele construiu outra avenida de duplo sentido, cada qual com três pistas de rolamento, portanto, uma via expressa que, ainda hoje, é uma das principais responsáveis pelo escoamento de boa parte do trânsito pesado.



Piracicaba, terra dos "comendadores"... talvez pela influência italiana... perpetua a memória de consagrados filhos seus no mundo dos negócios, que aqui nasceram e viveram, e também, que viveram e morreram aqui como se filhos fossem, todos preocupados com os destinos desta terra bendita, rica e acolhedora, bela e formosa, enfeitada por suaves colinas, rio majestoso, e magnífico salto "onde o peixe pára"...

A cidade é bonita e se situa geograficamente em área de privilegiada. Beleza natural? Qual a importância disso?

Evidentemente, as duas coisas são de real importância no contexto sócio-econômico das decisões empresárias privadas, que levam em boa conta as condições peculiares de cada região — clima, solo, mananciais d'água, acidentes geográficos e demais detalhes específicos, e, claro, também o visual que a paragem oferece, além de outros fatores significativos, como disponibilidade de escolas, faculdades, moradias, hospitais e serviços assistenciais, igrejas, áreas de lazer, entretenimento e de prática desportiva, transportes coletivos, e por aí afora.

Boas administrações municipais pesaram muito na balança do desenvolvimento industrial, inegavelmente.

VII - Piracicaba, Terra dos Comendadores

Vaidade provinciana? Ignorância, pura e simples?

Nem uma nem outra, salvo raríssimas exceções. O título honorífico normalmente distingue um grupo de personalidades que se notabilizara pelos feitos comunitários, no complexo mundo dos negócios ou no admirado e louvado humanitarismo desprendido, exercido mais por virtude do que por dinheiro em demasia, ou seja, a pessoa, por ser podre de rica, pratica a caridade sem discerni-la, movida mais pelas circunstâncias até de ordem social do que propriamente pelo sentimento de solidariedade cristã.

Nossos "comendadores" aqui citados, quase todos, reuniram ambas as qualidades e virtudes, indiscutivelmente. Comendador Pedro Ometto... Água Santa, berço esplêndido de grandes empresários, moldados, fundidos e temperados na forja do trabalho duro, primeiro no campo, nas lavouras de cana-de-açúcar e de café, depois nas fábricas que criaram, conservando entretanto, de baixo das unhas das mãos calejadas, os sinais encardidos da terra roxa, símbolo de suas origens humildes. Império do açúcar e do álcool, sem igual no mundo, aglutinando as maiores e melhores usinas de propriedade de uma só família — a Ometto.

Dovílio, Orlando, João, Luiz, Hermínio, Narciso, Antônio, Jerônimo... irmãos, filhos, sobrinhos, netos e bisnetos se confundem, ou melhor, comungam o mesmo ideal do patriarca, de lavrar e amar a terra, e, como italianos sabidos, "industrializar" o seu produto. Pedro Sérgio, Nelson, Dimas, Luizinho, Agenor João Guilherme, Celso, Marinho, Gilberto, um verdadeiro clã de usineiros, manteria viva a chama do entusiasmo pelo trabalho e, assim, as usinas Dabarra, Costa Pinto, São Martinho, Santa Cruz, Iracema, Santa Bárbara, Santa Luiza, São João, São Luiz, Iracema Rio Brilhante, são unidades de grande porte que se utilizam das mais modernas técnicas para produção verticalizada da cana-de-açúcar.

95

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

* A obra citada foi editada em 1975, impressa pela Editora Atoisi.

Creemos serem oportunas, aqui, as palavras de outro saudoso “comendador”, o sempre festejado Prof. João Chiarini, retiradas do livro “Piracicaba, Noiva da Colina”, p. 282:

“Finale Maestoso

Quando se escrever a Sociologia do Açúcar, como já se fez em relação ao Nordeste Brasileiro, um nome se fixará indelevelmente, de maneira pontificante, o de Pedro Ometto — cognominado por Assis Chateaubriand — o Rei do Açúcar.

Pedro Ometto representou e forneceu a matéria-prima — a cana-de-açúcar. Mário Dedini, coadjuvado por Armando Cesare Dedini, projetaram e realizaram a maquinaria. Foi então, o binômio cana-de-açúcar — maquinaria, que começou a impulsionar Piracicaba, a partir de 1920.

São decorridos 55 anos (*), um pouquinho menos que a idade de Dovílio Ometto e, graças a este, neste último quinquênio e com a ajuda de seu corpo de colaboradores técnicos administrativos, — o complexo, ou melhor, multicomplexo GRUPO DEDINI chegou ao Japão Imperial, à República Popular da China, além das repúblicas sul e centro-americanas.

Se em Mário Dedini sempre se vislumbrou o seu arraigado italianismo, sem nunca deixar de ser vilarezendino, é preciso que a História de Piracicaba não esqueça, jamais, que Pedro Ometto era o piracicabano de Água Santa e de Costa Pinto.”

Comendadores, comendadores...

Maioria, compadres,

E, à semelhança dos padres.

Se fizeram sacerdotes

Do trabalho.

Falaremos de outros grandes comendadores a seguir à medida que venhamos citar empreendimentos e empresas que despontaram no cenário do desenvolvimento industrial o nome de Piracicaba, projetando-o internacionalmente.

Se desfrutamos hoje, no mundo dos negócios, a respeitabilidade conferida aos industriais do Primeiro Mundo, devemos-la ao trabalho insano desses incansáveis batalhadores caipiras.

VIII - Diversificação

Construir um parque industrial diversificado e consolidar uma economia também diversificada, são, evidentemente, os sonhos dourados de toda e qualquer comunidade que pensa responsavelmente no futuro, com seriedade e boa dose de perseverança. Dissemos no início desta, que o desenvolvimento industrial, aqui em Piracicaba, se acentuara nas últimas duas décadas. Bem verdade, porém, o início de todo o processo se dera muito antes e deve ser creditado a um punhado de homens tão determinados quanto capacitados, que se dispuseram a investir todos os seus haveres e até as próprias vidas na instalação de pequenas e médias indústrias na cidade.

Engenhos de açúcar batido, rústicos, foram as primeiras indústrias; a imigração européia (1864 a 1874) nos destinaria primeiro os alemães, e, depois, suíços, franceses, americanos e italianos, além dos próprios portugueses e também espanhóis; posteriormente, os povos árabes — sírios, libaneses, turcos, e, não vamos nos esquecer, japone-

96

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

ses, dar-nos-iam uma mescla de povos laboriosos, ávidos de tudo, de trabalho, de ter uma nova pátria, de progredir, de formar uma nova família ou de ampliá-la, e, claro, de amealhar alguma fortuna.

A “nova” terra — Piracicaba —, proporcionar-lhes-ia isso tudo, graças à fertilidade do solo e às oportunidades, ainda por serem exploradas.

Da obra “Piracicaba, Noiva da Colina”, extraímos alguns dados interessantes:

“Dos americanos, nasceria o Colégio Piracicabano, hoje universidade de projeção internacional, a UNIMEP. Universidade Metodista de Piracicaba, com milhares de estudantes. Com os estrangeiros, as artes liberais e o artesanato seriam desenvolvidas; na música, as bandas.

1869. A primeira rua recebia calçamento de pedra — Rua da Quitanda, hoje XV de Novembro.

1871. Iniciava-se a construção do “Theatro Santo Estevam”, lamentavelmente demolido na década de cinquenta.

1870. Mudava-se para Piracicaba a família do dr. Prudente de Moraes Barros, primeiro Presidente Civil da República, cujos restos mortais repousam no Cemitério da Saudade, como era de seu desejo, embora filho da cidade de Itu.

1872. 600 contos seriam cotizados para a vinda do ramal da Estrada de Ferro Ituana.

1872/74. Construiu-se a Ponte do Mirante, acima do salto.

1874. Luiz Vicente de Souza Queiroz lançava os alicerces da Fábrica de Tecidos Aretuzina.

1877. Chegava o primeiro trem à cidade. Nesse ano, no dia 13 de abril, a Lei nº 21 restituía à cidade o nome de Piracicaba, por iniciativa do então vereador Dr. Prudente José de Moraes Barros.

1878. D. Pedro II visita Piracicaba e navega o nosso rio, em canoa, para conhecer a sua navegabilidade, como potencial hidrovía. Hospedara-se, com a família, na casa do Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende, mais tarde Barão de Rezende.

1879. André Sachs obtinha autorização para instalar, em uma das ilhas junto à ponte do Mirante, um parque de diversões.

1881. Com capital de 400 contos, originava-se o Engenho Central, encabeçado pelo Barão de Rezende. Luiz de Queiroz instalava um estabelecimento agrícola e hortícola no final da rua 13 de Maio., seria a semente da colossal Esalq, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, cuja pedra fundamental seria lançada a 1º de abril de 1896, para não mais parar de crescer.

1882. Ainda Luiz de Queiroz, registrava a instalação do primeiro telefone particular em Piracicaba.

1889. O mesmo empreendedor homem cogita da instalação da energia elétrica no município; no ano seguinte lavrava-se o contrato para consolidar o intento.”

IX - Pioneiros e Idealistas

Homens notáveis, como acabamos de ver em breves referências ao nosso processo de desenvolvimento provinciano, tomando-se Piracicaba como exemplo, verificaremos que o progresso brasileiro deve ser creditado a esses valorosos cidadãos que mesclavam dentro de si

97

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

doses de pioneirismo e de idealismo invulgares, razão pela qual cumpre-nos ressaltar nomes como o de Luiz de Queiroz, Estevam Ribeiro de Souza Rezende, Barão de Rezende, Luciano Guidotti, Pedro Ometto, Mário Dedini, Pedro, Lino e Hélio Morganti, e tantos outros que merecem igual destaque na História de Piracicaba, como industriais, comerciantes, agricultores, cientistas, artistas e profissionais liberais.

Ao lado desses empresários, proprietários de terras e atividades liberais, ocultas pelo anonimato, há a figura do trabalhador assalariado e, também, até certo tempo, a do negro escravo, cujos suores serviram de elemento para a argamassa edificadora do nosso progresso.

Cada cidade, cada região deste nosso País, tem a sua história e algo mais para se sentir realmente orgulhosa de seu passado e, assim, assentar tradições próprias nas atividades que desenvolvem na economia, na política, na cultura e na sociedade, e também, na religiosidade.

Falar de Piracicaba e não falar o nome de Dedini é como falar de Roma sem mencionar o Papa.

Mário Dedini, pioneiro e idealista, ou vice versa. Difícil dizer-se-lhe onde não empregasse com igual ardor o espírito de verdadeiro desbravador corajoso e o devotado desejo de realizar idéias e planos úteis e necessários à sua terra e à sua gente, abrindo mão, muitas vezes, de quaisquer vantagens pecuniárias pessoais, diferindo, portanto, daqueles "capitalistas" que só pensam em si e em seus interesses particulares, escravizados que são pelo dinheiro, ou então, pela tola vaidade.

Comendador e Grande Oficial Mário Dedini, italiano de nascimento, de Lendinara, imigrante pobre e sem estudos aprimorados, mas rico em responsabilidades familiares e, felizmente, em sonhos não mirabolantes ou de ilusões próprias de aventureiros incoseqüentes, mais as qualidades de homem forte e cheio de saúde física e mental, logo se fez brasileiro e piracicabano de coração, elegendo esta nossa terra como a sua nova pátria.

Uma singela oficina de concertos de rodas de carroças, adquirida com dinheiro conseguido com muito sacrifício, seria o marco inicial de uma longa jornada de trabalho árduo, que nunca mais terminaria para esse determinado e obstinado operário do progresso industrial e social. A pequena oficina estava fadada a se tornar os alicerces de uma outra "Oficina", em letra maiúscula, a então "Oficina Dedini", compartilhada com seu irmão, Armando Cesare Dedini. Idos de 1920... uma oficina de ferraria e de carpintaria, nas mãos vigorosas dessa italianada madrugadora, cresceria e se firmaria solidamente na Vila Rezende, transformando-o no primeiro "pólo industrial" de Piracicaba e no principal distribuidor de renda da cidade pelo número de empregos que ofereceria no promissor campo metalúrgico e siderúrgico e ao dar origem às inúmeras empresas satélites, como conseqüência do sucesso da Dedini.

Atrelou-se ao açúcar., depois, à aguardente e ao álcool. Moendas, caldeiras, vácuos, cozedores, cristalizadores, filtros, esteiras rolantes, decantadores, turbinas e turbo-geradores de vapor... dornas, alambiques, destilarias contínuas... e não pararia mais. Usinas pequenas e grandes, completas, inclusive com tecnologia genuinamente da Dedini, supririam as necessidades do mercado brasileiro e estenderiam sua supremacia por toda a América Latina, superando em qualidade e em produtividade — as fornecidas pelos tradicionais fabricantes europeus, quebrando portanto, uma velha e incômoda dependência econômica.

98

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Instalou aqui, corajosamente, uma grande siderúrgica, fazendo jorrar de seus gigantescos fornos, milhares e milhares de toneladas de ferro e aço, vinte e quatro horas por dia, sem parar um dia sequer. À época da construção de Brasília, comboios de caminhões para lá rumaram, saindo das portas da Dedini; o mesmo se deu quando da construção da ponte Rio-Niterói: depois seria a vez de encher os porões dos navios...

Pioneirismo e espírito empreendedor.

A "casa mãe", Oficina Dedini, responsabilizar-se-ia pelo nascimento de novas empresas... Codistil, Mausá, Siderúrgica Dedini, Cerâmica Dedini, Dedini Transformadores, Dedini Comercial, Usina São Francisco do Quilombo, Usina São Luís, Usina Catanduva, e sociedades em bom número de outras usinas da região.

Pinceladas rápidas sobre a vida empresarial de um homem que construiu um império sem deixar-se afetar pela riqueza efêmera ou vaidades tolas, mantendo sempre vivo o seu ideal.

Piracicaba reconheceu-lhe os méritos, erigindo em praça pública um monumento em sua memória imorredoura. Pouco para quem dera muito, de si, para a sua terra e a sua gente.

Deixou herdeiros...

X - Novos Tempos

Com a entrada definitiva do Brasil na era da indústria de automóveis, fabricando-os aqui ao invés de apenas consumi-los, principalmente quanto aos caminhões, de uso intenso para o transporte do grosso da produção nacional por todo este imenso território, pode-se dizer, enfaticamente, que entrávamos de fato na era do desenvolvimento industrial global.

Com a criação da Petrobrás, apesar de ser monopólio estatal, abria-se um leque de novas oportunidades para a indústria brasileira de bens de capital, de bens duráveis e de consumo, e, também, de serviços, sem precedentes, nem mesmo em épocas de guerra ou de grave crise econômica mundial. O Brasil, ao explorar e industrializar o seu petróleo e o petróleo que importava em bruto, dava um enorme passo à frente, sem dúvida. Gradativamente, através dos anos seguintes, internar-se-ia todo um processo tecnológico e, com ele, conhecimentos tão preciosos quanto indispensáveis para impulsionar a incipiente indústria nativa.

Os pólos petroquímicos foram se formando em função das refinarias de petróleo, fontes das matérias-primas e dos insumos básicos para esse tipo de atividade produtiva, em especial para a área de fertilizantes e de defensivos agrícolas, de largo e oneroso consumo para um país como o nosso, ainda no estágio do "essencialmente agrícola".

Piracicaba, à época, contava com duas empresas com experiência na fabricação de equipamentos de cobre e de aço inoxidável — a Morlet S.A., e a Codistil, esta do grupo Dedini, e que mais tarde, absorveria a primeira acionariamente formando uma só empresa. Ambas, então, concorriam na fabricação de destilarias de aguardente e de álcool, e ambas, intercaladamente, aproveitando os períodos sazonais ou de baixa demanda, se dedicavam a produzir equipamentos sob encomenda com projetos técnicos dos próprios clientes, no caso, indústrias químicas, farmacêuticas, fertilizantes e inseticidas.

99

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Sentindo a nascente necessidade setorial, e a sua potencialidade crescente, a Codistil se decidiu a sair em busca de parceria estrangeira detentora de tecnologia para obter os projetos de que necessitava urgentemente. Ora, quando se fala em petróleo, em fertilizantes, se fala logo dos Estados Unidos... e assim se deu, efetivamente. Do aprendizado para o domínio da técnica foi apenas um passo, ou coisa de uma década. Quase todas as fábricas brasileiras de fertilizantes, completas e modernas, foram concebidas e fabricadas em Piracicaba, com a marca da Codistil.

Mesma coisa ocorreria no segmento químico, cuja complexidade, além de exigir alta responsabilidade fabril, são entraves difíceis de serem superados ou desfeitos pelos iniciantes nesse ramo de equipamentos. A vocação industrial do piracicabano, entretanto, era e é forte, não dando-se por derrotada sem antes lutar valentemente. Graças a isso, e à incorporação de novos valores externos, a indústria local conseguiu projetar-se no cenário nacional, auxiliando no processo de desenvolvimento industrial tão almejado.

No conceito moderno de empresa (para brasileiro, é claro, pois para o restante do mundo o princípio não é tão novo assim), principalmente no vasto campo da fabricação de máquinas e equipamentos para os mais variados fins — dos domésticos até os industriais — não se deve perder tempo em inventar o que já está inventado, ou seja, a "roda" é coisa velha... Parcerias, bem estudadas e melhor negociadas, alavancam quaisquer das atividades se queiram ver bem sucedidas economicamente, no mais curto espaço de tempo, fator este de suma importância à conquista de determinadas fatias do mercado e, através da técnica, ganhar também as qualificações que identificam produtos e serviços de primeira grandeza.

Uso de patentes e marcas, sob licenciamento ou pela associação, comercial ou societária, é ainda hoje boa solução. No presente momento, está na moda a tal "franquia".

XI - Bens de Capital e Bens de Consumo

Bens de consumo, incluídos os duráveis, não constituem atrativos econômicos se não forem produzidos dentro das melhores técnicas modernas e, agora mais acentuadamente enfatizados, em conformidade com os padrões internacionais, de qualidades específicas para cada fim e uso final, determinados por regulamentos e normas de rígida interpretação.

Hoje, não já se aceita o argumento "preço" como preponderante nas relações comerciais.

Produzir alimentos e insumos agrícolas e industriais, assim como produtos minerais, em escala comercial crescente, com metodologia e racionalidade, continua sendo bom negócio no mundo todo, e também aqui no Brasil, como atestam os sucessos de inúmeras cooperativas de produtores e de produtores independentes bem estruturados, pois as demandas mundiais, pelo simples crescimento vegetativo da população, também são crescentes e, ressalte-se, mais exigentes quanto à qualidade. Restrições são impostas quanto ao uso de agrotóxicos e às manipulações, acondicionamentos, transportes e armazenamentos dos produtos, principalmente com relação aos exportáveis.

100

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

Piracicaba, com 1.300 quilômetros quadrados, tem 578 ocupados pela cana-de-açúcar, e, no total, 784 quilômetros quadrados são dedicados às culturas agrícolas. São dados estatísticos de 1994, dos quais destacamos: 354 indústrias, com 18 mil empregados; 4,25 mil estabelecimentos comerciais, com 13 mil empregados; 3,29 mil empresas prestadoras de serviços, com 20 mil empregos dos mais variados tipos, do braçal ao mais sofisticado; produziu, nesse ano, 200 mil litros de leite e 20 toneladas de mel de abelha.

No ano de 1974, numa área de 4 milhões de metros quadrados, instalou-se aqui a empresa Caterpillar, para produzir toda a sua linha de máquinas pesadas, inclusive para serem exportadas.

A vinda de uma multinacional de grande porte para Piracicaba, da magnitude da maior fabricante mundial de máquinas automotivas destinadas à agricultura e às obras viárias em geral e à mineração, significou a elevação definitiva da cidade e região a pólo potencial de desenvolvimento industrial. A seu exemplo, outras viriam para cá nos anos seguintes, atraídas pelas boas condições de infra-estrutura e, também, pelas suas particularidades importantes — localização geográfica — vias e meios de comunicações, clima aprazível, paz social, etc., levadas em alta conta pelos estrategistas administrativos. A interiorização do desenvolvimento industrial, bem como o processo de relocação das empresas sediadas nas Capitais e metrópoles, seja pela pressão das normas de controle ambiental, seja pela própria necessidade de expansão das instalações industriais, evidentemente, seria a outra ponta que, associada a essas restrições, motivariam a procura das cidades interioranas para localizar os pólos industriais adequadamente.

Piracicaba, tida por muitos dos seus cidadãos como “cidade de fim de linha”, a bem da verdade, para quem encara a questão sob o prisma econômico, nunca mereceu assim ser chamada exatamente por ter sempre exercido o papel de importante região geradora de riqueza, explorando convenientemente as propriedades de seus recursos produtivos, naturais e culturais (no sentido amplo do termo), não sendo portanto, justo tal qualificativo um tanto ou quanto desprovido de conhecimento para fundamentá-lo. Talvez o emitissem pelo fato de as linhas férreas da Estrada de Ferro Sorocabana e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro “terminarem” aqui...

As então recém-criadas fábricas de automóveis e de caminhões e tratores, hoje designadas “montadoras”, tecnicamente, não trataram Piracicaba como “fim de linha”, mas sim, como parte de suas “linhas de produção”, supridora portanto, de peças e de componentes de seus veículos, antigas e novas oficinas mecânicas, fundições e metalúrgicas, se habilitaram como fornecedoras fabricantes, com sucesso. Um contingente de mão-de-obra, especializada, também seria recrutado aqui.

Mas, o forte mesmo, é o setor de bens de capital sob encomenda, isto é, máquinas, equipamentos vendidos separadamente ou sob a forma de unidades industriais completas, compreendendo, inclusive, obras civis e montagens no campo, fornecimentos esses denominados “chave na mão”, ou em outras palavras, os clientes recebem suas fábricas montadas, testadas e prontas para funcionamento imediato (o treinamento do pessoal, técnico e operacional, integra o fornecimento). Usinas de açúcar, destilarias de álcool, fábricas de fertilizantes, refinarias de açúcar, unidades de tratamento de efluentes industriais (de

101

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4

combate à poluição), são alguns exemplos de fornecimentos habitualmente praticados pelas empresas Dediní, no Brasil, nas Américas do Sul e Central, e até no longínquo Paquistão.

Metalúrgicas e mecânicas pesadas; caldeiraria sofisticada, apta a trabalhar com metais nobres além do próprio aço carbono; fundições de porte; engenharias e escritórios de projetos técnicos, estão, por conseguinte, instaladas e consolidadas no parque industrial piracicabano.

Afora a simples produção de alimentos, humanos e para animais, e a oriunda das atividades artesanais, uma gama considerável de indústrias se desenvolveram em Piracicaba, tanto para as necessidades locais, como para atingir outros mercados de consumo. Obviamente, temos de repetir os exemplos do açúcar, do álcool e da aguardente, já centenários. Vestuários, como roupas e calçados; vinagres e refrigerantes; lustres e luminárias; artefatos de cimento e de cerâmica; artefatos de borracha e de materiais sintéticos para variados fins; móveis de madeira e de metais; ferramental e instrumentação industriais; papel e celulose; produtos químicos; barcos de madeira; implementos agrícolas, móveis hospitalares; processadoras de alimentos (fubá, bolachas, biscoitos, etc.); utensílios domésticos; tanoaria; materiais de limpeza e uma série de outras utilidades comuns em quaisquer comunidades, de produção artesanal.

Na área de serviços, como já ressaltamos, 3.290 empresas dão bem uma idéia da gama de atividades aqui desenvolvidas, empregando elevado número de pessoas nas mais diversas categorias profissionais.

O presente tema é empolgante e, como dissemos no início, o tratamos ao sabor das lembranças pessoais, algumas vivenciadas por nós, outras, colhidas ao longo da nossa vida profissional. Está por merecer um trabalho mais aprofundado e mais amplo. Esperamos, ansiosamente, que os jovens estudantes, com o seu dinamismo, determinação e preparo técnico, venham a se interessar pelo trabalho de pesquisa sobre o processo histórico da economia piracicabana e, com o devido tratamento (que não lhe dei), nos brindem com as suas contribuições intelectuais.

O trinômio — Capital, Trabalho e Recursos Naturais — fundamento de toda e qualquer economia, será sempre grande desafio para os economistas e administradores de empresas, na micro e na Macroeconomia. A combinação desses fatores, feita de modo adequado e racionalmente administrada, será sempre a responsável maior pelo êxito dos empreendimentos no campo das atividades humanas, mesmo naquelas julgadas sem nenhum sentido econômico, que, é bom que se diga, também dependem da boa conjugação desses fatores.

102

I H G P

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano IV 1997
Número 4